

A Nossa
Universidade

Colégio dos Jesuítas
Rua dos Ferreiros - 9000-082, Funchal

Tel: +351 291 209400
Fax: +351 291 209410
Email: gabinetedareitoria@uma.pt

DM

Bullying
A violência entre adolescentes em contexto escolar: uma meta-análise

Liliana Leandra Gonçalves Martins



Bullying
A violência entre adolescentes em contexto escolar:
uma meta-análise

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Liliana Leandra Gonçalves Martins

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO


UNIVERSIDADE da MADEIRA
A Nossa Universidade
www.uma.pt

novembro | 2013

DIMENSÕES: 45 X 29,7 cm

PAPEL: COUCHÊ MATE 350 GRAMAS

IMPRESSÃO: 4 CORES (CMYK)

ACABAMENTO: LAMINAÇÃO MATE

NOTA*

Caso a lombada tenha um tamanho inferior a 2 cm de largura, o logótipo institucional da Uma terá de rodar 90°, para que não perca a sua legibilidade/identidade.

Caso a lombada tenha menos de 1,5 cm até 0,7 cm de largura o layout da mesma passa a ser aquele que consta no lado direito da folha.



Bullying

A violência entre adolescentes em contexto escolar: uma meta-análise

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Liliana Leandra Gonçalves Martins

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

ORIENTADOR

Maria Regina Teixeira Ferreira Capelo

Dedico esta dissertação à minha família, em especial à minha mãe, pelo apoio
incondicional nos momentos mais difíceis.

Dedico este trabalho a todos os jovens, cujas vidas foram prejudicadas pelo
bullying.

Agradecimentos

A realização desta Dissertação de Mestrado nasce de um trabalho efetuado ao longo do último ano lectivo que sem a ajuda de várias pessoas não se teria concretizado.

À Professora Dra. Regina Capelo, Orientadora da Dissertação, pela atenção, apoio e dedicação entregue durante todo o processo de definição e orientação deste trabalho, tal como pelo incentivo e motivação que prestou nos meus momentos mais difíceis, quando parecia ter perdido o rumo.

À minha família e amigos pelo apoio emocional, pela paciência que tiveram comigo e pela ajuda nos momentos de ansiedade, quando achava que não conseguiria chegar ao fim.

Aos meus colegas de profissão e em especial às minhas queridas colegas que sempre estiveram dispostas a me dar auxílio em todos os aspectos possíveis.

A todos, os meus sinceros agradecimentos.

Siglas

DGIDC – Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

EUA – Estados Unidos da América

GTES – Grupo de Trabalho de Educação Sexual

HBSC – *Health Behaviour in School aged Children*

LBSE – Lei de Bases do Sistema Educativo

OMS – Organização Mundial de Saúde

RAA – Região Autónoma dos Açores

RAM – Região Autónoma da Madeira

Resumo

O *bullying* diz respeito a um tipo de violência exercida entre pares em contexto escolar, quando um aluno agride o outro de modo repetitivo, sem razão, causando-lhe danos intencionalmente, havendo uma desigualdade de poder entre eles. A realidade é que os jovens de hoje são os adultos de amanhã, logo os condutores da sociedade onde vivem e o fato de estarem envolvidos em *bullying*, deixa-nos muito preocupados em relação ao futuro. A presente dissertação tem como objetivo descrever de que forma o fenómeno *bullying* tem expressão na população adolescente, em contexto escolar. Metodologicamente, recorreremos à meta-análise para integrar os resultados de estudos já realizados sobre o *bullying* e extrair novas conclusões. Os resultados sugerem: a existência de alunos adolescentes envolvidos em *bullying*, inclusivamente nas escolas da Região Autónoma da Madeira; os tipos de *bullying* sinalizados como existentes são: o verbal, o físico, o sexual, o psicológico, o social e, ainda, o *cyberbullying*; as agressões mais frequentes são as físicas e as verbais; as agressões ocorrem maioritariamente nos recreios, sala de aula, corredores e cantina; os diferentes perfis dos envolvidos; as diversas consequências para os intervenientes; os variados modos de intervenção em *bullying*.

Palavras-chave:

Adolescentes; agressividade; agressor; *bullying*; violência escolar; vítima de *bullying*.

Abstract

Bullying concerns a type of violence exercised between peers in school context, whenever a student attacks another in a recurring and unfounded manner, causing him harm deliberately, thus, being an inequality of power between them. The reality is that today's youth are tomorrow's future, therefore the drivers of the society they belong and the fact of being engaged in bullying makes us very apprehensive about the future. The aim of this thesis is to describe of bullying in youth's population in school context. Meta-analysis is the methodology used to integrate the results of previous studies about bullying and draw new conclusions. The results imply: the existence of teenagers involved in bullying, inclusively in the Autonomous Region of Madeira; the types of bullying marked as existent are: verbal, physical, sexual, psychological, social and cyber bullying; the most frequent attacks are the physical and the verbal, the attacks majority occur in the canteen, classroom, schoolyard, corridors and canteen; the wide-ranging profiles of the affected; the miscellaneous of consequences for the involved and the motley of intervention modes in bullying.

Keywords:

Youth, aggressiveness, aggressor, bullying, school violence, bullying victim.

Índice

Dedicatória.....	I
Agradecimentos.....	II
Siglas.....	III
Resumo.....	IV
<i>Abstract</i>	V
Índice de tabelas.....	VIII
Índice de anexos.....	IX
Introdução.....	1
Parte I.....	3
O <i>Bullying</i>	3
Definição e evolução do conceito.....	3
O <i>bullying</i> na adolescência.....	4
O <i>bullying</i> em contexto.....	6
O perfil dos envolvidos em <i>bullying</i> escolar.....	13
O perfil do agressor (<i>aggressor</i>).....	13
O perfil da vítima passiva (<i>victim</i>).....	15
O perfil da vítima-agressor (provocativa) (<i>victim-offender</i>).....	17
O perfil da testemunha (<i>bystanders</i>).....	18
Risco, protecção, consequências e intervenção em <i>bullying</i>	19
Fatores de risco e fatores de protecção.....	19
As consequências do <i>bullying</i>	21
A intervenção para combater o <i>bullying</i> nas escolas.....	23
O que dizem os estudos realizados sobre o <i>bullying</i>	26
Parte II.....	29
Metodologia.....	29
Introdução.....	29
Questões de Pesquisa.....	29
Objetivos.....	30
Procedimentos.....	30
Parte III.....	32

Resultados	32
Introdução	32
Discussão	49
Conclusão	78
Referências	82
Referências legislativas	88
ANEXOS	89

Índice de tabelas

Tabela 1 – Temáticas e variáveis do <i>bullying</i> escolar	32
Tabela 2 – Envolvimento dos adolescentes em <i>bullying</i> escolar.....	33
Tabela 3 – Envolvimento dos adolescentes agressores em <i>bullying</i> escolar.....	34
Tabela 4 – Envolvimento dos adolescentes vítimas passivas em <i>bullying</i> escolar	35
Tabela 5 – Envolvimento dos adolescentes vítimas-agressor em <i>bullying</i> escolar	36
Tabela 6 – Envolvimento dos adolescentes testemunhas em <i>bullying</i> escolar.....	36
Tabela 7 - Envolvimento dos adolescentes em <i>bullying</i> fora da escola	37
Tabela 8 – Envolvimento dos adolescentes em <i>bullying</i> escolar na RAM.....	38
Tabela 9 – Envolvimento dos alunos adolescentes em <i>cyberbullying</i>	39
Tabela 10 – Tipos de <i>bullying</i> escolar entre adolescentes.....	40
Tabela 11 - Perfil dos adolescentes envolvidos em <i>bullying</i> escolar	41
Tabela 12 - Perfil dos adolescentes envolvidos em <i>bullying</i> escolar (continuação A)	42
Tabela 13 - Agressões mais frequentes entre adolescentes em contexto escolar	43
Tabela 14 – Agressões mais frequentes entre adolescentes nas escolas da RAM	44
Tabela 15 – Locais onde ocorre o <i>bullying</i> entre adolescentes em contexto escolar	44
Tabela 16 – Locais onde ocorre o <i>bullying</i> entre adolescentes nas escolas da RAM	45
Tabela 17 – Consequências do <i>bullying</i> escolar para os adolescentes envolvidos.....	46
Tabela 18 – Tipos de intervenção para prevenir e reduzir o <i>bullying</i> escolar entre adolescentes	48

Índice de anexos

Anexo 1 – Envolvimento dos adolescentes em <i>bullying</i> escolar.....	90
Anexo 2 – Envolvimento dos adolescentes agressores em <i>bullying</i> escolar	92
Anexo 3 – Envolvimento dos adolescentes vítimas passivas em <i>bullying</i> escolar	94
Anexo 4 – Envolvimento dos adolescentes vítimas-agressor em <i>bullying</i> escolar	98
Anexo 5 – Envolvimentos dos adolescentes testemunhas em <i>bullying</i> escolar	99
Anexo 6 – Envolvimento dos adolescentes em <i>bullying</i> fora da escola.....	100
Anexo 7 – Envolvimento dos adolescentes em <i>bullying</i> escolar na RAM.....	101
Anexo 8 – Envolvimento dos alunos adolescentes em <i>cyberbullying</i>	104
Anexo 9 – Tipos de <i>bullying</i> existentes entre adolescentes em contexto escolar	105
Anexo 10 – Perfil dos envolvidos em <i>bullying</i> escolar	111
Anexo 11 – Agressões mais frequentes entre adolescentes em contexto escolar	123
Anexo 12 – Agressões mais frequentes entre adolescentes em contexto escolar na RAM	127
Anexo 13 – Locais onde ocorre o <i>bullying</i> entre adolescentes em contexto escolar	128
Anexo 14 – Locais onde ocorre o <i>bullying</i> entre adolescentes em contexto escolar na RAM	129
Anexo 15 – Consequências do <i>bullying</i> escolar para os adolescentes envolvidos.....	130
Anexo 16 – Tipos de intervenção para prevenir e reduzir o <i>bullying</i> escolar entre adolescentes	140

Introdução

A escola é uma instituição que, para além de ter o encargo de educar e reportar saberes, pretende o pleno desenvolvimento dos alunos, a promoção de valores e relações interpessoais (Costa & Vale, 1998; Delors *et al.*, 1997; Ferraz & Pereira, 2012; Gonçalves, 2011; Haber & Glatzer, 2009). Neste espaço, os alunos aprendem a integrar-se em grupos, aceitando as diferenças uns dos outros e retirando prazer em partilhar com eles os seus interesses e as suas alegrias e tristezas (Haber & Glatzer, 2009).

Assim, a escola que deveria ser um local de aprendizagem e de nutrição de relações positivas entre os alunos (Costa & Vale, 1998; Delors *et al.*, 1997; Ferraz & Pereira, 2012; Gonçalves, 2011; Haber & Glatzer, 2009), é na verdade um local onde acontece exactamente o oposto, ou seja, onde se assiste a desmotivação, desinteresse e, por sua vez, violência, medo e insegurança entre pares. Delors e colaboradores (1997) e Gonçalves (2011) referem que os alunos cujos valores não estão bem consistentes manifestam apatia, instabilidade, insegurança e desapego pela escola, o que faz com que se registre maior número de casos de indisciplina e violência, tal como de comportamentos *bullying*.

O fenómeno *bullying* tem sido objeto de uma preocupação crescente, sendo alvo de inúmeras investigações e intervenções em vários países do mundo (Carvalhosa, Moleiro, & Sales, 2009; Martins, 2005; Matos, Negreiros, Simões, & Gaspar, 2009; Seixas, 2005). Diz respeito a um tipo de violência exercida entre colegas no contexto escolar, em que os comportamentos agressivos são exercidos por um indivíduo – agressor - contra outro – vítima, ocorrendo sem ter havido motivo para tal. É realizado de forma intencional e repetitiva ao longo do tempo com o intuito de intimidar, magoar e humilhar o outro, havendo uma desigualdade de poder entre quem agride e quem é vitimizado (Costa & Vale, 1998; Gonçalves, 2011; Leckie, 1997 & Weinhold, 2000, citados por Seixas, 2006; Olweus, 1991, 1993, 1994, citado por Carvalhosa, Lima, & Matos, 2002; Vila & Diogo, 2009).

As trágicas consequências do *bullying* na vida dos envolvidos obrigam a um olhar atento e interventivo por parte de toda a comunidade educativa e de investigadores com interesse nesta temática.

O interesse por este estudo decorre, principalmente, da necessidade de contribuir para evitar o agravamento deste fenómeno. Assim sendo, o objetivo geral da nossa dissertação consiste em descrever de que forma o *bullying* tem expressão na população adolescente, em contexto escolar.

A recolha de dados foi apoiada numa revisão sistemática da literatura, de modo a responder às questões, interpretando os fatos na sua complexidade e avaliando criticamente os estudos sobre o assunto. Com vista ao enriquecimento das discussões acerca do tema, fizemos uma meta-análise que se baseia numa recolha, selecção e análise de estudos realizados desde 1995 até a atualidade para tirar novas conclusões em amostras de alunos adolescentes.

Relativamente à organização da nossa dissertação, optamos por organizá-la em três partes. Na Parte I apresentamos o enquadramento teórico, onde abordamos o conceito *bullying*, nomeadamente a sua caracterização, a fase da adolescência, o *bullying* em contexto escolar, os diferentes perfis dos envolvidos em *bullying* e o risco, proteção, consequências e intervenção em *bullying*. Na Parte II apresentamos a metodologia que inclui as questões de pesquisa, os objectivos e os procedimentos. Na Parte III expomos os resultados. Terminamos com a discussão dos resultados e as conclusões do nosso estudo.

Parte I

O *Bullying*

Definição e evolução do conceito

O *bullying* diz respeito a um tipo de violência exercida entre pares em contexto escolar, o qual segundo Gonçalves (2011), deriva da palavra inglesa *bully* que significa valentão, estando o termo relacionado com agressividade e vitimização entre alunos na escola. Trata-se de comportamentos agressivos exercidos por um indivíduo ou grupo de indivíduos sobre outro indivíduo ou grupo, havendo uma desigualdade de poder entre quem agride e quem é vitimizado. O *bullying* é praticado pelo agressor e dirigido à vítima, sendo realizado de forma intencional e repetitiva ao longo do tempo, com o intuito de massacrar o outro sem que tenha havido razão para tal (Costa & Vale, 1998; Leckie, 1997 & Weinhold, 2000, citados por Seixas, 2006; Olweus, 1991, 1993, 1994, citado por Carvalhosa *et al.*, 2002; Vila & Diogo, 2009). Não é considerado *bullying* quando dois alunos da mesma idade ou tamanho se envolvem numa discussão ou briga, visto não haver uma desigualdade de poder (Carvalhosa *et al.*, 2002).

O conceito *bullying* surge na Noruega, na década de 70, na sequência de estudos realizados por Olweus. O referido autor utilizava como instrumento o questionário “*Olweus Bully/Victim Questionnaire*¹” (Barros, Carvalho, & Pereira, 2009). Após os estudos de Olweus, aparecem, no final da década de 90, os movimentos sociais e cívicos de sensibilização e pesquisa da temática *bullying*, tal como programas de intervenção e prevenção desenvolvidos por profissionais da área da psicologia e educação, essencialmente. Um estudo em grande escala, coordenado por Smith (1999), realizado em 21 países dos 5 continentes do globo, veio também alertar o mundo para a problemática *bullying* (Alexander, 2007). Do ponto de vista científico, o *bullying* despertou enquanto tema, inúmeros estudos empíricos nacionais e internacionais,

¹ O questionário de Olweus (*self-report questionnaire*) consiste em 25 questões de escolha múltipla colocadas aos alunos. Inclui várias áreas de recolha de informação: sócio-demográficos; relativo à amizade; acerca da vitimização; em relação à agressão. As questões principais estão relacionadas com: a frequência da vitimização; os tipos de comportamento agressivo; os locais onde ocorre; quem são os agressores; se os professores ou colegas tentam impedir que o *bullying* surja; se os professores e os pais têm conhecimento quando ocorre *bullying*; frequência com que agredem os colegas.

crescendo enquanto assunto de interesse sociopolítico, tendo recebido especial atenção da Organização Mundial de Saúde (OMS) (Alexander, 2007).

O *bullying* pode ser físico (pontapear; dar estalos; dar murros; roubar; destruir pertences), verbal (gozar; insultar; pôr alcunhas; espalhar rumores), psicológico (ameaçar; chantagear; enviar mensagens ou fazer telefonemas a dizer coisas desagradáveis), social (ignorar; excluir socialmente) e sexual (exibicionismo; assédio; comentários desagradáveis acerca de determinadas zonas do corpo da vítima; gozar da orientação sexual do outro; tocar em partes íntimas do colega sem da vontade dele; divulgar comentários e/ou imagens/vídeos alheios de caráter sexual) (Bouth & Sousa, 2011; Matos *et al.*, 2009a; Seixas, 2006). Pode ainda o *bullying* ser caracterizado como direto (agressões: físicas; verbais; sexuais) ou indireto (ferir o psicológico; espalhar boatos; excluir socialmente) (Serrate, 2009). Gomes-Pedro (1999, p. 148) salienta que a violência verbal, psicológica e social é aquela “que fere sem deixar marca visível no corpo, mas causa chaga incurável na alma, (...) a que facilmente acaba por arruinar a saúde das sociedades”.

Existe também o *cyberbullying* que consiste na utilização das tecnologias de informação e comunicação para divulgar mensagens, comentários, imagens e/ou vídeos de caráter íntimo da vítima, através de telemóveis, computadores e redes sociais (Bandeira & Hutz, 2012b; Chicote & Martins, 2009; Melim, 2011; Sá, 2007, citado por Andrade, 2012; Schultz, Duque, Silva, Souza, & Carneiro, 2012; Seixas, 2006; Vila & Diogo, 2009), com o intuito de assediar, difamar e espalhar rumores (Willard, 2007, citado por Andrade, 2012), sendo realizado de forma intencional (Neto, 2005; Patchin & Hinduja, 2006, citados por Andrade, 2012; Sá, 2007, citado por Abreu, 2011).

O *bullying* manifesta-se em qualquer escola, seja pública ou privada, em crianças ou adolescentes, porém segundo Bouth e Sousa (2011), Costa e Vale (1999), Matos e colaboradores (2009a) e Vila e Diogo (2009), o *bullying* ocorre maioritariamente na etapa adolescente.

O *bullying* na adolescência

A adolescência é uma etapa do processo de desenvolvimento humano caracterizada pela ocorrência de muitas transformações tanto físicas como psicológicas,

pela necessidade de superar desafios e pela construção da identidade (Ferraz & Pereira, 2012; Matos *et al.*, 2009a; Mendes, 1995; Rebello & Passos, 2009). No que respeita à faixa etária, a OMS considera adolescentes, todos os sujeitos com idades compreendidas entre os 10 e os 19 anos (OMS, 1978, citado por Mendes, 1995).

Alguns autores de referência, tais como Piaget, Freud, Wallon, Gesell, Erikson abordam o desenvolvimento humano (Noack, 2007). Por exemplo Erikson, aborda o desenvolvimento humano, tratando uma sequência de estádios, sendo que cada estágio é construído através da superação do estágio anterior, preparando-se para o próximo. Em cada um dos estádios, o sujeito enfrenta diversos problemas, no qual vai desenvolvendo capacidades adaptativas para lidar com eles. Um dos estádios que o referido autor definiu foi a identidade versus confusão, que ocorre na adolescência. Neste sentido, o autor afirma que a identidade constrói-se ao longo do tempo, conforme as experiências vividas, dependendo da forma como o jovem ultrapassa cada crise. A confusão diz respeito à difusão de papéis, pois o adolescente preocupa-se com o seu papel social, o qual irá originar uma confusão de identidade, fazendo com que ele, através do lidar com os outros, modifique as suas atitudes, construa a sua personalidade, ao mesmo tempo que segue as transformações que ocorrem, típicas da fase da adolescência (Erikson, 1966, citado por Noack, 2007). Na opinião de Rebello e Passos (2009), é na confusão da identidade que o adolescente pode se sentir vazio, se isolar e se sentir ansioso e é à medida que o jovem resolve as suas crises que estabiliza a sua identidade, conquistando a lealdade e fidelidade nele próprio.

Segundo Matos e colaboradores (2009a) na fase da adolescência os jovens estabelecem relações interpessoais, adquirem competências, aprendem a gerir emoções e conflitos. No entanto, apesar dos adolescentes apresentarem impulsos agressivos adaptativos demonstrados desde muito cedo, na opinião dos referidos autores, a tendência é as problemáticas minimizarem conforme as regras familiares, escolares e sociais implementadas.

É na adolescência que se altera a aparência do jovem, podendo este ser um dos focos do comportamento *bullying* (Jansseen *et al.*, 2004, citados por Melim, 2011), tal como a forma como o jovem fala, a roupa que veste, o fato de ser obeso ou muito magro, usar óculos ou aparelho nos dentes, a cor da pele, a sua orientação sexual. Logo, quando o adolescente é possuidor de características que não são as predominantes da

sociedade em que vive, está mais vulnerável à vitimização de *bullying* (Andrade, 2012; Melim, 2011).

Os jovens ocupam-se dos estudos e, como tal, passam grande parte do seu tempo inseridos no meio escolar. Nessa sociedade que é a escola, surgem várias situações de violência, nomeadamente comportamentos *bullying* (Bouth & Sousa, 2011; Costa & Vale, 1998; Matos *et al.*, 2009a; Vila & Diogo, 2009), o que, na opinião de Veiga (2007), este contexto vai contribuir para um clima de medo e insegurança por parte dos alunos.

O *bullying* em contexto escolar

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (2009, p. 639) a escola é uma “instituição que tem o encargo de educar, segundo programas e planos sistemáticos, os indivíduos nas suas diferentes idades da sua formação”. Também é definida como o “conjunto de experiências que contribuem para o amadurecimento da personalidade e/ou que desenvolvem os conhecimentos práticos de determinado indivíduo”.

A escola é, no fundo, uma entidade que faz parte de todo o desenvolvimento humano, um local onde se originam relações interpessoais (Ferraz & Pereira, 2012), é onde a socialização acontece, não se reportando apenas aos saberes científicos, mas também aos valores (Costa & Vale, 1998; Delors *et al.*, 1997; Gonçalves, 2011; Haber & Glatzer, 2009). É um espaço de aprendizagem, onde os jovens vão assimilar normas e aceitar os outros, convivendo com eles (Costa & Vale, 1998). Na escola, aprendem a integrar-se em grupos, a aceitar as diferenças e a retirar prazer em partilhar com os outros as suas alegrias, tristezas e interesses (Haber & Glatzer, 2009). Delors e colaboradores (1997) e Gonçalves (2011) afirmam que os alunos cujos valores não estão bem consolidados manifestam apatia, instabilidade, insegurança, inconsistência e desinteresse pela escola, o que faz com que se registre maior número de casos de indisciplina, condutas anti-sociais e violência, tal como *bullying*.

Neste seguimento, Santos (2004) refere que quando os adolescentes se sentem bem na escola, com os colegas, aprendem com prazer, afirmam uma energia afetivo-emocional e olham de modo positivo para o seu futuro. Porém, tal nem sempre acontece e, cada vez mais, vemos exatamente o contrário, ou seja, desmotivação, desinteresse e,

por sua vez, agressividade. A urgência incide em travar o aumento de situações de violência nas escolas, tendo todo o sistema educativo e comunidade em geral que rumar contra estas ocorrências, optando por algumas transformações no que respeita à educação.

O Dicionário da Língua Portuguesa (2009, p. 566) define a educação como o “processo que visa o desenvolvimento harmónico do ser humano nos seus aspetos intelectual, moral e físico e a sua inserção na sociedade”. Também a caracteriza como o “processo de aquisição de conhecimentos e aptidões” e “adoção de comportamentos e atitudes correspondentes aos usos socialmente tidos como corretos e adequados”.

Na perspectiva de Gimeno Sacristán (1999), a educação é uma tradição que tem o intuito de passar a cultura e os costumes de geração para geração. Educa-se para dar continuidade a determinados conteúdos da tradição e para prolongar o passado no presente, projetando-o para o futuro.

Preocupado com as nossas sociedades complexas e diferenciadas, Gimeno Sacristán (1999) critica que a tradição em vez de servir para a recriação, serve para a solidificação de velhos hábitos. Este autor acrescenta que nas salas de aula reproduzem-se práticas discriminatórias como consequência de práticas sociais do mesmo tipo. Assim sendo, entender a educação requer o exercício de explicar o que acontece na escola como reflexo da sociedade (Bertão, 2004).

Segundo Gomes-Pedro (1999) uma das causas da violência do mundo atual é a ausência de parâmetros morais que deveriam ser transmitidos pela educação familiar e apenas complementados pela escola e comunidade, pois tal como afirma Mendes (1995), a família é o serviço de educação mais antigo e usado do mundo, logo acarreta grande importância. Assim sendo, a educação dada pelos pais vai ter uma grande influência na socialização dos filhos (Vitale, 2001).

A verdade é que, nos últimos tempos, temos assistido a um aumento vertiginoso da violência relativamente ao terrorismo, discriminação, marginalização, manipulação dos mais fortes sobre os mais fracos e também em relação aos comportamentos agressivos que habitualmente presenciamos nas nossas escolas, deixando-nos muito preocupados relativamente ao que será o futuro (Perestrelo, 2008). Ribeiro (2007) acrescenta que a violência em meio escolar faz parte de uma trágica realidade que se vive em todo o mundo, um fenómeno social que coloca em alerta toda a sociedade. Por

sua vez, Vitale (2001) afirma que a violência é um fator de risco para o desenvolvimento cognitivo, social e moral dos indivíduos.

Neste seguimento, segundo as pesquisas efetuadas, verificamos o que abarca a legislação acerca do tema de estudo desta dissertação.

A nível nacional, o n.º 2 do 7.º artigo do Estatuto do Aluno (Lei n.º 39/2010 de 2 de setembro) refere que “a responsabilidade disciplinar dos alunos implica o respeito (...) dos demais alunos”. O n.º 3 do mesmo artigo menciona que “os alunos não podem prejudicar o direito à educação dos restantes alunos”. O n.º 2 do 8.º artigo enuncia que “aos técnicos de serviços de psicologia e orientação (...), incumbe (...) o papel especial de colaborar na identificação e prevenção de situações problemáticas de alunos e fenómenos de violência, na elaboração de planos para estes, envolvendo a comunidade educativa”. O 9.º artigo refere que “o regulamento interno (...) deve proporcionar (...) a harmonia das relações interpessoais e a integração social, o pleno desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos alunos, a preservação da segurança destes”. O n.º 1 do 10.º artigo menciona que “perante a situação de perigo para a segurança, saúde ou educação do aluno, designadamente por ameaça à sua integridade física ou psicológica, deve o diretor do agrupamento de escola ou escola não agrupada diligenciar para lhe pôr termo”. As alíneas *a*) e *i*) do 13.º artigo enunciam, respetivamente, que o aluno tem o direito de: “ser tratado com respeito e correção por qualquer membro da comunidade educativa”, tal como de “respeitar a integridade física e psicológica de todos os membros da comunidade educativa”.

A nível nacional, as alíneas *h*) e *i*) do 10.º artigo do Estatuto da Carreira Docente (Decreto-Lei n.º 270/2009 de 30 de setembro) referem, respetivamente, que os professores têm o dever de: “cooperar na promoção do bem-estar dos alunos, protegendo-os de situações de violência física e psicológica, se necessário solicitando a intervenção de pessoas e entidades à instituição escolar” e “colaborar na prevenção e detenção de situações de risco social, se necessário participando-as às entidades competentes”.

Relativamente ao Estatuto do Aluno e Ética Escolar, a nível nacional (Lei n.º 51/2012 de 5 de setembro) as alíneas *a*) e *j*) do 7.º artigo referem, respetivamente, que o aluno tem o direito de: “ser tratado com respeito e correção (...), não podendo, em caso algum, ser discriminado em razão da origem étnica, saúde, sexo, orientação sexual,

idade, identidade de género, condição económica, cultural ou social ou convicções políticas, ideológicas, fisiológicas ou religiosas” e “ver salvaguardada a sua segurança na escola e respeitada a sua integridade física e moral, beneficiando, designadamente, de especial proteção consagrada na lei penal para os membros da comunidade escolar”. As alíneas *d)*, *g)*, *i)* e *j)* do 10.º artigo mencionam, respetivamente, que o aluno tem o dever de: “tratar com respeito e correção qualquer membro da comunidade educativa, não podendo (...) ser discriminado em razão da origem étnica, saúde, sexo, orientação sexual, idade, identidade de género, condição económica, cultural e social, ou convicções políticas, ideológicas, fisiológicas ou religiosas”; “contribuir para a harmonia e convivência escolar e para a plena integração na escola de todos os alunos”; “respeitar a integridade física e psicológica de todos os membros da comunidade educativa, não praticando quaisquer atos, designadamente violentos, independentemente do local ou dos meios utilizados, que atentem contra a integridade física, moral ou patrimonial dos (...) alunos”; “prestar auxílio e assistência aos restantes membros da comunidade educativa, de acordo com as circunstâncias de perigo para a integridade física e psicológica dos membros”. O n.º 1 do 22.º artigo enuncia que, a violação, por parte do aluno, das alíneas do 10.º artigo, “constitui infração disciplinar possível da aplicação de medida corretiva ou medida disciplinar sancionatória”.

A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE) (Lei n.º 85/2009 de 27 de agosto), a nível nacional, não aborda qualquer questão relacionada com o tema da investigação.

Relativamente ao Estatuto do Aluno do Ensino Básico e Secundário da RAM (Decreto Legislativo Regional n.º 26/2006/M de 4 de julho) este refere, na alínea *e)* do 7.º artigo, que o aluno tem o direito a “ser tratado com respeito e correção por qualquer elemento da comunidade escolar, vendo salvaguardada a sua segurança na frequência da escola e respeitada a sua integridade física”. A alínea *f)* do n.º 4 do 9.º artigo menciona que o aluno tem o dever de “salvaguardar a integridade física e psíquica de todos os membros da comunidade educativa”. O n.º 1 do 24.º artigo enuncia que “o comportamento do aluno que se traduza na violação de um ou mais dos deveres gerais ou específicos constitui infração disciplinar suscetível de aplicação de medida disciplinar”. As alíneas *a)* e *b)* do n.º 8 do 27.º artigo evidenciam, respetivamente, que o aluno é expulso da escola quando: “agreda fisicamente qualquer elemento da

comunidade educativa” e “injúrie ou difame, gravemente, qualquer elemento da comunidade escolar”.

Em relação ao Estatuto do Aluno dos Ensinos Básico e Secundário da Região Autónoma dos Açores (RAA) (Decreto Legislativo Regional n.º 32/2011/A de 24 de novembro) este menciona no n.º 3 do 18.º artigo que “os alunos não podem prejudicar o direito à educação dos colegas”. Mais informa no n.º 1, 2 e 3 do 23.º artigo, respetivamente, que: “o pessoal não docente das unidades orgânicas colabora obrigatoriamente no acompanhamento e integração dos alunos na comunidade educativa, incentivando o respeito pelas regras de convivência, promovendo um bom ambiente educativo e contribuindo (...) para a resolução de problemas”; “os técnicos de serviço de psicologia e orientação (...) são responsáveis pela identificação de situações problemáticas e pela prevenção de fenómenos de violência” e “são responsáveis pela elaboração de planos de acompanhamento de alunos indisciplinados”. O 24.º artigo enuncia que “às equipas multidisciplinares de apoio socio-educativo (...) compete (...) o papel de colaborar na identificação e prevenção de situações problemáticas de alunos, na prevenção de fenómenos de violência e participar na elaboração de planos de acompanhamento destinados a estes alunos”. O 25.º artigo menciona que “o regulamento interno da unidade orgânica deve proporcionar (...) regras de convivência que asseguram (...) a harmonia das relações interpessoais e a integração social, o pleno desenvolvimento físico, intelectual e cívico dos alunos, a preservação da segurança destes”. O n.º 1 do 26.º artigo refere que “o conselho executivo da unidade orgânica deve, quando necessário, solicitar a cooperação das autoridades públicas, privadas ou solidárias competentes, de modo a pôr termo a situações de perigo para a saúde ou segurança do aluno”. As alíneas *a)*, *h)*, *i)* e *j)* do n.º 1 do 27.º artigo enunciam, respetivamente, os direitos dos alunos: “usufruir de uma educação de qualidade de acordo com o previsto na lei, em condições de efetiva igualdade de oportunidades no acesso”; “ser tratado com respeito e correção por qualquer membro da comunidade educativa”; “ser respeitado na sua confissão religiosa” e “ver salvaguardada a sua segurança na escola e respeitada a sua integridade física e psíquica”. As alíneas *g)*, *j)*, *l)*, *m)* e *p)* do 31.º artigo mencionam, respetivamente, que o aluno tem o dever de: “respeitar todos os membros da comunidade educativa”; “contribuir para a harmonia da convivência escolar e para a plena integração de todos os alunos na escola”; “respeitar a

integridade física, moral e psicológica de todos os membros da comunidade educativa”; “prestar auxílio e assistência aos restantes membros da comunidade educativa (...) nomeadamente em circunstâncias de perigo para a integridade física e psicológica dos mesmos” e “respeitar a propriedade dos bens de todos os membros da comunidade educativa”. O 41.º artigo refere que “os comportamentos que violem os deveres previstos no 31.º artigo “constituem infração, passível da aplicação de medida disciplinar preventiva e de integração ou sancionatória”. O n.º 1 do 42.º artigo enuncia que: “o professor ou membro do pessoal não docente que presencie ou tenha conhecimento de comportamentos suscetíveis de constituir infração disciplinar nos termos do artigo anterior deve comunicá-los imediatamente (...) ao diretor de turma”, sendo que o n.º 2 do mesmo artigo refere o mesmo que o n.º 1 mas quando são os alunos a presenciar comportamentos desadequados. O 47.º artigo menciona que as medidas disciplinares e sancionatórias podem seguir: repreensão registada; suspensão da escola até 5 dias; suspensão de 6 a 10 dias úteis; transferência de escola; expulsão da escola.

A nível da legislação existente em Portugal continental, na RAM e na RAA, não foi encontrada nenhuma abordagem que fizesse referência ao conceito *bullying*. De um modo geral, informa que a escola deverá ser, não só um espaço de cidadania e de aprendizagem mas, um local de partilha de espaço comum que possua um ambiente positivo e promotor, um espaço de bem-estar de todos os que dele fazem parte.

Porém, cada vez mais, assistimos a um maior número de casos de agressividade nas escolas e este fato pode estar relacionado com o crescimento da violência na sociedade, visto a escola estar inserida num sistema social, onde cada vez mais são visíveis situações de agressividade. Logo, o que acontece dentro da escola é um reflexo do que se passa fora dela (Bertão, 2004; Gimeno Sacristán, 1999; Matos *et al.*, 2009a; Perestrelo, 2008). Contudo, verificamos uma contradição: por um lado a sociedade está preocupada com o aumento da violência entre os jovens, mas por outro ela própria presenteia o jovem com modelos violentos como jogos de computador violentos e exposição de episódios violentos nos meios de comunicação social (Bertão, 2004), tal como o uso da violência no seio familiar para resolver conflitos. Na verdade, casos de violência na escola sempre existiram, mas o fato é que atualmente essas situações são mais referidas na comunicação social, ganhando assim maior importância e especial atenção (Barros, 2010, citado por Gonçalves, 2011; Barros *et al.*, 2009).

Consequentemente, os jovens são, muitas vezes, alvos de diversos tipos de violência e mesmo aqueles que não a sofrem diretamente, acabam por assistir a cenas agressivas, seja em suas casas, na escola, na rua, na televisão ou nos jogos interativos que os pais lhes compram. As autoridades não deveriam permitir a transmissão de violência na televisão e a venda de jogos que incentivam a prática de comportamentos violentos (Perestrelo, 2008), mas a verdade é que “escolas, meios de comunicação social e até políticas governamentais inadequadas são muitas vezes responsáveis (...) pelo reforço da violência” (Gomes-Pedro, 1999, p. 657).

A consequência é que os jovens aprendem, muitas vezes, por imitação, então copiam aquilo que os estimula, logo ao assistirem a cenas de violência, imitam esse comportamento, recorrendo à agressão no seu quotidiano (Perestrelo, 2008). Esta ideia é defendida na teoria de aprendizagem social de Bandura (1969), citado por Lefrançois (2008), ao referir que os indivíduos aprendem por modelação social, ou seja, padronizam os seus pensamentos e comportamentos segundo o exemplo de outros sujeitos, aprendendo por observação e tornando aquilo que assistem como modelo para si mesmos. Também a televisão por cabo expõe cenas de violência transmitidas em horário acessível aos jovens (Gomes-Pedro, 1999; Tyrode & Bourcet, 2002, citados por Gonçalves, 2011), e estes, ao assistirem a tais episódios, podem se tornar mais insensíveis à agressividade existente no mundo em que vivem, enfraquecendo a sensibilidade à dor e ao sofrimento dos outros tornando-se, assim, mais tolerantes relativamente à violência (Carlson, 1983 & Ekman *et al.*, 1972, citados por Gomes-Pedro, 1999).

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa (2009, p. 1.645) o termo violência é definido como a “força empregada contra o direito natural de outrem” e “ação em que se faz o uso da força bruta”. Já a OMS, num relatório (2002), descreve a violência como a utilização de força física ou poder contra si mesmo ou outro sujeito ou grupo, que origine lesão, morte, danos psicológicos, perturbações e/ou privação do desenvolvimento (OMS, 2008, citado por Velez, 2010). Na opinião de Bertão (2004, p. 152) a violência é o “mecanismo de destruição dirigido contra o objeto, de ataque à sua integridade, que implica abuso de força e de poder, sobre outro ou sobre si próprio, e ausência de respeito pela identidade de cada um”.

A violência na escola é uma das prioridades definidas pelo Grupo de Trabalho de Educação Sexual criado no âmbito do Ministério da Educação (GTES, 2005), sendo obrigatória a sua abordagem em sessões curriculares e extra-curriculares. No trabalho do GTES foi assinado um protocolo entre o Ministério da Educação e Ministério da Saúde (DGIDC, 2006), que delineava atos e responsabilidades. Seguidamente, foi publicado um despacho (DGIDC, 2006) onde a violência é caracterizada como uma das prioridades de intervenção nas escolas em matéria de saúde. Este despacho delimita a abordagem de educação para a saúde e responsabiliza a escola pela sua implementação, delineando medidas (Matos *et al.*, 2009a).

Segundo Gonçalves (2011, p. 44), em 1998, o Observatório Europeu da Violência Escolar teve a iniciativa de criar a Federação Internacional dos Investigadores na área da violência escolar. Posteriormente, foi criado o Observatório Internacional da Violência em Meio Escolar em que nele constavam sete objetivos principais, entre os quais: “a compilação, o encorajamento e a disseminação dos estudos científicos pluridisciplinares de fenómeno da violência em meio escolar”; “a avaliação científica dos estudos e peritagens publicados sobre a violência em meio escolar”; “a realização e publicação regular de um balanço da violência em meio escolar no mundo”; “o apoio à formação dos professores e dos profissionais”.

Segundo Carvalhosa e colaboradores (2002), Seixas (2005) e Vila e Diogo (2009), a um tipo de violência escolar exercida entre pares denomina-se *bullying* e nele estão envolvidos, pelo menos três sujeitos: aquele que agride (o agressor), aquele que é vitimizado (a vítima) e aquele que assiste aos atos de *bullying* (a testemunha).

O perfil dos envolvidos em *bullying* escolar

O perfil do agressor (*aggressor*)

Na perspectiva de diversos investigadores, os adolescentes agressores possuem uma falha nos mecanismos internos de controlo, projetam o seu mal-estar interno no exterior (Bertão, 2004; Matos *et al.*, 2009a), intimidando a vítima (Stephenson & Smith, 1987, citados por Costa & Vale, 1998) e descarregando assim a sua raiva e frustração

(Barros *et al.*, 2009; Berger, 2007, citado por Bandeira & Hutz, 2012a; Chicote & Martins, 2009). Fazem-no, sem terem uma razão específica, não tendo a perfeita noção do quanto podem estar a prejudicar os colegas, logo empatia é característica que não possuem (Boulton & Smith, 1994, citados por Carvalhosa *et al.*, 2002; Chicote & Martins, 2009; Haber & Glatzer, 2009; Heinrichs, 2003, citado por Zaine, Reis, & Padovani, 2010; Melim, 2011; Vila & Diogo, 2009). O agressor costuma fazer-se acompanhar por um pequeno grupo de elementos que o apoia nas agressões e valoriza o seu comportamento de “valentão” (Bouth & Sousa, 2010; Neto, 2005; Schultz *et al.*, 2012; Silva, Romano, & Mascarenhas, 2011).

Os agressores são, normalmente, sujeitos antipáticos, arrogantes (Bertão, 2004; Vila & Diogo, 2009), impulsivos (Harris & Petrie, 2002, citados por Matos & Gonçalves, 2009; Heinrichs, 2003, citado por Zaine *et al.*, 2010; Neto, 2005), populares e fisicamente mais fortes que a vítima (Carvalhosa *et al.*, 2002; Haber & Glatzer, 2009; Harris & Petrie, 2002, citados por Matos & Gonçalves, 2009; Heinrichs, 2003, citado por Zaine *et al.*, 2010; Matos *et al.*, 2009a; Neto, 2005; Schultz *et al.*, 2012), abusando do poder sobre esta através da força (Costa & Vale, 1998; Matos *et al.*, 2009a; Pereira, Silva, & Nunes, 2009). Acreditam que através da violência resolvem todos os problemas (Pereira, 1997), sentindo satisfação em agredir e prazer em dominar, controlar e intimidar os outros (Andrade, 2012; Bandeira & Hutz, 2012b; Chicote & Martins, 2009; Costa & Vale, 1998; Heinrichs, 2003, citado por Zaine *et al.*, 2010; Matos *et al.*, 2009a; Melim, 2011; Neto, 2005). Não têm motivação nem interesse pela escola e sentem-se, de certa forma, infelizes neste espaço (Due, Holstein, & Jorgensen, 1999 & King *et al.*, 1996, citados por Carvalhosa *et al.*, 2002; Harris & Petrie, 2002, citados por Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Neto, 2005), resultando num fraco desempenho escolar (Matos *et al.*, 2009a). São ansiosos (Matos & Gonçalves, 2009; Schultz *et al.*, 2012), têm maior probabilidade para a depressão comparativamente aos alunos não envolvidos em *bullying* (Kaltiala-Heino, Rimpela, Marttunen, Rimpeli, & Rananen, 1999 & Salmon *et al.*, 1998, citados por Carvalhosa *et al.*, 2002) e podem desenvolver sentimentos de culpabilização, vergonha e sofrer isolamento ou exclusão social, devido à prática de atos não aceites pela comunidade (Lopes, 2005, citado por Andrade, 2012).

O jovem agressor agride por ser inseguro (Bouth & Sousa, 2010; Costa & Vale, 1998; Matos & Gonçalves, 2009) e também por querer ser o centro das atenções (Carvalho, 2012). Já na opinião de Silva e colaboradores (2011), o agressor não é encarado como inseguro nem ansioso, visto ter uma opinião positiva sobre si mesmo. Também envolve-se, muitas vezes, no consumo de álcool e drogas (Carvalhosa *et al.*, 2002; Haber & Glatzer, 2009; Harris & Petrie, 2002, citados por Matos & Gonçalves, 2009; Neto, 2005). Tem tendência a pertencer a famílias desestruturadas e pouco afetuosas (DeHaan, 1997, citado por Carvalhosa *et al.*, 2002; Vila & Diogo, 2009), sendo que os pais, por norma, criticam-no mais do que elogiam e não lhe transmite que não deve fazer uso da violência. Por vezes, estes pais utilizam uma disciplina muito rígida e punitiva fisicamente, o que pode levar os filhos a imitar este comportamento (Carvalho, 2012; Greenbaum *et al.*, 1988 & Olweus, 1991, citados por Carvalhosa, *et al.*, 2002; Vila & Diogo, 2009), então o jovem acaba agindo da mesma forma com os outros, nomeadamente para com a vítima.

O perfil da vítima passiva (*victim*)

A vítima passiva é repetitivamente incomodada pelo agressor (Boulton & Smith, 1994, citados por Carvalhosa *et al.*, 2002; Bouth & Smith, 2010; Chicote & Martins, 2009), visto ser, habitualmente, mais frágil, mais nova (Costa & Vale, 1998) e mais fraca física e emocionalmente que este (Bouth & Sousa, 2010; Chicote & Martins, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Neto, 2005; Silva *et al.*, 2011; Schultz *et al.*, 2012; Vila & Diogo 2009; Zaine *et al.*, 2010). É insegura (Barros, 2012; Francisco & Libório, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Neto, 2005; Olweus, 1999, citado por Barros, 2012; Schultz *et al.*, 2012; Seixas, 2006; Serrate, 2009; Vila & Diogo, 2009), possui uma reduzida auto-estima (Chicote & Martins, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Neto, 2005; Pereira, 2008, citado por Melim, 2011; Zaine *et al.*, 2010) e, por isso, sente-se, por vezes, merecedora da violência a que é sujeita (Neto, 2005; Olweus, 1999, citado por Barros, 2012). Desenvolve assim ansiedade, medo e fobias, o que vai originar o isolamento, angústia, *stress* e depressão. É tímida, envergonhada (Bouth & Sousa, 2010; Chicote & Martins, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Neto, 2005; Ramírez, 2001; Schultz *et al.*, 2012; Silva *et al.*, 2011; Zaine *et al.*, 2010) e pode facilmente chorar

(Bouth & Sousa, 2010; Olweus, 1993 & Rigby, 2007, citados por Melim, 2011), o que pode contribuir para a continuada vitimização (Andrade, 2012). Tende a ficar nervosa perante a agressão (Silva *et al.*, 2011), pois sente-se perseguida diante das situações a que é forçada a viver constantemente (Carvalho, 2012). É pouco ou nada assertiva, passiva, evita o conflito e é pouco confiante (Costa & Vale, 1998; Pereira, 1997).

A vítima passiva possui poucas amizades (Cantini, 2004, citado por Bandeira & Hutz, 2012a; Haber & Glatzer, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Neto, 2005; Olweus, 1994 & Schwartz, McFadyen-Katchum, Dadge, Petit, & Bates, 1999, citados por Carvalhosa *et al.*, 2002; Pereira, 2008, citado por Melim, 2011), tem dificuldades em fazer amigos (DeHaan, 1997 & Sudermann *et al.*, 2000, citados por Carvalhosa *et al.*, 2002; Neto, 2005), sendo que também sofre rejeição dos pares (Boulton & Smith, 1994 & Schwartz *et al.*, 1999, citados por Carvalhosa *et al.*, 2002; Pereira, 2008, citado por Melim, 2011). Grande parte das vezes, a vítima passiva não procura ajuda e refugia-se no silêncio (Barros *et al.*, 2009; Bouth & Sousa, 2010; Chicote & Martins, 2012; Neto, 2005; Perestrelo, 2008). Sente o mundo como algo ameaçador, então recorre, frequentemente e por escapatória, ao consumo de álcool e drogas (Bertão, 2004; Bullock, 2002, citado por Matos & Gonçalves, 2009; Chicote & Martins, 2012), podendo também tentar o suicídio devido à exaustão, a consequência mais severa do *bullying* (Chicote & Martins, 2012; Matos *et al.*, 2009a; Vila & Diogo, 2009).

Algumas características do adolescente podem influenciá-lo a ter o papel de vítima, tais como: características da sua personalidade (timidez, introversão), características físicas (ser obeso ou muito magro, vestir-se de modo diferente), o fato de ser novo na escola ou na turma, possuir necessidades educativas especiais, tirar muito boas notas ou muito más notas (Alves & Antunes, 2013), tal como, por exemplo, ter um sotaque diferente (Andrade, 2012; Chicote & Martins, 2012; Melim, 2011; Schultz, *et al.*, 2012), ou seja, quando é possuidor de características diferentes da maioria dos outros jovens.

Após a perseguição a que é sujeita a vítima passiva, esta corre o risco de se tornar num futuro agressor, adotando comportamentos violentos idênticos aos que sofreu anteriormente (Chicote & Martins, 2009; Perestrelo, 2008; Vila & Diogo, 2009), agindo por imitação e por vingança ou frustração (Melim, 2011; Perestrelo, 2008).

As vítimas passivas provêm, normalmente, de pais que protegem demasiado os filhos (Alves & Antunes, 2013; Olweus, 1994, citado por Carvalhosa *et al.*, 2002). Após as vitimizações sofridas, a vítima manifesta, em casa, sinais de alerta como medo de ir para a escola (Barros *et al.*, 2009; Bouth & Sousa, 2010; Chicote & Martins, 2009; Vila & Diogo, 2009), considerando-a um local muito desagradável (Batscha & Knoff, 1994, citados por Carvalhosa *et al.*, 2002), também apresenta sintomas físicos (vômito, dor de cabeça e barriga) e psicológicos (tristeza), dificuldades em dormir, sendo estes alguns dos sinais que a família deve ter em atenção para detetar o comportamento de vitimização do seu educando (Beane, 2011; Haber & Glatzer, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Neto, 2005).

Este tipo de vítima (passiva) não reage quando é agredida, permanecendo inativa, contudo existe ainda outro tipo de vítima (provocativa) que, apesar de o ser, reage perante os atos agressivos.

O perfil da vítima-agressor (provocativa) (*victim-offender*)

A vítima-agressor é frequentemente vitimizada, maltratada e acaba igualmente por provocar e agredir os outros (Bouth & Sousa, 2010; Costa & Vale, 1998; Due & Holstein, 2008, citados por Melim, 2011; Fante, 2005, citado por Oliveira, 2012; Matos *et al.*, 2009a; Schultz *et al.*, 2012), humilhando-os com o intuito de camuflar as suas próprias limitações. Possui caráter explosivo, não fica passiva perante a agressão (Batscha & Knoff, 1994, citados por Zaine *et al.*, 2010; Matos *et al.*, 2009a; Silva *et al.*, 2011), reagindo de modo violento (Chicote & Martins, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Serrate, 2009; Silva *et al.*, 2011), pois não controla os impulsos (Costa & Vale, 1998; Matos *et al.*, 2009a; Seixas, 2006). É pouco popular, insegura, possui reduzida auto-estima e tem tendência para ansiedade e depressão (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Costa & Vale, 1998; Lopes, 2005, citado por Andrade, 2012; Neto, 2005).

A vítima-agressor é inoportuna, apresentando problemas com o grupo de pares na escola, sintomas psicossomáticos e psicológicos e pensamentos suicidas (Liang, Flisher, & Lombard, 2007 & Lopes, 2005, citados por Bandeira & Hutz, 2012b; Neto, 2005), logo também frequentes encaminhamentos para serviços de psiquiatria. Possui défice de competências sociais, dando origem a sentimentos de solidão (Olweus, 1991, citado por

Matos *et al.*, 2009a), pois tem dificuldades de aceitação pelo grupo de pares (Egan & Perry, 1998, citados por Matos *et al.*, 2009a; Lopes, 2005, citado por Bandeira & Hutz, 2012a). Está numa posição de risco psicossocial, visto revelar características tanto de agressor como de vítima em simultâneo (Martins, 2005).

Os ataques a que são sujeitas as vítimas são presenciados, muitas vezes, por outros alunos que não estão diretamente envolvidos no ato, mas que assistem constantemente a estas ocorrências agressivas: as testemunhas.

O perfil da testemunha (*bystanders*)

A testemunha é aquela que está presente nas situações de *bullying*, observa os comportamentos, mas não interfere diretamente no ato (Barros *et al.*, 2009; Bouth & Sousa, 2010; Piedra *et al.*, 2006, citados por Melim, 2011; Vila & Diogo, 2009). A testemunha não age em defesa da vítima, escondendo-se por ser insegura e também visto ter medo de sofrer represálias, logo aprende a conviver com este tipo de situações (Bouth & Sousa, 2010; Chicote & Martins, 2009; Melim, 2001; Neto, 2005; Pereira *et al.*, 2009; Vila & Diogo, 2009).

Assim sendo, a testemunha permanece em silêncio, pois receia ser a próxima vítima, nutrindo assim sentimentos negativos em relação ao que assiste (Barros *et al.*, 2009; Berger, 2007, citado por Bandeira & Hutz, 2012b; Heinrinchs, 2003, citado por Zaine *et al.*, 2010; Neto, 2005; Schultz *et al.*, 2012). Também pode desenvolver perturbações crónicas e, por outro lado, pode se tornar indiferente a estas atitudes (Carvalho, 2012; Chicote & Martins, 2009; Perestrelo, 2008; Schultz *et al.*, 2012). Muitas vezes, pensa agir, porém não acredita na atuação por parte da escola, não se sentindo, assim, segura neste espaço (Chicote & Martins, 2009; Menesini & Modiano, 2003, citados por Oliveira, 2012; Neto, 2005).

Segundo Lopes (2005), citado por Silva e colaboradores (2011), e Neto (2005), a testemunha pode ter várias atitudes perante a agressão, sendo que pode ser caracterizada como: auxiliar (participa ativamente da agressão); incentivadora (estimula o agressor); observadora (só observa ou se afasta); defensora (protege a vítima ou chama alguém para interromper a agressão). Chapell e colaboradores (2004), citado por Matos e

Gonçalves (2009), e Neto (2005), acrescentam que quando as testemunhas observam comportamentos *bullying* também se tornam, posteriormente, agressivas.

Ainda assim, as testemunhas são o grupo com maior potencial para prevenir o *bullying*, visto possuírem competências pessoais e sociais para não permitir estes comportamentos e relatar aos adultos os casos que assistem (Carvalhosa, 2010), sendo que quando interferem, originam ações de sucesso em muitos casos (Neto, 2005). Contudo, muitas vezes, não comentam o que observam por saberem que são ignoradas pelos adultos, permanecendo então caladas (Bouth & Sousa, 2010).

É urgente refletirmos sobre a razão que leva os adolescentes a adquirirem os perfis anteriormente referidos, de forma a atuar nos motivos que os levou a obter tais papéis e perceber que formas existem para que estes jovens modifiquem as suas atitudes.

Risco, protecção, consequências e intervenção em *bullying*

Fatores de risco e fatores de protecção

Definir o que causa os comportamentos *bullying* entre adolescentes, em contexto escolar, pode ser muito complexo, no entanto, alguns autores (Costa & Vale, 1998; Debarbieux, 2007; Lines, 2008, citado por Melim, 2011; Neto, 2005; Olweus, 1984, 1993, citado por Costa & Vale, 1998; Sebastião, Alves, & Campos, 2003, citados por Gonçalves, 2011) referem que pode estar relacionado com fatores individuais, tais como: problemas de saúde e de desenvolvimento, abuso de drogas e distúrbios psicológicos (nervosismo, ansiedade, depressão, temperamento e hiperactividade). Também pode ser potenciado por aspetos familiares, nomeadamente a existência de violência no seio familiar pode servir de exemplo ao adolescente para resolver conflitos, tal como a falta de calor dos pais, a ausência de envolvimento e supervisão parental, o negativismo e a indiferença dos pais em relação ao filho, a atitude muito permissiva e tolerante por parte dos pais em relação à agressividade, o desemprego parental, a relação de demasiada proximidade entre pais-filho (pode acarretar problemas no sentido da relação ser de super-protecção), os maus tratos, a criminalidade parental e a separação

pais-filhos. Pode ainda o *bullying* ser reforçado por aspectos sociais, quando existe agressividade na sociedade onde o jovem vive, o que pode levá-lo a imitar este comportamento, tal como quando há desorganização comunitária, presença de armas e droga e de adultos criminosos. De igual modo a cultura pode influenciar o *bullying* no sentido de haver comportamentos racistas. Os factores escolares podem afetar o *bullying* devido ao insucesso e abandono escolar, tal como problemas disciplinares, mudança de escola e fraca relação com a mesma. Os aspetos grupais podem influenciar o *bullying* quando há envolvimento com outros jovens problemáticos, delinquentes e membros de gangues, tal como quando há conflitos com os pares. Também o fator económico pode afetar os comportamentos *bullying*, porém não existe consenso na relação violência pobreza.

Segundo Matos e colaboradores (2009a) o comportamento agressivo relaciona-se com fatores biológicos (estudos revelam que a componente biológica influencia a agressividade), aspetos ambientais (a agressividade no meio que envolve o jovem pode influenciá-lo a imitar aquilo que assiste) e fatores da personalidade (adolescentes agressivos para além de serem impulsivos, tendem a uma perturbação da personalidade, desrespeitam os outros, não possuem empatia, apresentam dificuldades de relacionamento com os outros). Ainda na opinião destes autores, a violência escolar pode estar relacionada com o aumento da escolaridade obrigatória, o que vai prolongar a vida dos jovens na escola, logo estes podem não se sentir motivados para tal, não possuir expectativas nem interesse pelos estudos, então preferem perturbar os outros, sendo que resulta posteriormente num fraco desempenho e sucesso escolar, o que vem piorar ainda mais a situação no que toca à agressividade. Porém, Carvalhosa (2010) e Debarbieux (2007) sublinham que não existe uma causa específica para os comportamentos violentos.

Quanto aos fatores de proteção, podemos revelar que estudos acerca da relação parental afirmam que estilos de relacionamento parental saudáveis e com boa comunicação, desempenham funções importantes, sendo decisivas no ajustamento psicossocial e na saúde mental dos adolescentes (Ferraz & Pereira, 2012). Logo, há que agir intolerantemente perante a existência de agressividade e manter uma relação de proximidade familiar e de afeto, o que vai reduzir a vulnerabilidade do adolescente no adotar de comportamentos violentos ou sofrer de vitimização (Matos *et al.*, 2009a), pois

estes comportamentos acarretam consequências sérias para os que nele estão envolvidos.

As consequências do *bullying*

Em tempos, o *bullying* era visto como um problema menor entre jovens, pelo fato de ser considerado inevitável. Hoje em dia, sabemos que o *bullying* acarreta consequências prejudiciais tanto para agressores como para vítimas (Melim, 2011), nomeadamente perturba a vida escolar e a boa convivência entre os adolescentes (Martins, 2005). Contudo, as consequências do *bullying*, em meio escolar, implicam não só com a vida de quem o pratica e de quem o sofre mas também de quem o assiste e de quem precisa intervir (Almeida, 2009; Kim, 2006, citado por Abreu, 2011; Neto, 2005; Perestrelo, 2008). As consequências podem ser a curto e/ou a longo prazo, podendo influenciar negativamente o desenvolvimento psicoafetivo e social dos jovens, originando um desenvolvimento muito pouco saudável (Williams *et al.*, 1996, citados por Matos & Gonçalves, 2009).

Além disso, os alunos que não têm sucesso escolar, vão ter também um reduzido auto-conceito e uma auto-estima fraca e, apesar de não serem agressivos, podem adquirir comportamentos violentos e desviantes posteriormente. Uma outra consequência resultante da agressividade juvenil é que os mais novos têm tendência a imitar estes comportamentos condenáveis (Bandura 1969, citado por Lefrançois, 2008; Perestrelo, 2008).

Os agressores quando adultos apresentam maior risco de desenvolverem instabilidade profissional, perda de oportunidades, relacionamentos pouco duradouros (Bullock, 2002, citado por Matos & Gonçalves, 2009; Lopes, 2005, citado por Andrade, 2012; Neto, 2005), comportamentos desviantes e anti-sociais, dificuldades em respeitar a lei e em se inserir socialmente, comportamentos psicopáticos e violentos, tal como problemas de violência doméstica (Heinrichs, 2003, citado por Zaine *et al.*, 2010; Matos *et al.* 2009a; Neto, 2005; Olweus, 1993 & Pereira *et al.*, 2004, citados por Melim, 2011; Pereira, 2008, citado por Saúde, 2011; Seixas, 2006; Vila & Diogo, 2009).

À vítima, as constantes vitimizações, pode causar-lhe efeitos drásticos, tais como: danos físicos e psicológicos, exclusão e isolamento social (Matos *et al.*, 2009a;

Seixas, 2006; Young & Sweeting, 2004, citados por Matos & Gonçalves, 2009), depressão, diminuição da auto-estima, auto-conceito negativo (Aalsma & Brown, 2008; Chicote & Martins, 2009; Lopes, 2005, citado por Andrade, 2012; Schultz *et al.*, 2012), refúgio no álcool e drogas (Chicote & Martins, 2009; Heinrichs, 2003, citado por Zaine *et al.*, 2010; Matos *et al.*, 2009a; Pereira, 2006, citado por Melim, 2011), distúrbios psiquiátricos (Kumpulainen, 2008, citado por Melim, 2011), desenvolvimento de fobias como: fobia escolar e social (Bouth & Sousa, 2010), problemas de relacionamento, uma vida infeliz e destruída (Alves & Antunes, 2013; Pereira, 1997), sendo que num momento de exaustão pode tentar o suicídio (Alves & Antunes, 2013; Chicote & Martins, 2009; Pereira, 2008, citado por Andrade, 2012; Pereira *et al.*, 2009; Schultz *et al.*, 2012; Vila & Diogo, 2009; Young & Sweeting, 2004, citados por Matos & Gonçalves, 2009). De outro modo, pode ainda a vítima, futuramente, adquirir o papel de agressor e se tornar num adulto violento (Isernhagen & Harris, 2004, citados por Matos & Gonçalves, 2009; Perestrelo, 2008; Schultz *et al.*, 2012).

A vítima rejeita a ida à escola, usando, muitas vezes, desculpas para o justificar, outras vezes sente-se indisposta, apresentando dores de cabeça e estômago, diarreia e vômitos. No regresso a casa manifesta um humor irritado ou triste, roupas e/ou materiais escolares sujos ou danificados, aflição e medo (Bandeira & Hutz, 2012a; Bouth & Sousa, 2010; Chicote & Martins, 2009; Neto, 2005; Schultz *et al.*, 2012). Implora aos pais para mudar de turma ou de escola, não apresentando uma razão específica e, quando tal não acontece, fica desmotivada com os estudos, possui dificuldades de aprendizagem, diminuindo assim o seu rendimento escolar (Schultz *et al.*, 2012).

A testemunha ao assistir a comportamentos *bullying* acaba por se sentir triste, apreensiva, indignada e com vergonha ou culpa por não agir em defesa da vítima. Sente-se incomodada e insegura na escola, sofre em silêncio, fica ansiosa e com medo de ser a próxima vítima, podendo ver prejudicado o seu percurso académico e social. Por outro lado, também há testemunhas que se tornam indiferentes ao sofrimento dos seus colegas vitimizados (Amado & Freire, 2002, citados por Saúde, 2011; Bandeira & Hutz, 2012a; Chicote & Martins, 2009; Melim, 2011; Neto, 2005; Vila & Diogo, 2009; Zaine *et al.*, 2010), tornando-se agressivas posteriormente (Chapell *et al.*, 2004, citados por Matos & Gonçalves).

Logo, devido às trágicas consequências a que estão sujeitos todos os alunos envolvidos em *bullying*, há que refletir e, por sua vez, agir no que toca à prevenção e intervenção desta problemática, de forma a reduzir estes cruéis comportamentos entre os adolescentes na escola.

A intervenção para combater o *bullying* nas escolas

O fenómeno *bullying* não é recente e tende a tomar, cada vez mais, maiores proporções se não tomarmos consciência da sua existência. Para isso devem ser tomadas medidas, o quanto antes, para diminuir estas ocorrências nas escolas (Pereira *et al.*, 2009). Devem elas ser baseadas num diagnóstico contextualizado e particularizado de cada escola, numa perspetiva de crescimento pessoal e de promoção de uma regulação positiva dos conflitos e relações interpessoais (Matos *et al.*, 2009a), de forma a transformar os jovens, desde início, em cidadãos úteis e ativos na sua comunidade (Costa & Vale, 1998; Ferraz & Pereira, 2012). Assim sendo, há que promover competências e modificar o comportamento seja da vítima, seja do agressor (Costa & Vale, 1998).

Prevenir a violência é uma prioridade, tal como uma tarefa de todos, sejam educadores, técnicos ou políticos (Ferraz & Pereira, 2012; Gomes-Pedro, 1999; Schultz *et al.*, 2012). A intervenção não deve apenas incluir a escola, mas também a família e sociedade em geral (Chicote & Martins, 2009; Martins, 2005; Matos *et al.*, 2009a, 2009b; Neto, 2005; Schultz *et al.*, 2012), visto serem estes os responsáveis em formar os adolescentes, que futuramente serão os adultos condutores da sociedade a que pertencem (Gomes-Pedro, 1999).

Os programas de intervenção implementados nas escolas têm prevenido a violência nos jovens, revelando-se eficazes (Matos *et al.*, 2009a). Um programa muito conhecido é o Programa de Prevenção de *Bullying* de Olweus (“*Olweus Bullying Prevention Program*” - OBPP), fundado por este autor. Este programa foi realizado para prevenir e minimizar as situações de *bullying*, no sentido de construir um clima de cooperação e melhor relacionamento entre os alunos (Ferguson, San Miguel, Kilburn, & Sanchez, 2007, citados por Abreu, 2011; Olweus, & Limber, 2010, 2011, citados por Andrade, 2012).

As estratégias de prevenção e intervenção em *bullying* seguem, muitas vezes, as ideias de Olweus. Neste sentido devem envolver o agressor e a vítima, dando-lhes apoio individualizado, tal como promovendo competências cognitivas, emocionais e comportamentais, nomeadamente: gestão emocional; comportamento assertivo; resolução de problemas; escuta-ativa; trabalho em equipa; procura de soluções pacíficas; uso do humor no lidar com o agressor; trato amigável; envolvimento na participação ativa; técnicas de relaxamento; atividades extracurriculares; recurso ao desporto, às artes entre outras actividades para controlar o *stress*, aborrecimento/tédio, ansiedade/depressão, podendo melhorar a frequência da agressão, visto se manterem entretidos e ocupados nas atividades que lhes proporciona agrado; utilização de vídeos, teatro-debate, histórias, jogos dramáticos e cooperativos. Preconizam, ainda, o envolvimento dos professores e da escola, no sentido de avaliar o problema na própria escola, identificando as atividades *bullying*, estabelecendo regras no regulamento escolar contra este fenómeno, oferecendo formação adequada aos professores, promovendo o diálogo, envolvendo e responsabilizando os alunos, tal como melhorando a supervisão. Também as famílias devem se envolver no percurso escolar do seu educando, identificando sinais de violência no adolescente e prevenindo comportamentos agressivos. Quanto à política é crucial que valorize e invista no sistema social e educativo (Costa & Vale, 1998; Gomes-Pedro, 1999; Grew *et al.*, 2005, citados por Pereira, 1997; Matos & Gonçalves, 2012; Olweus, 1991, 1993, 1994, citado por Matos *et al.*, 2009a; Pereira, Costa, Melim, & Farenzena, 2011; Smith, 2002, citado por Pereira, Melim, & Farenzena, 2011).

Pereira e colaboradores (2009) propõem dois níveis para prevenir e reduzir o *bullying* em contexto escolar: a longo prazo (incluindo o tema na formação académica de profissionais de diferentes áreas; melhorando os recreios/pátios, de forma a diversificar a oferta de espaços que facilite a supervisão) e a curto e médio prazo (tratando do *bullying* o mais cedo possível, junto do contexto escolar e comunitário; elaborando um projeto educativo e um regulamento disciplinar onde são definidas as políticas globais de forma clara, envolvendo toda a comunidade educativa; sensibilizando e dando formação aos docentes, funcionários da escola e pais/encarregados de educação; melhorando os recreios/pátios; oferecendo aos alunos

desporto escolar e outras ocupações dos tempos livres; sensibilizando os alunos para a problemática).

Segundo Neto (2005) a prevenção do *bullying* deve se centrar na formação de grupos de apoio (que protegem os alunos e os auxilia na solução dos comportamentos *bullying*), na vítima (dando apoio) e nos agressores (criando condições para desenvolverem comportamentos mais amigáveis, evitando o uso da punição, castigos, supervisão ou exclusão da escola, pois acabaria por marginalizá-los). Os alunos envolvidos em *bullying* devem ser observados de perto e atentamente para que haja possibilidade de redução deste tipo de situações, atenuando a incidência e reincidência de delinquência futura (Ferraz & Pereira, 2012). Quanto aos professores, na opinião Chicote e Martins (2009), é necessário que estejam recetivos ao diálogo na sala de aula, respeitando as diferenças entre os alunos, criando um ambiente de tolerância, respeito e cooperação, sendo que ao tomarem conhecimento das situações de *bullying*, devem informar de imediato a direção da escola e os pais/encarregados de educação dos alunos envolvidos, procurando resolver o problema.

Na opinião de Seixas (2006), é preciso que a escola adote uma política de “tolerância zero” em relação ao *bullying*, fazendo esforços para contrariar o silêncio das vítimas, sendo para isso necessário relatar as ocorrências, reforçar a segurança neste espaço, possibilitar às vítimas serem ajudadas e integrar nos seus currículos um programa disciplinar específico, onde constem medidas eficazes para lidar com o *bullying*, proporcionando alternativas a estes comportamentos.

A atuação em relação ao *bullying* é notória em vários países como por exemplo nos Estados Unidos da América (EUA) o *Second Step - A Violence Prevention Curriculum*, um programa usado nas escolas que visa diminuir a agressão física e aumentar os comportamentos pró-sociais; na Noruega o Programa de Olweus *The Bullying Prevention Program*, com o intuito de prevenir e reduzir o *bullying* escolar; na Austrália, *The Beyond Bullying Program: Na Innovative Program Empowering Teachers to Counterack Bullying in Schools*; no Canadá a *Semana Nacional de Atenção ao Bullying*. Em Portugal o projeto “Aventura Social & Risco” que consiste na elaboração e avaliação de programas de promoção de competências de relacionamento interpessoal (Matos, Simões, Gaspar, & Equipa do Projeto Aventura Social, 2009); o programa “Aventura Social e Saúde” integrado numa rede Europeia (*Health Behaviour*

in *School Aged Children* – HBSC), elaborado pela OMS, que pretende ter impacto nas políticas de promoção e educação para a saúde, iniciado em 1996, realizando-se de 4 em 4 anos; o “Programa de Promoção de Competências Pessoais e Sociais na Prevenção da Violência em Portugal” que pretende ajudar crianças e adolescentes no desenvolvimento de capacidades pessoais e relacionais, permitindo a cada indivíduo refletir sobre a forma como se relacionar com os outros e resolver conflitos, desenvolvendo competências que promovam a inserção social, a harmonia e a cooperação, permitindo que os alunos conheçam melhor o seu próprio corpo e ganhem maior assertividade (Matos, 1998, 2005, citado por Sebastião, 2010).

De acordo com Alexander (2007), Carvalhosa (2010) e Seixas (2009) é necessário serem criadas mais ações anti-*bullying*, tal como intervenções nas escolas para potenciar a cooperação, justiça e solidariedade, criando assim condições para relações cada vez mais humanas e virtuosas, onde não haja lugar para o uso da agressão, humilhação, intimidação e maus-tratos, de modo a que os estudos elaborados não continuem a revelar valores significativos de envolvimento em comportamentos de *bullying* escolar.

O que dizem os estudos realizados sobre o *bullying*

Estudos realizados revelam que os rapazes estão mais envolvidos em situações de *bullying* do que as raparigas (Felix & Green, 2010, citados por Melim, 2011; Lagerspetz & Bjorkqvist, 1992 & Olweus, 1993a, citados por Pereira, 1997; Pereira, 1997), tal como assumem-se mais frequentemente como agressores do que o sexo oposto (Craig & Harel, 2004, citados por Melim, 2011; Genta, Menesini, Forzi, Costabile, & Smith, 1996 & Olweus, 1993a & Whitney & Smith, 1993 & Salmivalli, Lagerspetz, Bjorkqvist, Oterman, & Kaukiainen, 1996, citados por Pereira, 1997), sendo que também são mais frequentemente vítimas do que o sexo feminino (Agra *et al.*, 2000 & Salmon *et al.*, 1998, citados por Matos *et al.*, 2009a; Felix & Green, 2010, citados por Melim, 2011; Olweus, 1991 & Whitney & Smith, 1993, citados por Pereira, 1997). Contudo, a pesquisa sobre o *bullying*, levada a cabo pela OMS, verificou que em todos os países, as raparigas referem níveis de vitimização iguais ou superiores aos rapazes (Craig & Harel, 2004, citados por Melim, 2011).

O número de vítimas é superior ao número de agressores (Hoover, Oliver, & Hazler, 1992 & Mellor, 1990 & Ortega, 1994b & Lagerspetz *et al.*, 1982, citados por Pereira, 1997). Em relação à faixa etária, são os alunos mais novos os que mais sofrem vitimizações (Sharp & Smith, 1991, citados por Costa & Vale, 1998), talvez devido à sua menor capacidade de defesa em relação aos mais velhos (Whitney & Smith, 1993, citados por Costa & Vale, 1998), logo a frequência de ser vítima decresce conforme aumenta a idade (Whitney & Smith, 1993, citados por Pereira, 1997).

As agressões mais frequentes são: o “chamar nomes” (Ortega, 1994 & Whitney & Smith, 1993, citados por Pereira, 1997; Sharp & Smith, 1991, citados por Costa & Vale, 1998); a agressão física; a agressão indirecta (Salmivalli *et al.*, 1996, citados por Pereira, 1997). Já a agressão mais utilizada pelos rapazes é a física e as ameaças e as raparigas usam mais a agressão verbal e social (Ahmad & Smith, 1994 & Whitney & Smith, 1991, 1993, citados por Costa & Vale, 1998; Craig, 1998 & Bacchini, Fusco, & Osschinegro, 1999, citado por Melim, 2011; Perestrelo, 2008). Porém, o estudo de Olweus (1999), citado por Melim (2011), e Lagerspetz e colaboradores (1988), citados por Pereira (1997), mostra que o *bullying* verbal é utilizado de igual forma tanto pelos rapazes como pelas raparigas. Quanto à agressão física, diminui conforme aumenta a idade e é menos frequente entre as raparigas (Genta *et al.*, citados por Pereira, 1997).

De um modo geral, a frequência de ser agressor diminui conforme aumenta a idade (Genta *et al.*, 1996, citados por Pereira, 1997). Contudo, em relação ao género, enquanto que nas raparigas a tendência para serem agressoras diminui com a idade, nos rapazes aumenta (Olweus, 1991, citado por Costa & Vale, 1998; Whitney & Smith, 1993, citados por Costa & Vale, 1998). Em relação às vítimas, a frequência de serem alvos de ameaças reduz conforme aumenta a idade, tal como diminui com o ano de escolaridade (Matos *et al.*, 2009a).

Whitney e Smith (1993), citados por Pereira (1997), realizaram uma investigação no Reino Unido e verificaram que as escolas com maiores taxas de *bullying* tendem a ter alunos que não gostam de ficar sozinhos no recreio, pois é nos intervalos das aulas que as vítimas são normalmente atingidas (Perestrelo, 2008), essencialmente nos recreios/pátios e corredores (Abreu, 2011; Almeida, Pereira, Valente, & Mendonça, 1996 & Pereira, Almeida, Valente, & Mendonça, 1996, citados por Pereira, 1997; Andrade, 2012; Neto, 2005; Ortega, 1994, citado por Pereira, 1997;

Pereira *et al.*, 2009, citados por Melim, 2011; Whitney & Smith, 1993, citados por Pereira, 1997), sendo também a sala de aula apontada como local onde ocorre *bullying*, maioritariamente do tipo verbal e psicológico. Também as casas-de-banho (Genta *et al.*, 1996 & Ortega, 1994b & Whitney & Smith, 1993, citados por Pereira, 1997; Moulton, 2010, citado por Abreu, 2011), porta da escola, entrada para o autocarro e caminho casa/escola/casa são locais referidos pelos próprios adolescentes como sítios de destaque para a agressão (Whitney & Smith, 1993, citados por Costa & Vale, 1998).

Um estudo longitudinal elaborado por Olweus (1978), na Suécia, incluiu 900 rapazes do 6.º e 9.º ano de escolaridade que foram acompanhados até os 23 anos de idade, tendo verificado que os alunos que na adolescência foram agressivos, se envolvem mais em comportamentos delinquentes quando adultos do que os outros alunos que não eram agressores (Pereira, 1997).

Neste sentido, há a necessidade de serem tomadas medidas de prevenção e intervenção em *bullying*, de modo a reduzir esta problemática tão trágica e tão presente nas escolas de todo o mundo. É sim conveniente proporcionar aos adolescentes experiências de convivência de cidadania ativa, na procura de relações mais humanas, onde não haja espaço para agressão e humilhação, na esperança de um mundo melhor.

Parte II

Metodologia

Introdução

Após o enquadramento teórico, passamos a apresentar a metodologia utilizada neste estudo.

Optamos por uma meta-análise de modo a conseguir uma síntese dos resultados de estudos elaborados anteriormente e uma nova abordagem conclusiva. Neste seguimento, delineamos as questões de pesquisa, tal como expomos os objectivos e de seguida referimos os procedimentos.

Questões de pesquisa

Com base no acima exposto, decidimos colocar as seguintes questões:

1. Será a adolescência uma fase do desenvolvimento onde ocorrem comportamentos *bullying*, em contexto escolar?
2. Existem estudos de *bullying* realizados na RAM?
3. Será que os alunos adolescentes estão envolvidos em *cyberbullying*?
4. Existem recursos legais que permitem auxiliar a organização escolar a lidar com o fenómeno *bullying* entre adolescentes na RAM?
5. Quais são os tipos de *bullying* existentes?
6. Qual é o perfil dos envolvidos em *bullying*?
7. Quais são as agressões mais frequentes entre adolescentes em contexto escolar?
8. Quais são os locais onde ocorrem mais situações de *bullying* em contexto escolar?
9. Quais são as consequências que o *bullying* acarreta para os envolvidos?
10. Que intervenções existem para prevenir e reduzir o *bullying* escolar?

Objetivos

O *bullying*, conforme apresentamos no enquadramento teórico, tem vindo a se converter num fenómeno complexo e objecto de uma preocupação crescente, sendo alvo de muitas investigações em todo o mundo.

Neste âmbito, delineamos o seguinte objetivo geral:

- Descrever de que forma o fenómeno *bullying* tem expressão na população adolescente, em contexto escolar.

Assim, nesta sequência, propomos os seguintes objetivos específicos:

- A- Verificar a existência de *bullying* em adolescentes, em contexto escolar.
- B- Conhecer os preceitos legais que permitem à organização escolar lidar com casos de *bullying* na RAM;
- C- Analisar os efeitos negativos que o *bullying* acarreta para os envolvidos neste fenómeno.

Procedimentos

Recorremos à meta-análise que consiste numa revisão sistemática da literatura para integrar os resultados dos estudos pesquisados (Sousa & Ribeiro, 2008). Na opinião de Lovatto e colaboradores (2007), citados por Bento (2011), a meta-análise segue alguns passos, nomeadamente: define o tema de pesquisa (problemática a estudar); sistematiza as informações (os dados obtidos); codifica os dados, filtra-os e analisa-os. Logo, é uma técnica para combinar e integrar os resultados de vários estudos sobre um certo tema. De acordo com Luíz (2002), a meta-análise permite combinar resultados de estudos realizados anteriormente de forma individual e posteriormente juntá-los para tirar uma nova conclusão. Os estudos com recurso à meta-análise são considerados heterogéneos devido à abordagem de investigações quantitativas e qualitativas.

Como os estudos que incluem a nossa investigação não utilizam metodologias suficientemente semelhantes para serem combinados e permitir calcular uma medida sumária do efeito para justificar uma combinação, optamos por realizar, apenas, uma síntese dos resultados.

Com o intuito de responder às questões de investigação e indo ao encontro dos objetivos traçados, utilizamos a pesquisa em livros, artigos científicos de estudos empíricos, revistas científicas (*Análise Psicológica; Psychologica; Psicologia, Saúde & Doenças; Interações; Revista AMAzônica; Servir; Psicologia Escolar e Educacional; Nucleos*), jornais (*Jornal de Pediatria; Journal of Adolescent Health*), dissertações de mestrado e teses de doutoramento sobre o tema. Iniciamos a pesquisa por palavras-chave em bases de dados informáticos (*B-On; Elseiver; Scielo; Dialnet; Rcaao*), tal como em autores entendidos do assunto como Matos e colaboradores (2009a, 2009b) e Seixas (2005, 2006, 2009), utilizando temas como: “efeitos do *bullying*”; “violência escolar”; “agressividade entre pares”; “provocação entre adolescentes”; “intervenção em *bullying*”.

Relativamente aos critérios de inclusão elegemos os estudos de *bullying*, em contexto escolar, a partir do ano 1995 até a atualidade, valorizando os estudos mais recentes, em que incluímos amostras com adolescentes do sexo feminino e masculino do 2.º e 3.º ciclo do ensino básico e secundário. Logo, o alvo do nosso estudo são os alunos em idade adolescente e que frequentam estabelecimentos de ensino. Quanto aos critérios de exclusão, colocamos de parte todos os estudos anteriores ao ano 1995, com outro tipo de população que não a adolescente e de outro ciclo de estudos que não o 2.º e 3.º ciclo do ensino básico e secundário.

No capítulo seguinte passamos à apresentação dos resultados.

Parte III

Resultados

Introdução

Em conformidade com os procedimentos recomendados por Bogdan e Biklen (1994), analisamos os documentos selecionados, dos quais extraímos uma lista de sete temáticas e vinte variáveis conforme podemos observar na seguinte tabela:

Tabela 1

Temáticas e variáveis do bullying escolar

Temáticas	Variáveis
O <i>bullying</i> na adolescência	Envolvimento em <i>bullying</i> na escola Envolvimento em <i>bullying</i> fora da escola Envolvimento em <i>bullying</i> nas escolas da RAM Envolvimento em <i>cyberbullying</i>
Tipos de <i>bullying</i>	Verbal Físico Sexual Psicológico Social Virtual ou <i>Cyberbullying</i>
Perfil dos envolvidos em <i>bullying</i>	Agressor Vítima passiva Vítima-agressor (provocativa) Testemunha
Tipos de <i>bullying</i> mais utilizados	Agressões mais frequentes Agressões mais frequentes na RAM
Locais onde ocorre o <i>bullying</i>	Locais onde ocorrem mais agressões Locais onde ocorrem mais agressões na RAM
Consequências do <i>bullying</i>	Consequências para os envolvidos
Intervenção em <i>bullying</i>	Formas de intervenção para prevenir e reduzir o <i>bullying</i>

Na procura de respostas para as questões de pesquisa e a partir das temáticas presentes na tabela 1, sistematizamos as variáveis emergentes e sintetizamos os resultados obtidos.

***Bullying* entre adolescentes em contexto escolar**

A tabela 2 indica que houve envolvimento dos alunos adolescentes em *bullying* escolar, com maior incidência no género masculino.

Tabela 2

Envolvimento dos adolescentes em bullying escolar

Variável	Síntese dos resultados
	Houve envolvimento dos adolescentes em <i>bullying</i> escolar.
Envolvimento em <i>bullying</i> na escola (ver Anexo 1)	Foram os rapazes a apresentar maior nível de envolvimento em <i>bullying</i> . O “envolvimento com regularidade” (2 ou mais vezes por mês, nos últimos 2 meses) em <i>bullying</i> foi superior ao “envolvimento de modo mais intenso” (mais do que 2 vezes por semana, nos últimos 2 meses).

Seguidamente, na tabela 3 apresentamos o envolvimento dos adolescentes agressores em *bullying* escolar:

Tabela 3

Envolvimento dos adolescentes agressores em bullying escolar

Variável	Síntese dos resultados
	Os rapazes apresentaram maior envolvimento como agressores em <i>bullying</i> escolar do que as raparigas.
	A prevalência das agressões em <i>bullying</i> diminuiu conforme aumentou o ano de escolaridade.
Envolvimento dos agressores em <i>bullying</i> escolar (ver Anexo 2)	A heteroperceção dos rapazes sobre o envolvimento em <i>bullying</i> foi superior à auto-perceção.
	A auto-perceção das raparigas sobre o envolvimento em <i>bullying</i> foi superior à auto-perceção.
	Os alunos agrediram mais o sexo oposto do que os membros do mesmo sexo.

Os resultados indicam que foi o sexo masculino a apresentar mais comportamentos *bullying* e que a frequência com que aconteceram as agressões diminuiu à medida que aumentou o ano de escolaridade. A percentagem dos rapazes que se consideraram agressores foi menor do que a ideia que os colegas tiveram sobre a sua existência, contudo, as raparigas assumiram-se mais como agressoras do que a ideia que os colegas tiveram sobre a existência delas.

Na tabela 4 passamos a apresentar o envolvimento das vítimas passivas em *bullying* escolar:

Tabela 4

Envolvimento dos adolescentes vítimas passivas em bullying escolar

Variável	Síntese dos resultados
Envolvimento das vítimas passivas em <i>bullying</i> escolar (ver Anexo 3)	A porcentagem de ser “vítima uma vez” foi superior à de ser “vítima duas ou mais vezes”.
	A auto-percepção sobre o envolvimento como vítima foi superior à heteropercepção.
	O “envolvimento com regularidade” (2 ou mais vezes por mês, nos últimos 2 meses) em <i>bullying</i> foi superior ao “envolvimento de modo mais intenso” (mais do que 2 vezes por semana, nos últimos 2 meses).
	A categoria “raramente sofreu <i>bullying</i> ” foi superior à categoria “sempre sofreu <i>bullying</i> ”.
	Conforme aumentou a idade, a tendência para ser vítima de <i>bullying</i> diminuiu.
	Conforme aumentou o ano de escolaridade, a tendência para ser vítima de <i>bullying</i> decresceu.
	Tanto os rapazes como as raparigas se envolveram na vitimização de <i>bullying</i> .
	As raparigas foram “vítimas uma vez” em maior porcentagem do que os rapazes.
Os rapazes foram “vítimas duas ou mais vezes” em maior porcentagem do que as raparigas.	

Verificamos que tanto os rapazes como as raparigas sofreram vitimizações e que existiram mais vítimas a assumirem-se como tal do que a ideia que os colegas tiveram sobre a sua existência. Além disso, conforme aumentou a idade, a frequência de ser vítima de *bullying* decresceu, tal como diminuiu com o ano de escolaridade.

Apresentamos na seguinte tabela o envolvimento das vítimas-agressor em *bullying* escolar:

Tabela 5

Envolvimento dos adolescentes vítimas-agressor em bullying escolar

Variável	Síntese dos resultados
	A auto-perceção dos alunos sobre o envolvimento em <i>bullying</i> foi superior à heteroperceção.
Envolvimento das vítimas-agressor em <i>bullying</i> escolar (ver Anexo 4)	Os rapazes apresentaram maior envolvimento como vítimas-agressor do que as raparigas. Todos os alunos admitiram já terem tido comportamentos tanto de agressor como de vítima em simultâneo “pelo menos 1 vez por mês, no último ano lectivo”.

Nota-se que a maior envolvimento em *bullying* surgiu no género masculino e, além disso a auto-perceção desta prática foi superior à heteroperceção.

Relativamente ao envolvimento das testemunhas em *bullying* escolar verificamos ser o género feminino o que mais assiste este fenómeno.

Tabela 6

Envolvimento dos adolescentes testemunhas em bullying escolar

Variáveis	Síntese dos resultados
Envolvimento das testemunhas em <i>bullying</i> escolar (ver Anexo 5)	As raparigas assistiram a mais comportamentos <i>bullying</i> do que os rapazes.

***Bullying* entre adolescentes fora da escola**

Determinamos, na tabela 7, o envolvimento em *bullying* fora da escola:

Tabela 7

Envolvimento dos adolescentes em bullying fora da escola

Variável	Síntese dos resultados
Envolvimento em <i>bullying</i> fora da escola (ver Anexo 6)	Fora da escola também surgiram agressões.
	Os comportamentos ocorreram maioritariamente: porta da escola; entrada para o autocarro; caminho casa-escola-casa a pé; saída do autocarro.
	Segundo os agressores, as agressões mais frequentes: empurrar; bater; ameaçar com uma arma ou outro objecto. As agressões mais frequentes foram do tipo verbal e físico.
	Segundo as vítimas, as agressões mais assíduas: insultos; ameaças com palavras ou gestos; empurrões; ser apalrado contra a sua vontade; agressões (físicas); ser vítima de exibicionismo; ameaças com objectos. As agressões mais usadas foram do tipo verbal, físico e sexual.
	Segundo as testemunhas, estas assistiram a mais agressões, tais como: bater no outro; empurrar o colega sem ser por brincadeira; ameaçar o colega com armas ou outros objectos. As agressões mais utilizadas foram as físicas.

Verificamos que também fora da escola surgiram agressões, sendo que ocorreram maioritariamente na porta da escola, entrada para o autocarro, caminho casa/escola/casa a pé e saída do autocarro. Os agressores agrediram mais de forma verbal e física, as vítimas de modo verbal, físico e sexual e as testemunhas assistiram a mais agressões físicas. Os estudos que consultamos não fizeram referência às vítimas-agressor.

***Bullying* entre adolescentes nas escolas da RAM**

Apresentamos continuamente o envolvimento dos adolescentes em *bullying* nas escolas da RAM:

Tabela 8

Envolvimento dos adolescentes em bullying escolar na RAM

Variável	Síntese dos resultados
Envolvimento em <i>bullying</i> nas escolas da RAM (ver Anexo 7)	Houve envolvimento dos adolescentes em <i>bullying</i> nas escolas da RAM.
	Os rapazes apresentaram maior envolvimento em <i>bullying</i> do que as raparigas.
	Conforme aumentou a idade, a tendência de envolvimento em <i>bullying</i> diminuiu.
	Os agressores agrediram “uma a duas vezes no ano lectivo” em superioridade a “três vezes por semana” e “mais de três vezes por semana”.
	Os rapazes “vestiram” mais o papel de agressores do que as raparigas.
	Conforme aumentou a idade, a tendência para ter comportamentos de agressor cresceu.
	Os alunos foram vítimas “uma a duas vezes no ano lectivo” em superioridade a “três vezes por semana” e “mais de três vezes por semana”.
	As raparigas foram mais vítimas de <i>bullying</i> do que os rapazes.
	Conforme aumentou a idade, a tendência para ser vítima diminuiu.
	As testemunhas observaram mais comportamentos <i>bullying</i> “uma a duas vezes no ano letivo” do que “três vezes por semana”.
As testemunhas agiram de diferentes formas perante a visualização de comportamentos <i>bullying</i> , nomeadamente: pediram ao agressor para parar; não agiram; apoiaram a vítima; recorreram a um adulto; aproximaram-se para ver.	

Tal como acontece noutros contextos, verificamos que também nas escolas da RAM reproduzem-se comportamentos *bullying* entre adolescentes. O envolvimento em *bullying* diminuiu conforme aumentou a idade, sendo os rapazes os mais envolvidos. Com o desenrolar da idade, a tendência para ser agressor aumentou, sendo que foram os

rapazes a “vestir” mais o papel de agressores. Também conforme aumentou a idade, a tendência para sofrer vitimizações diminuiu, sendo que foram as raparigas o sexo mais afetado. As testemunhas agiram de diferentes formas perante os comportamentos agressivos que assistiram.

Envolvimento dos alunos adolescentes em *cyberbullying*

Apresentamos de seguida o envolvimento dos adolescentes em *cyberbullying*:

Tabela 9

Envolvimento dos alunos adolescentes em cyberbullying

Variável	Síntese dos resultados
	Houve alunos adolescentes envolvidos em <i>cyberbullying</i> .
Envolvimento em <i>cyberbullying</i> (ver Anexo 8)	Mais frequentes: ofensas através da <i>internet</i> e telemóvel; envio de <i>sms</i> e <i>e-mails</i> a ameaçar ou insultar; postar <i>online</i> mentiras sobre a vítima; entrar na conta de <i>e-mail</i> da vítima fazendo-se passar por ela enviando e-mails insultuosos; tirar fotos da vítima e colocar <i>online</i> sem ser autorizado e partilhar com outras pessoas na <i>internet</i> informações íntimas sobre a vítima.
	A agressão “uma ou duas vezes no ano letivo” foi superior à “três vezes por semana”.

Verificamos que os alunos adolescentes também se envolveram em *cyberbullying*, ofendendo, humilhando e insultando os colegas através da *internet* e telemóvel, essencialmente.

Bullying – Recursos legais na RAM

Verificamos que a legislação Regional (Decreto Legislativo Regional n.º 26/2006/M de 4 de julho) não aborda o conceito *bullying*, contudo faz referência à violência escolar entre os alunos. Também na RAA e em Portugal continental acontece o mesmo, ou seja, os normativos em rigor apenas abordam a violência escolar.

Tipos de *bullying* escolar entre adolescentes

Delimitamos na tabela 10 os diferentes tipos de *bullying* escolar entre adolescentes:

Tabela 10

Tipos de bullying escolar entre adolescentes

Variável	Síntese dos resultados
	Existe o <i>bullying</i> direto e o <i>bullying</i> indireto, sendo que no primeiro tipo estão incluídos o <i>bullying</i> verbal, o físico e o sexual e no segundo o <i>bullying</i> psicológico e o social. Existe ainda o <i>bullying</i> virtual - <i>cyberbullying</i> .
	As agressões verbais mais frequentes: insultos; apelidos/chamar nomes; humilhação, intimidação e provocação; ofensas verbais; ameaças; cochichar sobre a vítima; criticar; gozar.
	As agressões físicas mais utilizadas: bater (pontapés; empurrões; beliscões; estalos; cotoveladas; socos); tomar, roubar e/ou danificar pertences; agredir com objectos; usar armas; cuspir; ameaças físicas.
Tipos de <i>bullying</i> escolar (ver Anexo 9)	As agressões sexuais mais assíduas: assédio e abuso sexual; fazer uso de poder onde o jovem torna-se uma gratificação sexual do agressor, forçando-o a práticas sexuais; contato físico sem o consentimento da vítima; fazer gestos obscenos; fazer pedidos de favores sexuais; fazer insinuações; dizer piadas sexuais ou fazer comentários desse tipo.
	As agressões psicológicas/sociais mais frequentes: ignorar, isolar, excluir e rejeitar o colega, tratando-o com indiferença e desprezo; discriminar quanto à raça, opção sexual, diferenças religiosas, económico-sociais, culturais, morais e políticas; ameaçar; difamar, caluniar e iniciar rumores; perseguir; enfraquecer a auto-estima do outro; manipular até obter o que quer.
	As agressões virtuais (<i>cyberbullying</i>) mais utilizadas: fazer uso das tecnologias de informação e comunicação para atacar, provocar, intimidar, humilhar, gozar, ofender, discriminar, difamar, maltratar, ameaçar e constranger com o intuito de magoar os outros, causando-lhes danos.

Verificamos que existe o *bullying* direto e o *bullying* indireto, sendo que no primeiro estão incluídos o *bullying* verbal, o físico e o sexual e no segundo o *bullying* psicológico e o social. Existe ainda o *bullying* virtual, mais conhecido por *cyberbullying*.

Diferentes perfis dos envolvidos em *bullying* escolar

Apresentamos na tabela 11 os diversos perfis dos alunos envolvidos em *bullying*:

Tabela 11

Perfil dos adolescentes envolvidos em bullying escolar

Variável	Síntese dos resultados
Perfil dos envolvidos em <i>bullying</i> escolar (ver Anexo 10)	<p>Caraterísticas mais evidenciadas no que respeita ao agressor: temperamento agressivo; comportamento impulsivo; dificuldades de auto-controlo; sentimento de raiva, irritação e alterações do humor; prazer/satisfação em dominar, controlar e causar danos aos outros; falta de empatia; considera que todos devem ceder aos seus desejos, manipulando-os para tal; agride com o intuito de magoar, prejudicar, ridicularizar e/ou humilhar a vítima, sem sequer ter sido provocado; procura poder e liderança; gosta de ser o centro das atenções; consegue unir membros a si que o apoia nas agressões; vê a sua agressividade como uma qualidade; utiliza também com os adultos comportamentos agressivos para resolver problemas; possui uma rede de relações interpessoais mais alargada que a vítima; é, por norma, mais forte, mais alto e mais velho que a vítima; envolve-se regularmente em desentendimentos e discussões; não aceita regras; possui atitudes delinquentes e anti-sociais; tem falta de competências para resolver problemas; destrói o ambiente; possui dificuldades de concentração; falta às aulas; possui reduzido desempenho escolar; envolve-se em comportamentos de risco.</p> <p>Caraterísticas mais apontadas em relação à vítima passiva: é frequentemente intimidada, provocada, apelidada, ofendida, roubada, ameaçada, discriminada, isolada e rejeitada pelos colegas; não reage aos ataques; permanece passiva; submissa; está mais vulnerável às agressões devido a algumas caraterísticas pessoais, físicas, comportamentais e emocionais; é, por norma, mais fraca que o agressor; inibida; tímida; insegura; possui reduzida auto-estima; sensível; frágil; chora com facilidade; sente-se triste; não gosta de violência; tem dificuldades em impor-se; não é assertiva; não possui estratégias de defesa; não procura ajuda; sente medo, vergonha e fracasso; auto-conceito negativo; desenvolve fobias; sente ansiedade; sofre em silêncio; é <i>stressada</i>; isola-se; sente solidão; é pouco sociável; tem poucos amigos e dificuldades em fazê-los; é depressiva; sente dificuldades em dormir; sofre pesadelos; sente dores de barriga e cabeça; considera a escola um espaço desagradável; tem medo de ir para a escola; possui dificuldades de concentração, atenção e aprendizagem; possui baixo rendimento escolar; pode abandonar os estudos; pode se envolver em comportamentos de risco para a saúde (consumo de álcool, tabaco e drogas); tem pensamentos suicidas.</p>

Tabela 12

O perfil dos adolescentes envolvidos em bullying escolar (continuação A).

Variável	Síntese dos resultados
	Caraterísticas mais abordadas em relação à vítima-agressor: sofre vitimizações; age de forma violenta quando é agredida; tem atitudes agressivas e provocativas; humilha os colegas para esconder as suas próprias limitações; transfere os maus tratos sofridos para outros ainda mais fracos; é inoportuna; age por impulso; é considerada hiperactiva; possui falta de competências sociais; possui reduzida auto-estima; sofre alterações psicológicas; é depressiva; tem pensamentos suicidas; é rejeitada pelos pares; possui problemas de concentração e dificuldades de aprendizagem; considera a escola um local desagradável.
Perfil dos envolvidos em <i>bullying</i> escolar (ver Anexo 10)	Caraterísticas mais evidenciadas em relação à testemunha: não se envolve diretamente no ato <i>bullying</i> , apesar de participar como espetadora; não ajuda a vítima por não saber como agir, por medo de se tornar na próxima vítima, por receio de atuar de forma errada e causar mais problemas e por não acreditar nas atitudes da escola; devido aos atos que observa sente medo de ir para a escola; sente-se intimidada; é indefesa; ansiosa; sofre em silêncio; omite a sua opinião, apesar de não concordar com o que assiste; pode reagir de diferentes formas perante o <i>bullying</i> , nomeadamente pode ser classificada como auxiliar (participa ativamente nas agressões), incentivadora (estimula o agressor), observadora (só observa ou se afasta), defensora (protege a vítima ou chama um adulto para interromper a agressão). Pode também ser manipulada pelo agressor, aderindo ao <i>bullying</i> por pressão, podendo se tornar agressiva.

Verificamos que existem vários perfis de alunos envolvidos em *bullying*, nomeadamente o agressor, a vítima passiva, a vítima-agressor e a testemunha.

Agressões mais utilizadas entre adolescentes em contexto escolar

As agressões mais utilizadas entre os agressores e as vítimas em contexto escolar foram as físicas e as verbais, já segundo as testemunhas foram as físicas, as verbais e as sexuais. Os rapazes agrediram e foram mais agredidos de forma física e verbal, já as raparigas foram mais agredidas de modo verbal e psicológico/social. Os alunos do 9.º ano de escolaridade assistiram a mais comportamentos *bullying* do que os alunos do 7.º ano.

Tabela 13

Agressões mais frequentes entre adolescentes em contexto escolar

Variável	Síntese dos resultados
	Segundo os agressores e as vítimas as agressões mais frequentes foram do tipo físico e verbal.
	Segundo as testemunhas as agressões mais assíduas foram as verbais, as físicas e as sexuais.
	Os rapazes agrediram mais do que as raparigas.
	Os rapazes agrediram mais de forma verbal e física, enquanto que as raparigas agrediram mais de modo verbal e psicológico/social.
Agressões mais frequentes (ver Anexo 11)	Os rapazes foram mais vítimas de ameaças e agressões físicas, enquanto que as raparigas foram mais vítimas de agressões verbais e psicológicas/sociais.
	Os alunos do 7.º ano de escolaridade utilizaram mais agressões como: exclusão de actividades; chamar nomes; estragar objetos; ameaçar; obrigar a situações sexuais. Os alunos do 9.º ano usaram mais agressões como: ignorar; falar mal do outro; rejeitar; insultar; gozar; bater; roubar coisas; ameaçar com armas.
	Foram os alunos do 9.º ano de escolaridade a assistir a mais comportamentos <i>bullying</i> comparativamente aos alunos do 7.º ano.

Agressões mais utilizadas entre adolescentes em contexto escolar na RAM

Descrevemos de seguida as agressões mais utilizadas entre os alunos adolescentes na RAM. Os resultados indicam que as agressões mais utilizadas nas escolas da RAM foram as agressões verbais e as físicas.

Tabela 14

Agressões mais frequentes entre adolescentes nas escolas da RAM

Variável	Síntese dos resultados
Agressões mais frequentes na RAM (ver Anexo 12)	As agressões mais usadas nas escolas da RAM foram do tipo verbal e físico.

Diversos locais onde ocorre o *bullying* entre adolescentes em contexto escolar

Apresentamos seguidamente os diferentes locais onde ocorre o *bullying* escolar entre adolescentes:

Tabela 15

Locais onde ocorre o bullying entre adolescentes em contexto escolar

Variável	Síntese dos resultados
Locais onde ocorrem mais agressões (ver Anexo 13)	Foi durante os intervalos das aulas que ocorreram mais situações de <i>bullying</i> entre os adolescentes, nomeadamente no recreio, sala de aula, corredores e cantina.
	Os rapazes agrediram mais no recreio, enquanto que as raparigas agrediram mais na sala de aula, corredores e cantina.

Verificamos ser na hora do intervalo que aconteceram mais agressões e que houve diferença entre os rapazes e as raparigas, pois os rapazes agrediram mais no recreio e as raparigas agrediram mais na sala de aula, corredores e cantina.

Diversos locais onde ocorre *bullying* entre adolescentes nas escolas da RAM

Descrevemos de seguida os diferentes locais onde ocorrem comportamentos *bullying* entre os adolescentes nas escolas da RAM:

Tabela 16

Locais onde ocorre o bullying entre adolescentes nas escolas da RAM

Variável	Síntese dos resultados
	Os locais foram: corredores; jardim; campo de jogos; balneários; escadas; bar dos alunos; cantina.
	Segundo os agressores, as agressões ocorreram maioritariamente: recreio; sala de aula, corredores e escadas.
Locais onde ocorreram mais agressões na RAM (ver Anexo 14)	Segundo as vítimas, as agressões ocorreram maioritariamente: recreio; sala de aula, corredores e escadas.
	Segundo as testemunhas, as agressões ocorreram maioritariamente: recreio; corredores e escadas; arredores da escola.

Verificamos que as agressões mais frequentes nas escolas da RAM surgiram sobretudo nos recreios, sala de aula, corredores e escadas, contudo, as testemunhas referiram também os arredores da escola.

Diversas consequências para os adolescentes envolvidos em *bullying* escolar

Apresentamos seguidamente as várias consequências do *bullying* escolar para os adolescentes envolvidos.

Tabela 17

Consequências do bullying escolar para os adolescentes envolvidos

Variável	Síntese dos resultados
	<p>Para o agressor: envolvimento regular em conflitos; acredita que com a força resolve todos os problemas; dificuldades de auto-controlo; junta membros a si que o apoia nas agressões; sente insatisfação com a escola, desinteressando-se por ela, reflectindo-se num fraco desempenho escolar; tendência para comportamentos de risco (consumo de álcool, tabaco, drogas, porte de armas); pode precisar de vários serviços de saúde mental, justiça na adolescência, educação especial e programas sociais; dificuldades de adaptação social na vida adulta; problemas no desenvolvimento e manutenção de relações positivas; instabilidade profissional; perda de oportunidades; relacionamentos pouco duradouros; pode entrar na vida de delinquência; dificuldades em respeitar a lei; pode ter problemas de conduta e crimes, podendo acabar por ser preso; pode dar continuidade à agressão na vida futura; não respeita regras sociais; pode ter problemas de ansiedade; tentativas suicidas; pode se tornar em pai/mãe e cônjuge abusivo; problemas de violência doméstica.</p>
Consequências para os envolvidos (ver Anexo 15)	<p>Para a vítima passiva: tristeza; alto <i>stress</i> insegurança; perda de auto-confiança; isolamento; solidão; pode precisar de vários serviços de saúde mental, justiça na adolescência, educação especial e programas sociais; sofre dores de cabeça e barriga; insónias; pânico; fobias (escolar e social); ansiedade; pode se tornar futuramente em agressor; pode sofrer de anorexia e bulimia; auto-estima afetada; sofrimento; depressão; tentativas suicidas; comportamentos de risco (fumar, consumir álcool e drogas); dificuldades de concentração, atenção e aprendizagem; desinteresse pela escola; fraco rendimento escolar; abandono dos estudos; pode se tornar agressor; dificuldades de ajustamento na vida adulta; problemas de competências sociais; perda de oportunidades de emprego; instabilidade profissional, relacional e social.</p>
	<p>Para a vítima-agressor: envolvimento regular em conflitos; é agredida e faz o mesmo aos outros que são ainda mais fracos, causando-lhes sofrimento; probabilidade de persistência de envolvimento em <i>bullying</i>; problemas de comportamento; problemas com os pares; rejeitada pelos colegas; tristeza; sofrimento; problemas de ansiedade; depressão; auto-estima afetada; medo; insegurança; tentativas suicidas; pode sofrer distúrbios alimentares; alterações psicológicas; pode precisar de vários serviços de saúde mental, justiça na adolescência, educação especial e programas sociais; problemas de concentração; dificuldades de aprendizagem; comportamentos de risco (consumo de álcool, tabaco e drogas); problemas de conduta e anti-sociais.</p>
	<p>Para a testemunha: tristeza; sente-se incomodada; vive com medo de ser a próxima vítima; sofre em silêncio; danos mentais; medo de ir para a escola; ansiedade; insegurança; desesperança; aprendizagem prejudicada; descontentamento pela escola; pode ser manipulada pelo agressor, tornando-se agressiva.</p>

Os dados indicam que as consequências para os adolescentes envolvidos em *bullying* escolar são nefastas, tanto para o agressor, como para as vítimas e até para as testemunhas destes comportamentos, podendo ser a curto e/ou a longo prazo.

Diferentes formas de intervir para prevenir e reduzir o *bullying* escolar entre adolescentes

Na tabela 18 mostramos diferentes modos de intervir para prevenir e diminuir o *bullying* escolar entre adolescentes:

Tabela 18

Tipos de intervenção para prevenir e reduzir o bullying escolar entre adolescentes

Variável	Síntese dos resultados
	<p>A escola: envolver toda a comunidade educativa para implementar o projecto de combate ao <i>bullying</i>; formar professores, funcionários e outros membros educativos; fazer o levantamento da realidade escolar; realizar o projecto de intervenção; envolver os pais/encarregados de educação para participar em sessões sobre a assertividade, técnicas parentais não violentas, se reunindo para divulgar o programa, encorajando-os a participar no planeamento, discutindo juntos o problema; estabelecer normas, directrizes e acções priorizando a consciencialização geral, dos agressores sobre as suas atitudes, a protecção das vítimas, a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro; investigar a incidência do <i>bullying</i>, os alunos envolvidos e os locais onde ocorre; organizar-se a nível de ocupação dos tempos livres; elaborar treinos através de técnicas de dramatização; melhorar as aulas de educação e expressão físico-motora; criar uma ludoteca; melhorar os recreios/pátios; repensar a supervisão; promover o desenvolvimento de competências prossociais de interacção interpessoal, linguísticas, sócio-comunicacionais; estar atenta à posse de armas entre alunos; esclarecer aos alunos as consequências dos seus atos; incentivar os alunos na supervisão e intervenção do <i>bullying</i>; formar grupos de apoio à vítima; procurar auxílio em instituições de apoio.</p>
Intervenção em <i>bullying</i> (ver Anexo 16)	<p>Os professores: oferecer aos alunos um treino especializado para aprender a resolver problemas; desenvolver competências aos alunos; implementar regras e sanções aos alunos na sala de aula; criar um ambiente favorável ao diálogo, de solidariedade, desenvolvendo atitudes de respeito à diferença, de amizade, tolerância, respeito e cooperação; supervisionar os espaços exteriores à sala de aula; falar directamente com o agressor ao assistir a comportamentos <i>bullying</i>, tal como informar de imediato a direcção da escola e pais/encarregados de educação dos alunos envolvidos no ato.</p>
	<p>Aos alunos: ser dadas condições para que os agressores desenvolvam comportamentos mais amigáveis e sadios, evitando o uso da punição; promover competências cognitivas, emocionais e comportamentais (gestão emocional; comportamento assertivo; competências na resolução de conflitos); promover atitudes extracurriculares (técnicas de relaxamento, controlo do <i>stress</i>, aborrecimento, ansiedade e depressão).</p>
	<p>O sistema político: tomar consciência das sérias consequências do <i>bullying</i>; instituir políticas públicas que dêem prioridade à diminuição do <i>bullying</i> nas escolas; investir e treinar profissionais da área da educação para elaborar e implementar programas de prevenção do <i>bullying</i>.</p>

Verificamos que a intervenção deve envolver não só a escola mas também os professores, alunos, encarregados de educação e até o sistema político, de modo a fazerem um trabalho em conjunto, tendo como meta fundamental diminuir os efeitos nefastos que as práticas de *bullying* produzem nos envolvidos.

Discussão

A síntese dos resultados efectuada através da meta-análise sugere que o *bullying* entre adolescentes converteu-se num fenómeno em crescimento. Os dados obtidos vão ao encontro dos estudos de Ferraz e Pereira (2012) e de Seixas (2005) quando apontam que mais de metade da amostra da população estudada esteve envolvida nestes comportamentos com 67% e 66%, respetivamente. O estudo de Pinheiro e Williams (2009) refere que 51% dos alunos não tiveram nenhum envolvimento em *bullying*, o que nos remete para 49% terem estado envolvidos. Já o estudo de Seixas (2006) menciona uma percentagem de envolvimento em *bullying* de 42,2%. Contudo, níveis mais reduzidos de envolvimento são apresentados no estudo de Almeida (2009), nomeadamente 27,3% (ver Anexo 1).

Os estudos elaborados pela OMS (1998, 2002, 2006) abordam a questão do envolvimento em *bullying* de forma mais detalhada, distinguindo “envolvidos com regularidade” (duas ou mais vezes por mês, nos últimos dois meses) e “envolvidos de modo mais intenso” (mais do que duas vezes por semana, nos últimos dois meses), sendo a primeira opção a apresentar as maiores percentagens (em 1998: 25,7%; em 2002: 23,2%; em 2006: 20,6%), e a segunda categoria revelando níveis mais baixos de envolvimento (em 1998: 5,5%; em 2002: 11,7%; em 2006: 7,6%) (ver Anexo 1).

A diferença entre o género e o envolvimento em *bullying*, está presente no estudo de Almeida (2009) ao revelar serem os rapazes os mais envolvidos (32,7%) em comparação às raparigas (23,1%) e no estudo de Pinheiro e Williams (2009) ao evidenciar as raparigas com a maior percentagem de “não envolvimento em *bullying*” (55,1%) comparativamente aos rapazes (43,4%). Logo, constatamos que os rapazes estiveram mais envolvidos em comportamentos *bullying* comparativamente ao sexo oposto. O estudo de Pinheiro e Williams (2009) vem confirmar a análise da revisão da literatura que segundo Felix e Green (2010), citados por Melim (2011), Lagerspetz e Bjorkqvist (1992) e Olweus (1993a), citados por Pereira (1997) e Pereira (1997), são os rapazes os mais envolvidos em situações de *bullying* comparativamente às raparigas. (ver Anexo 1).

Procurando dar resposta a um dos objetivos específicos que consistia em analisar os níveis de *bullying* entre os alunos adolescentes envolvidos em *bullying* escolar,

apresentamos o envolvimento em *bullying* dos alunos agressores, vítimas passivas, vítimas-agressor e testemunhas.

Relativamente ao envolvimento dos agressores em *bullying* escolar, no estudo de Martins (2005), mais de metade da população (61%) apresentou comportamentos agressivos. Contudo, outros estudos (Almeida, 2009; Ferraz & Ferreira, 2012; Pinheiro & Williams, 2009; Seixas, 2006) apontam para níveis mais reduzidos no que toca a ser agressor (9,4%, 13,9%, 2,9% e 17,9%, respetivamente) (ver Anexo 2).

Em relação ao género, os estudos analisados (Almeida, 2009; Bandeira & Hutz, 2012a; Ferraz & Pereira, 2012; Pinheiro & Williams, 2009; Seixas, 2005, 2006) referem que foram os rapazes a “vestir” mais o papel de agressores comparativamente às raparigas. No entanto, as percentagens entre os dois sexos não foram muito desiguais, à exceção do estudo de Seixas (2006) em que a percentagem dos rapazes (69,2%) foi bastante superior à das raparigas (30,8%). Estes dados são confirmados na revisão da literatura que refere serem os rapazes mais agressores do que as raparigas (Craig & Harel, 2004, citados por Melim, 2011; Genta, *et al.*, 1996 & Olweus, 1993a & Whitney & Smith, 1993 & Salmivalli *et al.*, 1996, citados por Pereira, 1997). No estudo de Seixas (2005) as percentagens não diferem muito entre os dois sexos segundo a auto-perceção dos alunos, porém segundo a hétero-perceção dos mesmos, houve uma grande diferenciação entre os valores, sendo que os alunos consideraram serem os rapazes mais agressores em 69,2% e as raparigas agressoras em 30,8%. As diferenças entre as perceções dos alunos podem significar que muitos rapazes esconderam o fato de terem praticado atos agressivos e não quererem assumí-lo, contudo os colegas sabem que eles foram em elevado número, daí os 69,5% em comparação com os que se assumiram agressores: 51,3%. Já as raparigas assumiram-se mais como agressoras (48,8%) do que a ideia que os colegas tiveram sobre a sua existência (30,5%), o que nos pode levar a crer que as raparigas são mais sinceras que o sexo contrário e que o seu envolvimento como agressoras pode ter sido de forma mais subtil, daí os colegas não perceberem tanto a existência de agressões realizadas pelas raparigas (ver Anexo 2).

O estudo de Seixas (2006) com alunos do 7.º ao 9.º ano de escolaridade revela que a percentagem dos alunos agressores diminuiu a cada ano que passou (7.º ano: 37,5%; 8.º ano: 34,6%; 9.º ano: 27,9%), logo este estudo sugere que conforme aumenta

o ano de escolaridade, a tendência é para os alunos abandonarem o papel de agressores gradualmente (ver Anexo 2).

Espinheira e Jólluskin (2009) revelam, no seu estudo, que os alunos agridiram mais o sexo oposto comparativamente aos membros do mesmo sexo, sendo que os rapazes agrediram mais as raparigas, porém em reduzida percentagem (5,1%) comparativamente aos rapazes (2%) e as raparigas agrediram o sexo oposto em mais elevada percentagem (63,3%) comparativamente aos membros do mesmo sexo (14,3%) (ver Anexo 2).

Em relação ao envolvimento das vítimas passivas em *bullying* escolar, os dados indicam que no estudo de Martins (2005) mais de metade da amostra da população sofreu vitimizações (63%). Também o estudo de Espinheira e Jólluskin (2009) revela que foram “vítima uma vez” 67,3% da amostra, sendo menor a percentagem dos que foram “vítimas duas ou mais vezes”: 32,7%. Seixas (2005) no seu estudo referiu que, segundo a auto-perceção dos alunos, 54% afirmaram terem sido vítimas, comparativamente à hétero-perceção que apontou para apenas 15%. Estes valores podem significar que mais de metade da amostra sofreu vitimizações, contudo poucos alunos têm a ideia que existiram tantos colegas a sofrer de *bullying*, daí a reduzida e tão evidente percentagem de diferença entre a auto e a hétero-perceção. Porém, os estudos de Almeida (2009), Francisco e Libório (2009), Pinheiro e Williams (2009) e Seixas (2006) referiram níveis mais reduzidos de vitimização (12,1%, 13,9%, 25,5% e 17,2%, respetivamente) (ver Anexo 3).

A OMS (1998, 2002, 2006) elaborou um estudo mais detalhado distinguindo “envolvidos com regularidade” (duas ou mais vezes por mês nos últimos dois meses) e “envolvidos de modo mais intenso” (mais do que duas vezes por semana nos últimos dois meses), tendo verificado que o envolvimento com regularidade foi superior ao envolvimento de modo mais intenso, nos três estudos realizados (ver Anexo 3).

Malta e colaboradores (2009) fizeram um estudo detalhado, envolvendo duas categorias: “raramente sofreu *bullying*” e “sempre sofreu *bullying*”, tendo constatado na primeira opção, a percentagem de: 29,5% aos 13 anos; 26,2% aos 14 anos; 21,4% aos 15 anos de idade. E na segunda categoria, uma percentagem menor que na primeira: 5,3% aos 13 anos; 5,6% aos 14 anos; 4,8% aos 15 anos. Este estudo permitiu-nos verificar que, conforme aumentou a idade, a tendência para ser vítima de *bullying*

diminuiu. Porém, apesar das percentagens da categoria “sempre sofreu *bullying*” terem sido relativamente baixas, o estudo deste autor pelo fato de ter tido uma amostra significativa de 60.973 alunos, faz-nos concluir que um grande número de alunos sofreu constantes vitimizações. Este estudo vai ao encontro da literatura de referência, pois revela serem os alunos mais novos a sofrer mais vitimizações (Sharp & Smith, 1991, citados por Costa & Vale, 1998), tal como evidencia que a frequência de vitimização decresce conforme aumenta a idade (Whitney & Smith, 1993, citados por Pereira, 1997). O estudo de Seixas (2006) refere as percentagens de vitimização conforme o ano de escolaridade, sendo as percentagens no 7.º ano: 40%; 8.º ano: 33%; 9.º ano: 27%. Este estudo permitiu-nos constatar que, conforme aumentou o ano de escolaridade, a tendência para ser vítima de comportamentos *bullying* diminuiu. Este fato é confirmado na revisão da literatura realizada, pois refere que a frequência dos alunos serem alvos de ameaças (por exemplo) reduz conforme aumenta o ano de escolaridade (Matos *et al.*, 2009a) (ver Anexo 3).

Relativamente ao género, o estudo de Seixas (2006) evidencia uma grande diferença entre os dois sexos no que diz respeito à vitimização, apontando para 80,5% dos rapazes terem sido vítimas em comparação a 45% das raparigas. Também o estudo de Espinheira e Jóluskin (2009) referiu 71,2% de vitimização dos rapazes em comparação a 28,8% das raparigas. O estudo de Pereira e colaboradores (1996) confirma que os rapazes foram mais alvos de vitimização do que as raparigas, porém em reduzida percentagem de diferenciação (24% dos rapazes comparativamente a 19% das raparigas em escolas do Norte do país e 22% dos rapazes contrastando com 17% das raparigas em escolas do Sul do país). Estes estudos estão em concordância com a revisão da literatura efectuada que, de acordo com Agra e colaboradores (2000) e Salmon e colaboradores (1998), citados por Matos e colaboradores (2009a), Felix e Green (2010), citados por Melim (2011), Olweus (1991) e Whitney e Smith (1993), citados por Pereira (1997), são os rapazes mais frequentemente vitimizados do que as raparigas (ver Anexo 3).

Por outro lado, o estudo de Almeida (2009) aponta que foram as raparigas as que mais sofreram vitimizações (12,6%) comparativamente aos rapazes (11,5%). De igual modo, o estudo de Bandeira e Hutz (2012a) refere que 25,9% das raparigas foram vítimas comparativamente a 16,7% dos rapazes. O estudo de Pinheiro e Williams

(2009) enuncia que 26,3% das raparigas foram vítimas em comparação com 24,1% dos rapazes. Porém, nos estudos anteriormente referidos, as percentagens não são muito desiguais entre os dois sexos. O estudo de Espinheira e Jólluskin (2009) revela também terem sido as raparigas mais vezes “vítimas uma vez” (50%) do que os rapazes (17,3%), no entanto o fato de terem sido “vítimas duas ou mais vezes” já aponta para os rapazes os mais sujeitos (21,2%) em comparação às raparigas (11,5%). Após a análise destes estudos relativos ao género, podemos constatar que tanto os rapazes como as raparigas foram alvos de vitimizações por parte dos agressores. Esta ideia vai ao encontro da revisão da literatura ao afirmar que em todos os países, nos estudos levados a cabo pela OMS, as raparigas referem níveis de vitimização iguais ou superiores aos rapazes (Craig & Harel, 2004, citados por Melim, 2011) (ver Anexo 3).

O estudo elaborado por Francisco e Libório (2009) aborda as vítimas passivas numa escola central e numa escola periférica, no qual resumidamente aponta que os rapazes foram agredidos por rapazes em 16,3%, enquanto que as raparigas foram agredidas por ambos os sexos em 10,2% (ver Anexo 3).

Os estudos concernentes ao envolvimento das vítimas passivas em *bullying*, revelam níveis superiores de percentagem em comparação aos valores do envolvimento dos agressores em *bullying* escolar. A literatura também nos indica que o número de vítimas é superior ao número de agressores (Hoover *et al.*, 1992 & Mellor, 1990 & Ortega, 1994b & Lagerspetz *et al.*, 1982, citados por Pereira, 1997).

Relativamente ao envolvimento das vítimas-agressor em *bullying* escolar, podemos constatar que no estudo de Almeida (2009), Neto (2005) e da OMS (1998, 2002, 2006) a percentagem dos alunos como vítimas-agressor foi relativamente reduzida (5,9%, 10,9%, 5,8%, 5,7%, 4,9%, respetivamente). Contudo o estudo realizado por Pinheiro e Williams (2009) revela uma percentagem ligeiramente superior (20,5%). O estudo de Seixas (2005) verificou que os alunos assumiram-se mais como vítimas-agressores (24%) do que a ideia que os colegas tiveram sobre a sua existência (6%), o que nos indica que há pares que não têm conhecimento que há sujeitos que agrediram e foram vitimizados em simultâneo. Já no estudo de Zaine e colaboradores (2010) revela que 100% dos alunos admitiram terem sido vítimas-agressor “pelo menos uma vez no último ano lectivo” (ver Anexo 4).

No que toca à vítima-agressor, as diferenças entre género, segundo o estudo de Almeida (2009), foram os rapazes a apresentar a maior percentagem (8%) comparativamente às raparigas (4,2%). De igual modo, o estudo de Pinheiro e Williams (2009) refere que foram vítimas-agressor 28,9% dos rapazes em comparação a 16% das raparigas. O estudo de Bandeira e Hutz (2012a) revela que 42,2% dos rapazes foram vítimas-agressor, contrastando com 36,4% das raparigas, demonstrando uma considerável percentagem de envolvimento destes alunos em *bullying* (ver Anexo 4).

Após a análise destes estudos, podemos constatar que foram os rapazes a ter maior envolvimento como vítimas-agressor do que as raparigas, contudo as percentagens de vítimas-agressor foram mais reduzidas comparativamente às vítimas passivas e aos agressores.

Em relação ao envolvimento das testemunhas em *bullying* escolar, o estudo de Martins (2005) sugere que uma elevada percentagem de alunos assistiram a comportamentos *bullying* (67%). Já o estudo de Ferraz e Pereira (2012) apresenta uma percentagem menor: 38,3% (ver Anexo 5).

Quanto às diferenças entre o género, verificamos no estudo de Bandeira e Hutz (2012a) que foram as raparigas a assistir a mais situações de *bullying* (17,3%) em comparação aos rapazes (14,3%). Também no estudo de Ferraz e Pereira (2012) foram as raparigas a presenciar mais situações de *bullying* (38,5%) comparativamente aos rapazes (38,2%) (ver Anexo 5).

Relativamente ao envolvimento dos alunos adolescentes em *bullying* notamos que também fora da escola surgiram agressões. Neste sentido, Abreu (2011) realça que a vitimização ocorreu maioritariamente: na porta da escola: 74,8%; na entrada para o autocarro: 34,2%; no caminho casa/escola/casa a pé: 29,3%; na saída do autocarro: 14,7%. Estes dados vão ao encontro da revisão da literatura que revela, segundo as vítimas, serem os locais vulneráveis para a agressão: porta da escola, entrada para o autocarro e caminho casa/escola/casa (Whitney & Smith, 1993, citados por Costa & Vale, 1998). Já Sampaio e investigadores (1996) referem as agressões mais frequentes segundo os agressores: empurrar: 18,3%; bater: 8,9%; ameaçar com uma arma ou outro objecto: 1,8%. Segundo as vítimas passivas, os atos agressivos mais assíduos foram: os insultos: 45,6%; ameaças com palavras ou gestos: 33,4%; empurrões: 32,3%; ser apalpadado contra a sua vontade: 24,4%; agressões (físicas): 13,9%; ser vítima de

exibicionismo: 13,5%; ameaças com objectos: 8,3%. Quanto às testemunhas, estas assistiram com maior frequência a atos violentos como: bater no outro: 30,6%; empurrar o colega sem ser por brincadeira: 29,8%; ameaçar o colega com armas ou outros objectos: 4,8%. Os estudos não abordam a vítima-agressor fora da escola (ver Anexo 6).

Os estudos analisados indicam que também fora da escola se reproduzem práticas agressivas em elevada percentagem e que as agressões mais frequentes segundo os agressores foram as verbais e as físicas, já as vítimas, para além das agressões verbais e físicas, referem as sexuais. As testemunhas observaram maioritariamente as agressões físicas (ver Anexo 6).

Em relação ao envolvimento dos adolescentes em *bullying* escolar na RAM, verificamos, no estudo de Andrade (2012), que 23,5% dos alunos estiveram envolvidos em *bullying*. Por sua vez, o Estudo 2 de Melim (2011) apresenta uma percentagem superior: 42,8%, que ao ter uma amostra de 1.818 alunos evidencia que muitos alunos estiveram envolvidos neste fenómeno nas escolas da RAM. Quanto às diferenças de envolvimento em *bullying* quanto ao género, o estudo de Melim (2011) mostra que foram os rapazes os mais envolvidos em *bullying* (45,9%) comparativamente às raparigas (39,7%). Estes resultados vão ao encontro dos estudos realizados por Felix e Green (2010), citados por Melim (2011), Lagerspetz e Bjorkqvist (1992) e Olweus (1993a), citados por Pereira (1997) e Pereira (1997) quando afirmam serem os rapazes os mais envolvidos em *bullying* escolar, comparativamente às raparigas. No que respeita à faixa etária e ao envolvimento em *bullying*, o Estudo 2 de Melim (2011) revela: 10-11 anos: 46,6%; 12-13 anos: 43,6%; 14 ou mais anos: 39,2%, o que nos demonstra que, conforme aumentou a idade dos alunos, a tendência de envolvimento em *bullying* diminuiu (ver Anexo 7).

Quanto aos agressores, o estudo de Andrade (2012), expõe que 12,3% referiram ter agredido “uma a duas vezes no ano letivo” contrastando com 0,5 que responderam “três vezes por semana” e “mais de três vezes por semana”. Já o Estudo 1 de Melim (2011) apontou para 29,1 dos alunos terem estado envolvidos como agressores, contrastando com 12,6% no Estudo 2 do mesmo autor. Relativamente às diferenças quanto ao género no Estudo 1 de Melim (2011), foram os rapazes a “vestir” mais o papel de agressores (35,2%) comparativamente às raparigas (23,1%), um fato confirmado na revisão da literatura que refere ser o sexo masculino mais agressivo do

que o feminino (Craig & Harel, 2004, citados por Melim, 2011; Genta *et al.*, 1996 & Olweus, 1993a & Salmivalli *et al.*, 1996 & Whitney & Smith, 1993, citados por Pereira, 1997). No concernente à faixa etária e ao envolvimento dos alunos como agressores, o Estudo 1 de Melim (2011) revela: 10-11 anos: 27,5%; 12-13 anos: 29,7%; 14-15 anos: 29,3%; 16-18 anos: 30,5%. Estes resultados permitiram-nos constatar que conforme aumentou a idade, a tendência para ter comportamentos de agressor aumentou também. Este fato é contrariado na revisão da literatura que nos indica que a frequência de ser agressor diminui conforme aumenta a idade (Genta *et al.*, 1996, citado por Pereira, 1997) (ver Anexo 7).

Relativamente às vítimas passivas, o Estudo 1 de Melim (2011) indica que 30,2% dos alunos referiram ter sofrido vitimizações, contrastando com o Estudo 2 que apresenta uma percentagem menor: 13,7%. O estudo de Abreu (2011) revela uma percentagem mais detalhada, sendo que 10,08% dos alunos revelaram terem sido alvos de agressões “mais que uma vez”. No estudo de Andrade (2012) 20,8% dos alunos foram vítimas “uma ou duas vezes no ano lectivo”, 1,5% “três vezes por semana” e 1,2% “mais de três vezes por semana. Quanto à comparação do género, o Estudo 1 de Melim (2011) aponta que foram as raparigas as mais sujeitas a agressões (31,7%) comparativamente aos rapazes (28,7%). Já a revisão da literatura contraria este fato, pois refere serem os rapazes vítimas em maior percentagem do que as raparigas (Agra *et al.*, 2000 & Salmon *et al.*, 1998, citados por Matos *et al.*, 2009a; Felix & Green, 2010, citados por Melim, 2011; Olweus, 1991 & Whitney & Smith, 1993, citados por Pereira, 1997). Em relação à faixa etária e aos níveis de vitimização, os valores do Estudo 1 de Melim (2011) indicam: 10-11 anos: 40,6%; 12-13 anos: 30,4%; 14-15 anos: 23,4%; 16-18 anos: 18,6%. Os resultados mostram que conforme aumentou a idade dos alunos, a tendência para serem vítimas passivas diminuiu. Este fato está de acordo com a revisão da literatura que refere serem os alunos mais novos os mais alvos de vitimizações (Sharp & Smith, 1991, citados por Costa & Vale, 1998) e que a frequência de serem vítimas decresce conforme aumenta a idade (Whitney & Smith, 1993, citados por Pereira, 1997) (ver Anexo 7).

Em relação às vítimas-agressor e ao seu envolvimento em *bullying* nas escolas da RAM, constatamos no Estudo 2 de Melim (2011) a percentagem de 16,5%, não

podendo, de momento estabelecermos comparação com outros estudos por não abordarem este perfil (ver Anexo 7).

Quanto às testemunhas, no estudo de Andrade (2012), 37,4% dos alunos referiram ter observado *bullying* “uma a duas vezes no ano letivo”, contrastando com 10,3% que referiram “mais de três vezes à semana”. Após a visualização dos atos agressivos, as testemunhas agiram de diferentes formas: pedindo ao agressor para parar (36,4%); não agindo (29,5%); apoiando a vítima (28,3%); recorrendo a um adulto (16,7%); aproximando-se para ver (12,4%) (ver Anexo 7).

Estes dados permitiram-nos concluir que também nas escolas da RAM reproduzem-se comportamentos de *bullying* e que todos os perfis dos envolvidos em *bullying* estão presentes na RAM. Contudo verificamos, nos estudos elaborados com a população madeirense, que apenas o Estudo 2 de Melim (2011) aborda a vítima-agressor, tal como apenas o estudo de Andrade (2012) faz referência às testemunhas. Estes fatos revelam que há uma menor preocupação de investigação relativamente a estes dois perfis de envolvidos em *bullying*, porém acreditamos que não são menos importantes que os outros perfis (ver Anexo 7).

Relativamente ao envolvimento dos alunos adolescentes em *cyberbullying*, verificamos que estes também estão envolvidos neste tipo de *bullying* (virtual). Constatamos que as agressões mais frequentes de *cyberbullying* foram: as ofensas através da *internet* e telemóvel; o envio de *sms* e *e-mails* a ameaçar ou insultar; o postar *online* mentiras sobre a vítima; entrar na conta de *e-mail* desta, fazendo-se passar por ela enviando *e-mails* insultuosos; tirar fotos da vítima e colocar *online* sem ser autorizado; partilhar com outras pessoas na *internet* informações íntimas sobre a vítima. Também verificamos que as percentagens foram mais elevadas na agressão “uma ou duas vezes no ano lectivo” do que “três vezes por semana” e “mais de três vezes por semana” (ver Anexo 8).

Em relação aos tipos de *bullying* existentes entre adolescentes em contexto escolar verificamos que existe o *bullying* direto e o *bullying* indireto, sendo que no primeiro tipo estão incluídos o *bullying* verbal, o físico e o sexual e no segundo, o *bullying* psicológico e o social. Existe ainda o *bullying* virtual que é mais conhecido por *cyberbullying*.

Relativamente ao *bullying* verbal, constatamos (Abreu, 2011; Bandeira & Hutz, 2012b; Barros *et al.*, 2009; Bouth & Sousa, 2010; Carvalho, 2012; Chicote & Martins, 2009; Espinheira & Jóluskin, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Melim, 2011; Neto, 2005; Oliveira, 2012; Silva *et al.*, 2011; Schultz *et al.*, 2012; Vila & Diogo, 2009; Zaine *et al.*, 2010), as agressões mais frequentes: insultos; apelidos/chamar nomes; humilhação, intimidação e provocação; ofensas verbais; ameaças; cochichar sobre a vítima; críticas; gozação (ver Anexo 9).

Em relação ao *bullying* físico e, segundo os autores das pesquisas efectuadas (Abreu, 2011; Bandeira & Hutz, 2012b; Barros *et al.*, 2009; Bouth & Sousa, 2010; Chicote & Martins, 2009; Espinheira & Jóluskin, 2009; Matos *et al.*, 2009a, 2009b; Melim, 2011; Neto, 2005; Oliveira, 2012; Serrate, 2009; Silva *et al.*, 2011; Schultz *et al.*, 2012; Vila & Diogo, 2009; Zaine *et al.*, 2010), as agressões mais utilizadas: bater, tal como dar pontapés, empurrões, beliscões, estalos, cotoveladas e socos; tomar, roubar e/ou danificar pertences; agredir com objectos; uso de armas; cuspir; ameaças físicas (ver Anexo 9).

Quanto ao *bullying* sexual e, de acordo com os autores pesquisados (Abreu, 2011; Barros *et al.*, 2009; Bouth & Sousa, 2010; Carvalho, 2012; Chicote & Martins, 2009; Matos *et al.*, 2009a, 2009b; Melim, 2011; Serrate, 2009; Schultz *et al.*, 2012; Vila & Diogo, 2009), as agressões mais assíduas: assédio e abuso sexual; fazer uso do poder onde o jovem torna-se uma gratificação sexual do agressor, forçando-o a práticas sexuais; contato físico sem o consentimento da vítima; gestos obscenos; pedidos de favores sexuais; insinuações; piadas sexuais ou fazer comentários desse tipo (ver Anexo 9).

Relativamente ao *bullying* psicológico/social (Abreu, 2011; Bandeira & Hutz, 2012b; Barros *et al.*, 2009; Bouth & Sousa, 2010; Chicote & Martins, 2009; Espinheira & Jóluskin, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Melim, 2011; Neto, 2005; Oliveira, 2012; Serrate, 2009; Silva *et al.*, 2011; Schultz *et al.*, 2012; Vila & Diogo, 2009), as agressões mais usadas: ignorar, isolar, excluir e rejeitar o colega, tratando-o com indiferença e desprezo; discriminar quanto à raça, opção sexual, diferenças religiosas, económico-sociais, culturais, morais e políticas; ameaçar; difamar, caluniar e iniciar rumores; perseguir; enfraquecer a auto-estima; manipular até obter o que quer (ver Anexo 9).

Em relação ao *bullying* virtual/*cyberbullying* (Abreu, 2011; Bandeira & Hutz, 2012b; Barros *et al.*, 2009; Chicote & Martins, 2009; Melim, 2011; Neto, 2005; Rosário & Duarte, 2010; Vila & Diogo, 2009), as agressões mais frequentes: uso das tecnologias de informação e comunicação para atacar, provocar, intimidar, humilhar, gozar, ofender, discriminar, difamar, maltratar, ameaçar e constranger com o intuito de magoar os outros, causando-lhes danos (ver Anexo 9).

Fazendo uma análise dos resultados dos estudos pesquisados para responder às questões propostas, verificamos que foram vários os autores que não abordaram o *cyberbullying* como um tipo de *bullying* relacionado com o contexto escolar (Bouth & Sousa, 2010; Carvalho, 2012; Espinheira e Jóluskin, 2009; Matos *et al.*, 2009a, 2009b; Oliveira, 2012; Serrate, 2009; Silva *et al.*, 2011; Zaine *et al.*, 2010). Também o *bullying* sexual não é abordado nos estudos de diversos autores (Bandeira & Hutz, 2012b; Espinheira e Jóluskin, 2009; Matos *et al.*, 2009b; Neto, 2005; Oliveira, 2012; Silva *et al.*, 2011; Rosário & Duarte, 2010; Zaine *et al.*, 2010). Contudo, consideramos que tanto o *cyberbullying* como o *bullying* sexual não são menos importantes que os outros tipos de *bullying*. Apesar de estarmos conscientes da delicadeza da abordagem desta temática com adolescentes, menores de idade, julgamos que estes dois tipos de *bullying* deveriam despertar maior atenção por parte dos investigadores (ver Anexo 9).

Quanto ao perfil dos adolescentes envolvidos em *bullying* escolar, encontramos, nos estudos pesquisados, quatro tipos diferentes de perfis: o agressor, a vítima passiva, a vítima-agressor (provocativa) e a testemunha (ver Anexo 10).

Relativamente ao perfil do agressor as características mais evidenciadas: temperamento agressivo (Chicote & Martins, 2009; Haber & Glatzer, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Melim, 2011; Rosário & Duarte, 2009; Schultz *et al.*, 2012; Serrate, 2009; Zaine *et al.*, 2010), comportamento impulsivo (Matos & Gonçalves, 2009; Neto, 2005; Schltz *et al.*, 2012; Serrate, 2009; Zaine *et al.*, 2010), visto as dificuldades de auto-controlo (Matos *et al.*, 2009a, 2009b; Serrate, 2009; Vila & Diogo, 2009), sendo que segundo Chicote e Martins (2009) e Serrate (2009) também sente raiva, irritação e alterações do humor. O agressor sente prazer/satisfação em dominar, controlar e causar danos aos outros (Bandeira & Hutz, 2012b; Chicote & Martins, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Melim, 2011; Neto, 2005; Zaine *et al.*, 2010), pois empatia é característica que não possui (Bouth & Sousa, 2010; Chicote & Martins,

2009; Haber & Glatzer, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Melim, 2011; Serrate, 2009; Zaine *et al.*, 2010), considerando que todos devem ceder aos seus desejos, manipulando-os para tal (Bouth & Sousa, 2010; Chicote & Martins, 2009; Rosário & Duarte, 2009; Serrate, 2009). Agride com o intuito de magoar, prejudicar, ridicularizar e/ou humilhar a vítima, sem sequer ter sido provocado (Bandeira & Hutz, 2012a; Chicote & Martins, 2009; Rosário & Duarte, 2009), na procura de poder e liderança (Bandeira & Hutz, 2012b; Francisco & Libório, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Rosário & Duarte, 2009), acrescentando Rosário e Duarte (2009) gostar de ser o centro das atenções. Consegue unir membros a si, formando um grupo (gangue) que o apoia nas agressões (Bouth & Sousa, 2010; Chicote & Martins, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Neto, 2005; Schiultz *et al.*, 2012; Silva *et al.*, 2011). Vê a agressividade como uma qualidade (Bandeira & Hutz, 2012b; Carvalhosa *et al.*, 2002; Neto, 2005), sendo que de acordo com Bouth e Sousa (2010) também utiliza o comportamento agressivo com os adultos para resolver problemas. Segundo Bandeira e Hutz (2012b) é bem aceite pelos colegas, logo é popular (Chicote & Martins, 2009; Haber & Glatzer, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Neto, 2005; Silva *et al.*, 2011; Zaine *et al.*, 2010), sendo que, segundo Matos e colaboradores (2009b) possui uma rede de relações interpessoais mais alargada que a vítima (ver Anexo 10).

Contudo, Carvalhosa e colaboradores (2002) referem que o agressor tem poucos amigos e dificuldades em fazê-los. Possui também uma elevada auto-estima (Haber & Glatzer, 2009; Matos *et al.*, 2009a, 2009b; Schultz *et al.*, 2012; Serrate, 2009), porém Matos e Gonçalves (2009) contrariam este fato, afirmando que o agressor possui reduzida auto-estima. É, por norma, mais forte, mais alto e mais velho que a vítima (Bandeira & Hutz, 2012b; Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009; Neto, 2005; Silva *et al.*, 2011; Zaine *et al.*, 2010), envolvendo-se regularmente em desentendimentos e discussões (Chicote & Martins, 2009; Matos *et al.*, 2009a, 2009b). Não aceita regras (Barros, 2012; Chicote & Martins, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Neto, 2005; Pereira, 1997; Vila & Diogo, 2009), possuindo atitudes delinquentes e anti-sociais (Matos *et al.*, 2009a; Neto, 2005; Seixas, 2009). Tem falta de competências para resolver problemas (Matos & Gonçalves, 2009), sendo que também habitualmente vandaliza propriedades e destrói o ambiente (Chicote & Martins, 2009; Haber & Glatzer, 2009). De acordo com Melim (2011) possui dificuldades de concentração,

acrescentando ainda Haber e Glatzer (2009) que o agressor falta às aulas, o que se irá reflectir num reduzido desempenho escolar (Chicote & Martins, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a), tal como num sentimento de infelicidade neste contexto (Carvalhosa *et al.*, 2002; Neto, 2005). Envolve-se regularmente em comportamentos de risco para a saúde como o consumo de tabaco, álcool e drogas (Carvalhosa *et al.*, 2002; Haber & Glatzer, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Neto, 2005; Seixas, 2009). É apontado como ansioso (Matos & Gonçalves, 2009; Schultz *et al.*, 2012), no entanto Silva e colaboradores (2011) referem que o agressor não é ansioso. É referido como inseguro (Bouth & Sousa, 2010; Matos & Gonçalves, 2009; Schultz *et al.*, 2012), contudo Silva e colaboradores (2011) mencionam que o agressor não é inseguro, visto ter uma opinião positiva sobre si mesmo (ver Anexo 10).

Quanto à vítima passiva esta é frequentemente intimidada, provocada, apelidada, ofendida, roubada, ameaçada, discriminada, isolada e rejeitada pelos colegas (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Barros, 2012; Bouth & Sousa, 2010; Carvalhosa *et al.*, 2002; Chicote & Martins, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Melim, 2011; Rosário & Duarte, 2009; Schlitz *et al.*, 2012), não reagindo aos ataques (Bandeira & Hutz, 2012a; Francisco & Libório, 2009; Matos *et al.*, 2009b; Serrate, 2009; Vila & Diogo, 2009; Zaine *et al.*, 2010), permanecendo passiva (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Barros, 2012; Bouth & Sousa, 2010; Matos & Gonçalves, 2009; Neto, 2005; Seixas, 2009; Zaine *et al.*, 2010) e submissa (Bandeira & Hutz, 2012b; Matos *et al.*, 2009a, 2009b; Silva *et al.*, 2011) (ver Anexo 10).

A vítima passiva está mais vulnerável às agressões devido a algumas características pessoais, físicas, comportamentais e emocionais (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Chicote & Martins, 2009). Quanto às características que melhor a definem, constatamos ser: por norma, mais fraca que o agressor (Chicote & Martins, 2009; Francisco & Libório, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Melim, 2011; Serrate, 2009), inibida (Bandeira & Hutz, 2012b; Matos *et al.*, 2009a, 2009b), tímida (Chicote & Martins, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Melim, 2011; Schultz *et al.*, 2012; Serrate, 2009; Silva *et al.*, 2011; Zaine *et al.*, 2010), insegura (Barros, 2012; Bouth & Sousa, 2010; Francisco & Libório, 2009; Melim, 2011; Neto, 2005; Seixas, 2006; Serrate, 2009; Silva *et al.*, 2011; Vila & Diogo, 2009), possui reduzida auto-estima (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Barros, 2012; Bouth & Sousa, 2010; Chicote &

Martins, 2009; Francisco & Libório, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Melim, 2011; Neto, 2005; Rosário & Duarte, 2009; Pereira *et al.*, 2009; Schultz *et al.*, 2012; Serrate, 2009; Silva *et al.*, 2011; Vila & Diogo, 2009; Zaine *et al.*, 2009), é sensível (Barros, 2012; Matos & Gonçalves, 2009; Silva *et al.*, 2011), frágil (Bouth & Sousa, 2010; Chicote & Martins, 2009; Rosário & Duarte, 2009; Schultz *et al.*, 2012; Serrate 2009; Vila & Diogo, 2009) e chora com facilidade, pois sente muita tristeza com o que lhe está a acontecer (Barros, 2012; Bouth & Sousa, 2010; Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a, 2009b; Melim, 2011; Neto, 2005; Pereira *et al.*, 2009; Serrate, 2009), visto não gostar de violência (Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Melim, 2011; Schultz *et al.*, 2012; Serrate, 2009; Silva *et al.*, 2011; Zaine *et al.*, 2010). Tem dificuldades em impor-se (Bouth & Sousa, 2010; Silva *et al.*, 2011), não é assertiva (Matos *et al.*, 2009a, 2009b), não possui estratégias de defesa (Barros, 2012; Chicote & Martins, 2009; Francisco & Libório, 2009; Melim, 2011; Neto, 2005; Seixas, 2006; Serrate, 2009; Silva *et al.*, 2011; Zaine *et al.*, 2010) e também não procura ajuda (Bouth & Sousa, 2010; Chicote & Martins, 2009; Neto, 2005; Rosário & Duarte, 2009) (ver Anexo 10).

A vítima passiva sente medo, vergonha e fracasso (Bandeira & Hutz, 2012b; Barros, 2012; Bouth & Sousa, 2010; Matos *et al.*, 2009a; Neto, 2005), sendo que possui autoconceito negativo (Barros, 2012; Melim, 2011; Neto, 2005). Desenvolve fobias (Matos *et al.*, 2009; Serrate, 2009), sente-se ansiosa (Barros, 2012; Bouth & Sousa, 2010; Chicote & Martins, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Melim, 2011; Neto, 2005; Seixas, 2006, 2009; Serrate, 2009), acrescentando Chicote e Martins (2009) que sofre em silêncio. É muito *stressada* (Chicote & Martins, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Silva *et al.*, 2011; Zaine *et al.*, 2010), isola-se, sentindo solidão (Chicote & Martins, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Seixas, 2009; Vila & Diogo, 2009; Zaine *et al.*, 2010), até porque é pouco sociável (Francisco & Libório, 2009; Neto, 2005; Silva *et al.*, 2011), tem poucos amigos e dificuldades em fazê-los (Carvalhosa *et al.*, 2002; Haber & Glatzer, 2009; Neto, 2005; Schultz *et al.*, 2012; Vila & Diogo, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Melim, 2011). É depressiva (Bouth & Sousa, 2010; Carvalhosa *et al.*, 2002; Chicote & Martins, 2009; Haber & Glatzer, 2009; Neto, 2005; Rosário & Duarte, 2009; Seixas, 2009; Serrate, 2009), sente dificuldades em dormir, sofre pesadelos

(Bouth & Sousa, 2010; Haber & Glatzer, 2009) e sente dores de cabeça e barriga (Haber & Glatzer, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Seixas, 2009) (ver Anexo 10).

A vítima passiva considera a escola um espaço desagradável (Carvalhosa *et al.*, 2002), sente medo de se dirigir para lá (Bouth & Sousa, 2010; Chicote & Martins, 2009; Neto, 2005; Rosário & Duarte, 2009), apresentando então dificuldades de concentração, atenção e aprendizagem (Matos *et al.*, 2009a; Vila & Diogo, 2009), baixo rendimento escolar (Bouth & Sousa, 2010; Matos & Gonçalves, 2009; Neto, 2005; Serrate, 2009), podendo, de acordo com Matos e colaboradores (2009a), acabar por abandonar os estudos. Segundo Matos e Gonçalves (2009) é provável que se envolva em comportamentos de risco para a saúde, tais como o consumo de tabaco, álcool e drogas, se reflectindo, por vezes, em pensamentos suicidas (Chicote & Martins, 2009; Haber & Glatzer, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Neto, 2005; Pereira, 1997; Vila & Diogo, 2009) (ver Anexo 10).

Quanto ao perfil da vítima-agressor, esta é caracterizada por sofrer vitimizações (Bouth & Sousa, 2010) e agir de forma violenta quando é agredida (Bouth & Sousa, 2010; Carvalhosa *et al.*, 2002; Chicote & Martins, 2009; Matos *et al.*, 2009a, 2009b; Schultz *et al.*, 2012; Seixas, 2006; Serrate, 2009; Silva *et al.*, 2011). Tem atitudes agressivas e provocativas (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Carvalhosa *et al.*, 2002; Matos *et al.*, 2009a, 2009b; Neto, 2005; Schultz *et al.*, 2012), humilhando os colegas para esconder as suas próprias limitações (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Melim, 2011; Neto, 2005) e transferindo assim os maus-tratos sofridos para outros ainda mais fracos, de acordo com Chicote e Martins (2009). É inoportuna (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Neto, 2005) e age por impulso (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Matos *et al.*, 2009a, 2009b), sendo considerada até hiperativa (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Schultz *et al.*, 2012; Seixas, 2006; Serrate, 2009). Possui falta de competências sociais (Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009b), é insegura (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Neto, 2005), tem reduzida auto-estima (Bandeira & Hutz, 2012a; Schultz *et al.*, 2011), possui alterações psicológicas (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Neto, 2005), é depressiva (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Neto, 2005; Silva *et al.*, 2011), sendo que, de acordo com Neto (2005) pode ter pensamentos suicidas. Sofre rejeição dos pares (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Carvalhosa *et al.*, 2002; Neto, 2005), logo é impopular (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Neto, 2005). De acordo com Serrate (2009)

tem problemas de concentração, logo dificuldades de aprendizagem (Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009), considerando a escola um local desagradável, de acordo com Carvalhosa e colaboradores (2002) (ver Anexo 10).

Quanto à testemunha, o seu perfil é caracterizado por não se envolver directamente no ato *bullying*, apesar de participar como espectadora (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Vila & Diogo, 2009). Muitas testemunhas não ajudam a vítima por não saberem como agir, por medo de se tornarem a próxima vítima, por receio de atuar de forma errada e causar mais problemas e por não acreditar nas atitudes da escola (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Bouth & Sousa, 2010; Chicote & Martins, 2009; Francisco & Libório, 2009; Matos *et al.*, 2009b; Melim, 2011; Neto, 2005; Vila & Diogo, 2009). Devido aos atos que observa, a testemunha sente medo de ir para a escola, tal como sente-se intimidada, indefesa (Bouth & Sousa, 2010; Chicote & Martins, 2009; Vila & Diogo, 2009) e ansiosa, de acordo com Chicote e Martins, (2009), acabando então por sofrer em silêncio (Chicote & Martins, 2009; Rosário & Duarte, 2009), pois apesar de não concordar com aquilo que assiste, omite a sua opinião, referem Chicote e Martins (2009). A forma como reage ao *bullying* permite classificá-la como auxiliar (participa ativamente na agressão), incentivadora (estimula o agressor), observadora (só observa ou se afasta), defensora (protege a vítima ou chama um adulto para interromper a agressão) (Neto, 2005; Silva *et al.*, 2011). Na verdade é, muitas vezes, manipulável, aderindo ao *bullying* por pressão dos colegas (Chicote & Martins, 2009; Neto, 2005; Zaine *et al.*, 2010). Segundo Neto (2005), o agressor ao ganhar respeito através da agressão, leva a testemunha a adoptar este comportamento condenável para defender-se, tal como para alcançar o caminho para a popularidade e o poder, daí Matos e Gonçalves (2009) considerarem que a testemunha ao observar comportamentos *bullying* também se torna, por vezes, agressiva (ver Anexo 10).

É de realçar que muitos outros autores não abordam o perfil da vítima-agressor (Barros, 2012; Francisco & Libório, 2009; Haber & Glatzer, 2009; Pereira, 1997; Pereira *et al.*, 2009; Rosário & Duarte, 2009; Seixas, 2009; Vila & Diogo, 2009), nem tão pouco fazem referência ao perfil da testemunha (Barros, 2012; Carvalhosa *et al.*, 2002; Haber & Glatzer, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Pereira, 1997; Pereira *et al.*, 2009; Seixas, 2006, 2009). Contudo, consideramos não serem menos importantes que os restantes perfis (ver Anexo 10).

Relativamente às agressões mais frequentes entre adolescentes em contexto escolar, segundo os estudos pesquisados, verificamos terem sido: espalhar rumores (Martins, 2005); insultos verbais; chamar nomes; lançar boatos; dizer piadas sexuais; excluir das atividades (Matos & Gonçalves, 2009), porém estes autores não referiram as percentagens. O estudo de Neto (2005) menciona terem sido os apelidos (54,2%) a agressão mais frequente, seguindo-se das agressões (físicas) (16,1%) mas em menor percentagem. Já a OMS (2002) refere ter sido: o gozo, os insultos e a troça (26,1%); comentários, gestos ordinários e piadas sexuais (14,3%); exclusão social ou de atividades (13,1%) (ver Anexo 11).

De acordo com os agressores, os ataques mais frequentes foram, segundo Bandeira e Hutz (2012a): insultos e apelidos (70,7%); empurrões, pontapés e socos (15,4%); ameaças (13,5%); isolamento (6,9%); mentiras (6,6%); roubar ou danificar pertences (1,9%). De acordo com Zaine e colaboradores (2010) as agressões mais usadas foram: agressão física com pontapés e empurrões (81,25); brincadeiras desagradáveis e gozação (62,5%); ameaças físicas (56,25%). Podemos verificar que, segundo os agressores, as agressões mais utilizadas foram do tipo físico e verbal (ver Anexo 11).

Na opinião das vítimas, as agressões mais frequentes foram, segundo o estudo de Bandeira e Hutz (2012a) foram: insultos e apelidos (61,1%); mentiras (25,7%); ameaças (19,35%); empurrões, pontapés e socos (12,5%); isolamento (6,8%); roubar ou danificar pertences (3,6%). Já Francisco e Libório (2009) abordam, no seu estudo, escolas do 5.º e 8.º ano da região periférica e da região central, tendo verificado as agressões mais frequentes: ameaças (23,3%); insultos e rir do outro, contudo os autores não revelam a percentagem deste último tipo de agressão. Sampaio e investigadores (1996) constataram terem sido mais frequentes: insultos (67,6%); empurrões (63,6%); ameaças com palavras ou gestos (54,6%); ser apalpada contra a sua vontade (42,3%); agressão (física) (29,1%); vítima de exibicionismo (19,5%); ameaças com objectos (6,6%). De acordo com Zaine e colaboradores (2010) as agressões mais utilizadas foram: ameaças físicas e rumores falsos com igual percentagem (56,25%); ameaças físicas com objectos e brincadeiras desagradáveis e gozação com a mesma percentagem (43,75%). Valadez e colaboradores (2011) fizeram um estudo mais detalhado, distinguindo vítimas “sempre” e “quase sempre”, sendo que as agressões mais utilizadas foram: apelidos

desqualificantes (14,9%); bater (12,2%); falar mal da vítima (10%); ridicularizar (8%); roubar (7,3%); excluir e ignorar com a mesma percentagem (5,2%); impedir de participar (5%); destruir pertences (4,9%); ameaçar (3,7%); obrigar a fazer algo e carícias sexuais sem ser da vontade da vítima com igual percentagem (3,4%); insultos de carácter sexual e gestos obscenos (3,1%); ameaçar com uma arma (2%). Este último estudo apresentou níveis mais reduzidos quanto aos tipos de agressões mais frequentes, talvez pela razão do autor ter particularizado o fato de ser vítima “sempre” e “quase sempre”. Constatamos que, segundo as vítimas, as agressões mais utilizadas foram do tipo verbal e físico (ver Anexo 11).

Segundo as testemunhas, os atos agressivos mais frequentes foram, segundo o estudo de Sampaio e investigadores (1996): insultos (83,4%); apalpar sem ser da vontade do outro (69%); agressões físicas (64%); empurrões (62,5%); cenas de exibicionismo (18,9%); ameaças com objetos (7,6%); ameaças com palavras ou gestos (6,7%). Quanto às testemunhas podemos verificar que as agressões mais usadas foram do tipo verbal, sexual e físico (ver Anexo 11).

Relativamente aos estudos pesquisados, podemos constatar que as agressões mais frequentes, na opinião dos envolvidos em *bullying*, de um modo geral, foram maioritariamente as agressões verbais e as físicas. Contudo, nos estudos estão presentes as agressões de todos os tipos (verbal, físico, sexual, psicológico/social) (ver Anexo 11).

Em relação às diferenças quanto ao género, segundo o estudo de Bandeira e Hutz (2012a) e, na opinião dos agressores: o sexo masculino recorreu mais ao uso dos insultos e apelidos (44,1%) em comparação às raparigas (34,1%); as raparigas agridiram mais levantando mentiras (4,5%) do que os rapazes (2,9%); os rapazes ameaçaram mais (7,8%) do que o sexo oposto (7,3%); o sexo masculino empurrou, deu pontapés e socos em maior quantidade (11,8%) do que o feminino (5%); os rapazes agridiram mais com o isolamento (4,5%) que o sexo contrário (3,2%); o sexo masculino roubou ou danificou pertences (2%), uma característica que não está presente no sexo feminino. Este estudo permitiu-nos compreender que os rapazes agridiram mais de forma verbal e física, já as raparigas agridiram mais de modo verbal e psicológico/social. Ainda no estudo de Bandeira e Hutz (2012a) e, na opinião das vítimas, as raparigas foram mais vítimas de insultos e apelidos (38,6%) do que os rapazes (35,1%); o sexo feminino sofreu mais de mentiras (20,5%) do que o masculino (11%); os rapazes foram mais ameaçados (12,2%)

do que as raparigas (10,9%); o sexo masculino sofreu mais empurrões, pontapés e socos (9,8%) do que o feminino (5%); as raparigas sofreram mais isolamento (4,5%) do que os rapazes (3,7%); os rapazes sofreram mais roubos e danificação de pertences (2,4%) do que as raparigas (1,8%). Este estudo permitiu-nos verificar que os rapazes foram mais vítimas de agressão verbal e física, já as raparigas foram mais agredidas de modo verbal e psicológico/social (ver Anexo 11).

No estudo de Pereira (1997) no que toca a falar mal da vítima, as raparigas apresentaram a maior percentagem (64,3%) comparativamente aos rapazes (19,3%); o sexo feminino chamou mais nomes (64,3%) do que o masculino (59,6%); os rapazes foram mais alvos de agressões (43,9%) do que as raparigas (32,1%); o sexo masculino tirou mais vezes coisas aos outros (36,8%) do que o feminino (28,6%); as raparigas meteram mais medo (intimidam) (23,2%) do que os rapazes (14%); o sexo feminino usou mais o “não falar” (desprezo) (17,9%) que os rapazes (10,5%). Este estudo revelou que os rapazes utilizaram mais a agressão física e as raparigas a agressão verbal, psicológica/social. Esta investigação vai ao encontro do estudo de Bandeira e Hutz (2012a) no sentido em que refere ter sido o *bullying* físico o mais utilizado pelos rapazes, tal como confirma o fato das raparigas terem usado mais os ataques verbais e psicológicos/sociais (ver Anexo 11).

Estes estudos são confirmados na revisão da literatura, no que respeita a apontar serem os rapazes os mais utilizadores da agressão física e das ameaças e as raparigas do ataque verbal e social (Ahmad & Smith, 1994 & Whitney & Smith, 1991, 1993, citados por Costa & Vale, 1998; Craig, 1998 & Bacchini *et al.*, 1999, citados por Melim, 2011; Peresrelo, 2008). Contudo, discordam do estudo de Olweus (1999), citado por Melim (2011), e Lagerspetz *et al.*, 1988, citados por Pereira, 1997, ao revelar estes autores que o *bullying* verbal é utilizado de forma idêntica tanto pelos rapazes como pelas raparigas (ver Anexo 11).

Relativamente ao estudo elaborado por Rosário e Duarte (2010) que distinguia as percentagens dos alunos do 7.º e do 9.º ano de escolaridade, verificamos, segundo os agressores, que os alunos do 7.º ano agrediram mais no que toca à exclusão de actividades, chamar nomes, estragar objectos, ameaçar e obrigar a situações sexuais. Já os alunos do 9.º ano agrediram mais no que respeita a ignorar, falar mal do outro, rejeitar, insultar e gozar, bater, roubar coisas e ameaçar com armas. As percentagens no

que diz respeito a intimidar com frases sexuais, em ambos os anos de escolaridade, revelaram o mesmo valor de percentagem (5,7%). Constatamos, contudo, que em ambos os anos, os agressores atacaram usando os vários tipos de *bullying* existentes. Ainda o mesmo estudo e relativamente às mesmas agressões anteriormente referidas mas assistidas pelas testemunhas, evidencia que foram os alunos do 9.º ano a assistir a mais comportamentos *bullying*, sendo que os alunos do 7.º ano apenas assistiram mais a agressões como: obrigar a atividades sexuais (ver Anexo 11).

Quanto às agressões mais frequentes entre adolescentes em contexto escolar na RAM, verificamos, no estudo de Melim (2011) que as agressões mais frequentes utilizadas pelos adolescentes nas escolas da RAM. Assim sendo, segundo Melim (2011) as agressões foram: chamar nomes (73,2%); falar da vítima, dizer segredos (45,5%); bater, dar socos e pontapés (28%); meter medo, ameaçar (intimidar) (24%); pedir dinheiro emprestado e não devolver (23%); não falar com a vítima (desprezo) (12,4%); roubar (10,9%); insultos de caráter discriminatório (raça, cor) (6,7%); espalhar mensagens (6%); deixar a vítima só (rejeitar) (5,8%). Já de acordo com o estudo de Abreu (2011) as agressões mais utilizadas foram: inventar coisas sobre o outro (24,7%); gozar (22,4%); dar pontapés (15,4%); ameaçar (15,1%); tentar bater na vítima (12,1%); destruir objetos da vítima (7,5%). Segundo o estudo de Andrade (2012) as agressões mais assíduas foram: chamar nomes ofensivos (4,5%); gozar e humilhar (3,4%); levantar rumores e calúnias (2,2%); excluir do grupo (1,8%); bater (0,9%); empurrar violentamente (0,8%), sendo que este último estudo apontou para níveis bastante baixos de utilização de agressões entre os alunos, se despistando dos valores do estudo de Abreu (2011) e ainda mais do estudo de Melim (2011). O estudo de Andrade (2012) revela ainda que as agressões mais frequentes foram do tipo verbal (35,1%) e físico (22%) (ver Anexo 12).

Após a análise destes estudos realizados com a população da RAM, verificamos que em todos eles, os tipos de *bullying* mais utilizados pelos alunos foram o verbal, seguindo-se do físico (ver Anexo 12).

Relativamente aos locais onde ocorre o *bullying* entre adolescentes em contexto escolar, o estudo de Francisco e Libório (2009) indica ter sido no recreio (28,6%) e na sala de aula com uma percentagem muito próxima (27,9%). Pereira e colaboradores (1996), no seu estudo, partilharam da mesma opinião que Francisco e Libório (2009),

enunciando a percentagem de 78% nos recreios das escolas do Norte do país e 74% nas escolas do Sul. Também Pereira (1997) refere que as agressões ocorreram maioritariamente nos recreios, sala de aula, acrescentando ainda nos corredores e na cantina. O referido autor fez ainda uma distinção entre o género, sendo que os rapazes agrediram mais no recreio, enquanto que as raparigas agrediram mais na sala de aula, corredores e cantina. Contudo, as percentagens entre os dois sexos são relativamente próximas em todos os locais apontados deste último estudo (ver Anexo 13).

Estas investigações estão em conformidade com a revisão da literatura realizada ao referir ser nos intervalos das aulas que as vítimas são normalmente atingidas (Perestrelo, 2008), logo a maior parte das agressões são realizadas no recreio e corredores (Abreu, 2011; Almeida *et al.*, 1996 & Pereira *et al.*, 1996 & Ortega, 1994 & Whitney & Smith, 1993, citados por Pereira, 1997; Andrade, 2012; Neto, 2005; Pereira *et al.*, 2009, citados por Melim, 2011), pois é lá que são passados os intervalos das aulas. Ainda na revisão da literatura a sala de aula e as casas-de-banho são apontadas como locais propícios aos comportamentos *bullying* (Genta *et al.*, 1996 & Ortega, 1994 & Whitney & Smith, 1993, citados por Pereira, 1997; Moulton, 2010, citado por Abreu, 2011).

Em relação aos locais onde ocorre *bullying* entre adolescentes em contexto escolar escolar na RAM, segundo o estudo de Abreu (2011), são os corredores (58,3%); jardim (55,3%); campo de jogos (30,2%); balneários (26,8%); escadas (23,3%); bar dos alunos e cantina (19,5%). Já o estudo de Andrade (2012) fez uma distinção em relação à opinião de cada um dos intervenientes em *bullying*. Assim sendo, de acordo com os agressores, os locais mais usados para os atos agressivos foram: recreio (47,5%); sala de aula (10,8%); corredores e escadas (9,8%). Da mesma opinião encontram-se as vítimas ao referirem: recreio (58,4%); sala de aula (14,1%); corredores e escadas (13,1%). Quanto às testemunhas, estas assistiram a mais comportamentos *bullying* no recreio (81%); corredores e escadas (28,7%); arredores da escola (25%) (ver Anexo 14).

Estes valores levam-nos a compreender que realmente o recreio é o local onde ocorrem mais atos agressivos, contudo no estudo de Abreu (2011) não deixa de ser curioso este não referir os recreios como local evidente para o desenrolar de agressões. Podemos também verificar que a percentagem das testemunhas que revela ter assistido a comportamentos *bullying* no recreio, corredores e escadas é superior à percentagem de

respostas tanto das vítimas como dos agressores relativamente aos mesmos locais, o que nos pode levar a pensar que estes dois últimos sujeitos podem não estar a assumir que realmente agrediram e foram agredidos nestes locais com esta frequência (ver Anexo 14).

Relativamente às consequências do *bullying* escolar para os adolescentes envolvidos, passamos a delinear as mesmas para os agressores, vítimas passivas, vítimas-agressor (provocativas) e testemunhas.

As consequências mais apontadas pelos autores em relação ao agressor foram: envolvimento regular em conflitos (Matos *et al.*, 2009a, 2009b; Neto, 2005), acreditando, segundo Pereira (1997), que com a força resolve todos os problemas, sendo que possui dificuldades de auto-controlo (Matos *et al.*, 2009a, 2009b; Pereira, 1997; Vila & Diogo, 2009), junta membros a si (gangue) para o auxiliar nas agressões (Matos & Gonçalves, 2009; Neto, 2005; Schultz *et al.*, 2012; Silva *et al.*, 2011; Zaine *et al.*, 2010). Sente-se insatisfeito com a escola, desinteressando-se por ela, o que irá se reflectir num fraco desempenho escolar (Carvalhosa *et al.*, 2002; Chicote & Martins, 2009; Haber & Glatzer, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Melim, 2011). Também tem tendência para comportamentos de risco, tais como consumo de álcool, tabaco e drogas, como porte de armas (Bandeira & Hutz, 2012a; Carvalhosa *et al.*, 2002; Haber & Glatzer, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Neto, 2005; Melim, 2011; Seixas, 2009; Zaine *et al.*, 2010) e pode precisar de vários serviços como de saúde mental, justiça na adolescência, educação especial e programas sociais (Neto, 2005). Na vida adulta pode ter dificuldades de adaptação social (Matos *et al.*, 2009a; Pereira, 1997; Vila & Diogo, 2009), problemas no desenvolvimento e manutenção de relações positivas (Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Pereira, 1997; Vila & Diogo, 2009; Zaine *et al.*, 2010). Pode entrar na vida de delinquência, ter problemas de conduta e crimes, acabando por ser preso (Barros, 2012; Carvalhosa *et al.*, 2002; Matos *et al.*, 2009a; Melim, 2011; Rosário & Duarte, 2009; Seixas, 2009; Serrate, 2009; Zaine *et al.*, 2010), dando assim, de acordo com Bandeira e Hutz (2012a), continuidade à agressão na vida futura, não respeitando as regras sociais (Barros, 2012; Matos *et al.*, 2009a; Pereira, 1997; Melim, 2011; Seixas, 2009; Vila & Diogo, 2009). Pode acarretar também problemas de ansiedade (Matos & Gonçalves, 2009; Schultz *et al.*, 2012; Seixas, 2006), depressão (Carvalhosa *et al.*, 2002; Haber & Glatzer, 2009; Seixas, 2006; Zaine *et al.*,

2010) e até, segundo Zaine e colaboradores (2010) tentativas suicidas, podendo se tornar também em pai/mãe e cônjuge abusivo, tal como ter problemas de violência doméstica (Melim, 2011; Rosário & Duarte, 2009; Zaine *et al.*, 2010) (ver Anexo 15).

As consequências para a vítima passiva mais evidenciadas foram: sentimento de tristeza (Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Melim, 2011; Neto, 2005; Pereira, 1997; Pereira *et al.*, 2009), alto *stress* (Matos *et al.*, 2009a; Melim, 2011; Pereira *et al.*, 2009), insegurança (Barros, 2012; Bouth & Sousa, 2010; Francisco & Libório, 2009; Melim, 2011; Neto, 2005; Serrate, 2009), perda de auto-confiança (Barros, 2012; Melim, 2011; Neto, 2005; Pereira, 1997; Vila & Diogo, 2009), isolamento e solidão (Chicote & Martins, 2009; Francisco & Libório, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Melim, 2011; Neto, 2005; Seixas, 2009; Vila & Diogo, 2009; Zaine *et al.*, 2010), logo, segundo Neto (2005) pode precisar de vários serviços como de saúde mental, justiça na adolescência, educação especial e programas sociais. A vítima passiva apresenta sintomas físicos como dores de cabeça e barriga (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Carvalhosa *et al.*, 2002; Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Melim, 2011), insónias (Bandeira & Hutz, 2012a; Bouth & Sousa, 2010; Neto, 2005). Desenvolve fobias (Bouth & Sousa, 2010; Matos *et al.*, 2009a; Serrate, 2009), elevando-se a ansiedade (Bandeira & Hutz, 2012b; Barros, 2012; Bouth & Sousa, 2010; Matos & Gonçalves, 2009; Melim, 2011; Neto, 2005; Pereira *et al.*, 2009; Seixas, 2006, 2009; Serrate, 2009) e até mesmo sentimentos de pânico (Bouth & Sousa, 2010; Neto, 2005). Pode sofrer de anorexia e bulimia (Bouth & Sousa, 2010; Neto, 2005), a sua auto-estima é afetada (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Barros, 2012; Bouth & Sousa, 2010; Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Melim, 2011; Neto, 2005; Pereira, 1997; Pereira *et al.*, 2009; Rosário & Duarte, 2009; Schultz *et al.*, 2012; Serrate, 2009; Silva *et al.*, 2011; Vila & Diogo, 2009; Zaine *et al.*, 2010), possuindo extremo sofrimento (Neto, 2005; Serrate, 2009), podendo também sofrer de depressão (Bandeira & Hutz, 2012b; Bouth & Sousa, 2010; Carvalhosa *et al.*, 2002; Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Melim, 2011; Neto, 2005; Pereira, 1997; Pereira *et al.*, 2009; Rosário & Duarte, 2009; Seixas, 2009; Serrate, 2009; Zaine *et al.*, 2010) e pode tentar mesmo o suicídio (Bandeira & Hutz, 2012b; Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Melim, 2011; Neto, 2005; Pereira, 1997; Pereira *et al.*, 2009; Vila & Diogo, 2009; Zaine *et al.*, 2010). Tem probabilidade em adquirir

comportamentos de risco, tais como fumar, consumir álcool e drogas (Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Zaine *et al.*, 2010). Apresenta dificuldades de concentração, atenção e aprendizagem (Matos *et al.*, 2009a; Pereira, 1997; Schultz *et al.*, 2012; Vila & Diogo, 2009), desinteressa-se pela escola, pelo fato de ter medo de permanecer neste espaço violento (Bouth & Sousa, 2010; Rosário & Duarte, 2009; Schlitz *et al.*, 2012; Serrate, 2009), apresentando um fraco rendimento escolar (Bouth & Sousa, 2010; Carvalhosa *et al.*, 2002; Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Neto, 2005; Schultz *et al.*, 2012; Serrate, 2009), podendo mesmo acabar por abandonar os estudos (Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a). Segundo Matos e Gonçalves (2009) também pode agir por imitação, tornando-se em agressor posteriormente. Na vida adulta pode apresentar dificuldades de ajustamento (Pereira, 1997; Vila & Diogo, 2009; Zaine *et al.*, 2010), problemas de competências sociais (Matos *et al.*, 2009a; Neto, 2005), acrescentando ainda Neto (2005) e Vila e Diogo (2009) perda de oportunidades de emprego, instabilidade profissional, relacional e social (ver Anexo 15).

As consequências mais apontadas para a vítima-agressor foram: envolvimento regular em conflitos (Matos *et al.*, 2009b), sendo não só agredida, mas fazendo o mesmo aos outros e transferindo assim os maus-tratos sofridos para outros ainda mais fracos, na opinião de Chicote e Martins (2009), causando-lhes sofrimento (Bandeira & Hutz, 2012b; Bouth & Sousa, 2010; Chicote & Martins, 2009; Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Schultz *et al.*, 2012; Silva *et al.*, 2011), existindo a probabilidade de persistência continuada do seu envolvimento em *bullying* de acordo com Bandeira e Hutz (2012a). A vítima-agressor possui problemas de comportamento (Bandeira & Hutz 2012b) e com os pares (Bandeira & Hutz, 2012a), sendo rejeitada por estes (Bandeira & Hutz, 2012b). Segundo Neto (2005) sente tristeza, acrescentada de sofrimento na opinião de Bouth e Sousa (2010). Pode ter problemas de ansiedade (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Seixas, 2006; Serrate, 2009; Silva *et al.*, 2011) e depressão (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Neto, 2005; Seixas, 2006; Silva *et al.*, 2011), a sua auto-estima é afetada (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Silva *et al.*, 2011), sendo que sente medo, segundo Neto (2005), e insegurança (Bandeira & Hutz, 2012b; Neto, 2005), podendo tentar o suicídio (Bandeira & Hutz, 2012a; Neto, 2005). Pode sofrer distúrbios alimentares, segundo Melim (2011), e alterações psicológicas

(Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Neto, 2005). Os sintomas psicossomáticos e psicológicos poderão se reflectir em frequentes encaminhamentos para serviços de psiquiatria (Bandeira & Hutz, 2012a; Neto, 2005), tal como pode, de acordo com Neto (2005) precisar de vários serviços não só de saúde mental mas também de justiça na adolescência, educação especial e programas sociais. Serrate (2009) faz referência aos problemas de concentração, seguindo-se das dificuldades de aprendizagem (Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009b). Podem se iniciar os comportamentos de risco, tais como o consumo de tabaco, álcool e drogas (Bandeira & Hutz, 2012a; Melim, 2011) e problemas de conduta e anti-sociais, segundo Bandeira e Hutz (2012a) (ver Anexo 15).

Quanto às consequências para a testemunha, esta sente-se incomodada e triste com as situações de *bullying* que observa (Bandeira & Hutz, 2012a; Melim, 2011; Rosário & Duarte, 2009; Vila & Diogo, 2009), vive com medo de ser a próxima vítima (Bandeira & Hutz, 2012a, 2012b; Francisco & Libório, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Melim, 2011; Serrate, 2009; Schultz *et al.*, 2012; Zaine *et al.*, 2010), tornando-se assim temerosa (Bouth & Sousa, 2010; Matos *et al.*, 2009b; Neto, 2005; Vila & Diogo, 2009), sendo que sofre em silêncio (Chicote & Martins, 2009; Melim, 2011), podendo causar-lhe danos mentais (Matos *et al.*, 2009b; Melim, 2011). Segundo Chicote e Martins (2009) tem medo de ir para a escola, sente ansiedade (Chicote & Martins, 2009; Matos *et al.*, 2009b), insegurança (Chicote & Martins, 2009; Vila & Diogo, 2009), acrescentando ainda Matos e colaboradores (2009b) desesperança. A sua aprendizagem é prejudicada, visto o descontentamento que sente pela escola (Chicote & Martins, 2009; Melim, 2011; Neto, 2005). Por outro lado, a testemunha ao assistir a comportamentos *bullying* pode se tornar também ela agressiva (Matos & Gonçalves, 2009; Neto, 2005) ou se juntar ao agressor, participando com ele nos atos violentos, sendo manipulada pelo mesmo para tal (Bandeira & Hutz, 2012b; Chicote & Martins, 2009; Neto, 2005; Schultz *et al.*, 2012; Silva *et al.*, 2011; Zaine *et al.*, 2010) (ver Anexo 15).

Após a análise das consequências do *bullying* para os envolvidos, verificamos que todos os autores referem as consequências para a vítima passiva, contudo alguns deles não mencionam as consequências para o agressor (Bandeira & Hutz, 2012b; Francisco & Libório, 2009; Pereira *et al.*, 2009). Um mais elevado número de autores não enuncia as consequências tanto para a vítima-agressor (Barros, 2012; Francisco &

Libório, 2009; Haber & Glatzer, 2009; Pereira, 1997; Pereira *et al.*, 2009; Rosário & Duarte, 2009; Seixas, 2009; Vila & Diogo, 2009), como para a testemunha (Barros, 2012; Carvalhosa *et al.*, 2002; Haber & Glatzer, 2009; Matos *et al.*, 2009a; Pereira, 1997; Pereira *et al.*, 2009; Seixas, 2006, 2009), dando a entender que estes dois últimos perfis de envolvidos em *bullying* não despertam tanta atenção de estudo para os investigadores, contudo consideramos não serem menos importantes que os restantes perfis (ver Anexo 15).

Quanto aos tipos de intervenção para prevenir e reduzir o *bullying* escolar entre adolescentes, os estudos pesquisados recomendam que a escola deve: envolver toda a comunidade educativa para implementar o projecto de redução e prevenção do *bullying*, formando professores, funcionários e outros membros educativos, se necessário (Andrade, 2012; Matos *et al.*, 2009a; Neto, 2005; Pereira *et al.*, 2011; Schultz *et al.*, 2012), agindo contra o *bullying* o mais cedo possível (Chicote & Martins, 2009; Pereira *et al.*, 2009), podendo iniciar com o levantamento da realidade escolar, seguindo-se da realização do projecto de intervenção com vista a implementá-lo posteriormente (Andrade, 2012; Neto, 2005; Pereira, 1997; Pereira *et al.*, 2009).

É crucial que a escola envolva os pais/encarregados de educação para sessões sobre a assertividade e técnicas educativas parentais não violentas, tal como para reuniões ou conferências para divulgar o programa de prevenção e redução de *bullying*, encorajando-os a participar no planeamento, discutindo juntos o problema (Carvalho, 2012; Matos *et al.*, 2009a, 2009b; Neto, 2005; Pereira *et al.*, 2009; Vitale, 2001). Emerge a necessidade da escola estabelecer normas, directrizes e acções priorizando a consciencialização geral, nomeadamente dos agressores sobre as suas atitudes, a protecção das vítimas, a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro (Andrade, 2012; Bandeira & Hutz, 2012a; Carvalho, 2012; Chicote & Martins, 2009; Neto, 2005; Pereira *et al.*, 2011; Vitale, 2001). É fundamental que a escola investigue a incidência do *bullying*, os alunos envolvidos e os locais onde ocorre (Carvalho, 2012; Matos & Gonçalves, 2009; Matos *et al.*, 2009b; Schultz *et al.*, 2012). A escola precisa organizar-se a nível de ocupação dos tempos livres, elaborando treinamentos através de técnicas de dramatização para que os alunos adquiram habilidade para lidar com o *bullying* de diferentes formas, na opinião de Neto (2005), melhorar as aulas de educação e expressão físico-motora (atividades lúdico-desportivas) com foco no jogo cooperativo,

no aumento da auto-estima e na criação de uma ludoteca para realizar jogos com regras (Pereira *et al.*, 2011), melhorar os recreios/pátios para prevenir o *bullying*, tal como o acesso a equipamentos móveis para livre uso dos alunos, repensando a supervisão (Pereira, 1997; Pereira *et al.*, 2009, 2011).

Há a necessidade da escola promover o desenvolvimento de competências prossociais de interacção interpessoal, linguísticas, sócio-comunicacionais, procurando alcançar a estabilidade emocional e psicológica dos alunos, tal como apoiar os alunos problemáticos no sentido de prevenir o desenvolvimento de problemas sociais mais severos (Carvalho, 2012; Neto, 2005; Pereira *et al.*, 2011), identificando as características individuais, interpessoais e comunitárias para a posse de armas entre os alunos para que estes não se transformem em delinquentes mas sim em cidadãos úteis e ativos na sociedade onde vivem, na opinião de Ferraz e Pereira (2012). Vitale (2001) acrescenta ainda que a escola deve esclarecer aos alunos as expectativas comportamentais, as directrizes específicas, as consequências para as suas infracções e a finalidade que as consequências sejam uma mudança no comportamento e não um castigo.

De acordo com Neto (2005), cabe à escola incentivar os alunos na supervisão e intervenção dos atos de *bullying*, formando grupos de apoio à vítima, tal como procurar cooperação de outras instituições como para a saúde, concelhos tutelares e redes de apoio social. Segundo Matos e colaboradores (2009b) um programa eficaz deve promover uma saúde mental positiva de bem-estar, recursos individuais, competências de auto-egulação, descontração e solução de problemas, iniciar e manter relações de amizade, saber lidar com as adversidades, procura de apoio dos pares e adultos. O Programa de Competências Sociais elaborado por Matos e colaboradores (2009b) pretende promover a inserção social, a harmonia, a cooperação, tal como conhecer melhor o seu corpo, aquisição de capacidades de relacionamento com os outros, comunicação interpessoal verbal e não verbal, identificação e gestão de emoções, identificação e solução de problemas e gestão de conflitos, promoção de competências sociais e da assertividade e expectativas positivas face ao futuro.

Quanto aos professores, é crucial que ofereçam aos alunos um treino especializado no que toca à resolução de conflitos e desenvolvimento de competências, implementando regras e sanções na sala de aula (Carvalho, 2012), ao mesmo tempo que

criam um ambiente favorável ao diálogo, de solidariedade, desenvolvendo atitudes de respeito à diferença que entre alunos haja, de amizade, tolerância, respeito e cooperação (Chicote & Martins, 2009). É necessário que os professores supervisionem os espaços exteriores à sala de aula (Carvalho, 2012; Chicote & Martins, 2009), sendo que ao tomarem conhecimento de alguma situação de *bullying* devem falar de imediato com o agressor de modo a que o sucedido não se repita, tal como informar a direcção da instituição sobre o que aconteceu e também os pais/encarregados de educação dos alunos envolvidos no caso, de forma a juntos resolver a situação (Carvalho, 2012; Chicote & Martins, 2009).

Em relação aos alunos, segundo Neto (2005), há que ser dadas condições para que os agressores desenvolvam comportamentos mais amigáveis e sadios, evitando o uso de acções meramente punitivas, como castigos ou exclusão do meio escolar, acrescentando ainda Matos e colaboradores (2009a), promover competências cognitivas, emocionais e comportamentais para ambos (gestão emocional, comportamento assertivo, competências na resolução de conflitos) e promoção de atitudes extracurriculares, (técnicas de relaxamento, de controlo do *stress* e aborrecimento/tédio, ansiedade ou depressão).

O sistema político deve tomar consciência das sérias consequências do *bullying* que merece especial atenção de toda a sociedade (Bandeira & Hutz, 2012a; Pereira *et al.*, 2011), instituir políticas públicas que dêem prioridade à diminuição e prevenção do *bullying* nas escolas, na opinião de Bandeira e Hutz (2012a), tal como investir e treinar profissionais da área educacional para elaborar e executar programas de prevenção do *bullying* (Bandeira & Hutz, 2012a; Matos *et al.*, 2009a; Pereira *et al.*, 2011).

Procuramos que a meta-análise realizada incluisse artigos científicos que reúnem resultados de estudos realizados em diferentes locais do mundo e também na RAM para depois os resumirmos numa espécie de síntese. Apesar de se limitar à síntese dos resultados e não apresentar quantificação, permite-nos observar tendências que se destacam e que de outra forma passariam despercebidas. A meta-análise é uma ferramenta para mostrar áreas onde a evidência disponível é insuficiente e onde são precisos novos estudos. É uma técnica vantajosa no sentido da facilidade de execução, da forma rápida com que se pode obter os resultados e do fato de ser financeiramente pouco exigente. A capacidade de sintetizar informação é uma vantagem, pois num

estudo só, é possível reunir os resultados de vários trabalhos de investigação. Também permite analisar as diferenças metodológicas e os resultados dos estudos, permitindo sugerir padrões que justifiquem as diferenças encontradas e assim, as expliquem, dando uma ideia mais abrangente sobre qual será a verdadeira resposta à questão proposta.

Os estudos da meta-análise são apresentados, geralmente, em tabelas e no nosso estudo a meta-análise foi exposta dessa forma, exibindo assim os dados. O problema é que nas tabelas podem aparecer células vazias, visto normalmente não termos acesso aos dados completos de cada estudo. De uma forma geral, não é possível ir além dos artigos de revista em que foram divulgados os resultados dos estudos. O fato de não existirem dados suficientes que permitam a análise de cada estudo é um dos maiores problemas encontrados na realização de uma meta-análise, tanto por não termos acesso competo aos estudos, tal como por eles mesmos terem limitações e falhas, sendo que nenhuma meta-análise pode compensar as limitações inerentes aos estudos em que se baseia, visto eles mesmos terem erros sistemáticos e aleatórios.

Verificamos que não existem muitos estudos de carácter longitudinal sobre o tema *bullying*, logo consideramos pertinente, a nível de perspectivas futuras, que se elaborem mais investigações deste tipo para obter mais informações sobre que adultos serão aqueles adolescentes que estiveram envolvidos em *bullying*. Também por termos verificado que são raros os autores que abordam a vítima-agressor e a testemunha nos seus estudos, julgamos ser importante elaborar mais estudos que abordem estes dois perfis de envolvidos em *bullying* escolar.

Conclusão

O *bullying* é um fenómeno que tem vindo a afetar de modo crescente os adolescentes que frequentam as escolas de todo mundo, independentemente da localização, contexto social, económico ou cultural onde estão inseridas. Este fenómeno está relacionado com comportamentos agressivos entre pares em contexto escolar, quando um aluno agride o outro de forma repetitiva e sem razão, com o intuito de causar-lhe danos, havendo entre eles uma desigualdade de poder. Estes cruéis episódios condicionam o bom funcionamento escolar, tal como o normal desenvolvimento dos alunos envolvidos neste acontecimento, acarretando consequências severas para todos.

O *bullying* ocorre na escola entre os alunos de todas as idades, sejam crianças ou adolescentes, contudo são vários autores a referir que ocorre maioritariamente na adolescência (Bouth & Sousa, 2010; Costa & Vale, 1999; Matos *et al.*, 2009a; Vila & Diogo, 2009).

Face ao exposto, esta dissertação procura um conhecimento mais aprofundado sobre o *bullying* entre adolescentes em contexto escolar. Para tal, delineamos como objectivo geral descrever de que forma o fenómeno *bullying* tem expressão na população adolescente em contexto escolar. Como objectivos específicos pretendíamos verificar a existência de *bullying* entre adolescentes em contexto escolar, tal como conhecer os preceitos legais que permitem à organização escolar lidar com os casos de *bullying* na RAM e ainda analisar os efeitos negativos que o *bullying* acarreta para os envolvidos neste fenómeno.

Como método de investigação utilizamos uma meta-análise, na qual incluímos vários estudos sobre o *bullying* escolar entre adolescentes, desde o ano 1995 até a atualidade. Assim, após a análise e discussão dos resultados dos estudos, formulamos as conclusões obtidas.

Os resultados apontam que existe envolvimento dos alunos adolescentes em *bullying*, inclusivamente tanto dos rapazes como das raparigas.

Com vista a concretizar um dos objectivos específicos que pretendia verificar a existência de *bullying* entre adolescentes em contexto escolar, abordamos o envolvimento do agressor, vítima passiva, vítima-agressor e testemunha, de forma individual.

Quanto ao envolvimento do agressor em *bullying*, verificamos que foram os rapazes os mais envolvidos como agressores do que o sexo contrário. Constatamos ainda que conforme aumentou o ano de escolaridade, a tendência foi para os alunos abandonarem o papel de agressores.

Relativamente ao envolvimento da vítima passiva em *bullying* escolar constatamos que conforme aumentou a idade do aluno, a tendência para ser vítima de comportamentos *bullying* diminuiu, tal como reduziu conforme aumentou o ano de escolaridade. Quanto ao género, chegamos à conclusão que tanto os rapazes como as raparigas sofreram vitimizações.

Em relação ao envolvimento da vítima-agressor em *bullying*, apuramos uma percentagem reduzida de envolvimento neste papel, sendo que é menor tanto em relação aos níveis da vítima passiva como do agressor. Concluimos serem os rapazes os mais envolvidos como vítimas-agressor comparativamente às raparigas.

Em relação às testemunhas, chegamos à conclusão que um elevado número de alunos assistiu a comportamentos *bullying*, sendo as raparigas as mais observadoras destas ocorrências em comparação aos rapazes.

Em relação ao envolvimento em *bullying* fora da escola, constatamos que também existe um grande envolvimento dos alunos em *bullying* fora da escola, nomeadamente na porta da escola, entrada para o autocarro, caminho casa/escola/casa a pé e saída do autocarro. Os agressores agrediram mais de forma verbal e física e as vítimas revelaram terem sido mais agredidas de modo verbal, física e sexual. Já de acordo com as testemunhas estas observaram mais as agressões físicas.

De forma a responder à questão 2, verificamos que existem estudos sobre o *bullying* realizados na RAM, tendo concluído que um grande número de alunos madeirenses estiveram envolvidos nestes atos, sendo os rapazes os mais envolvidos em comparação ao sexo oposto. Também chegamos à conclusão que conforme aumentou a idade dos alunos, a tendência para estes se envolverem em *bullying* diminuiu. Quanto aos agressores foram os rapazes a vestir mais o papel de agressor comparativamente às raparigas, sendo que conforme aumenta a idade, a tendência para ter estes comportamentos de agressor aumenta. Em relação às vítimas estas apresentam maior percentagem de envolvimento que os agressores, sendo as raparigas mais vezes vítimas comparativamente ao sexo contrário. Concluimos que conforme aumenta a idade do

aluno, a tendência para ser vítima diminui. Quanto à percentagem de vítimas-agressor verificamos ser relativamente baixa. Relativamente às testemunhas estas agem de diferentes formas perante a situação de *bullying*. Verificamos ainda que todos os perfis de envolvidos em *bullying* estão presentes nas escolas da RAM.

Apuramos que os estudos não dão grande relevo ao perfil da vítima-agressor tal como da testemunha, visto alguns autores nem se manifestarem em relação a estes dois perfis de envolvidos.

No sentido de responder à questão 3 confirmamos que existe envolvimento dos alunos adolescentes em *cyberbullying*. Contudo, apesar de não ser o tema principal, verificamos não existirem muitos estudos sobre este tipo de *bullying* (virtual).

Quanto à questão 4 concluímos que a legislação da RAM não aborda o conceito “*bullying*”, porém faz referência à violência em meio escolar entre alunos.

Relativamente à questão 5 constatamos que existe o *bullying* direto e indirecto, sendo que o primeiro inclui o *bullying* verbal, o físico e o sexual e o segundo o *bullying* psicológico e o social, existindo ainda o *bullying* virtual - *cyberbullying*. Contudo, verificamos, segundo as nossas pesquisas, que são vários os autores que não abordam o *cyberbullying* como um tipo de *bullying* relacionado com o contexto escolar, sendo que também o *bullying* sexual não é abordado por diversos autores. Porém, consideramos que estes dois tipos de *bullying* não são menos importantes que os restantes. Julgamos que estes tipos deveriam despertar maior atenção por parte dos investigadores.

No sentido de responder à questão 6 determinamos os diferentes perfis dos envolvidos em *bullying*, verificando que existe discordância, segundo alguns autores, no que respeita ao perfil do agressor, nomeadamente o fato de ser popular ou ter poucos amigos, a sua auto-estima ser elevada ou reduzida, o ser ou não ansioso e o ser ou não inseguro. O perfil da vítima passiva é abordado por todos os autores, estando eles em concordância. Quanto ao perfil da vítima-agressor, esta possui características tanto de agressor como de vítima em simultâneo. Em relação à testemunha concluímos que esta pode sentir-se atormentada com aquilo que assiste, tal como pode imitar o comportamento violento que presencia e tornar-se agressiva. Constatamos que são vários os autores que não fazem referência ao perfil tanto da vítima-agressor como da testemunha, contudo consideramos não serem menos importantes que os restantes perfis.

De forma a responder à questão 7 concluímos que, segundo os alunos, as agressões mais frequentes segundo os agressores e as vítimas, já as testemunhas assistiram a mais agressões físicas, verbais e sexuais. Os rapazes agrediram e foram agredidos mais de modo verbal e físico e as raparigas de forma verbal e psicológica/social. Concluimos ainda que foram os alunos do 9.º ano de escolaridade a presenciar mais situações de bullying, comparativamente aos alunos do 7.º ano.

No sentido de responder à questão 8, concluímos que os locais onde ocorre *bullying* escolar foram na sala de aula e nos intervalos das aulas, nomeadamente nos recreios, sala de aula, corredores e cantina, sendo os rapazes a agredir mais no recreio e as raparigas na sala de aula, corredores e cantina. Já nas escolas da RAM, os locais mais propícios para os comportamentos *buying* verificamos terem sido nos recreios, sala de aula, corredores e escadas, sendo que as testemunhas referiram também os recreios, corredores e escadas, acrescentando ainda os arredores da escola.

No sentido de responder à questão 9 averiguamos as consequências para os envolvidos em *bullying* escolar, tendo concluído que foram nefastas para todos eles, se reflectindo nas suas vidas, tanto a curto como a longo prazo. Contudo, verificamos que são vários os autores a não referir as consequências para as vítimas-agressor, tal como para as testemunhas, dando a entender que estes dois tipos de perfis não despertaram tanta importância para os estudos dos investigadores, contudo consideramos não serem menos importantes que os restantes perfis.

De forma a responder à questão 10, determinamos os vários tipos de intervenção existentes para prevenir e reduzir o *bullying* escolar, tendo concluído que a intervenção deve envolver toda a comunidade educativa, tal como os pais/encarregados de educação, os alunos e até membros da política, de forma a trabalharem juntos na questão.

Acreditamos que este estudo possa ser útil para pais/encarregados de educação, professores, psicólogos e demais profissionais da educação e saúde. Esta investigação oferece um conhecimento mais aprofundado sobre o *bullying*, abre caminho a novas pesquisas e permite a promoção da consciencialização geral sobre o tema, designadamente sobre a sua prevalência e efeitos, mas acima de tudo para que se possa atuar e prevenir esta problemática.

Referências

- Aalsma, M. C., & Brown, J. R. (2008). What is bullying? *Journal of Adolescent Health, 43* (2), 101-102.
- Abreu, M. S. (2011). *Bullying nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico: Um estudo de caso na Região Autónoma da Madeira*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, apresentado à Universidade da Madeira. Funchal.
- Alexander, J. (2007). *A agressividade na escola – Bullying - Um guia essencial para pais*. Lisboa: Editorial Presença.
- Almeida, A. S. A. (2009). *Bullies, vítimas, bullies-vítimas e bystanders: A empatia e a regulação emocional da auto-eficácia*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações, apresentado ao Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa: ISCTE-IUL.
- Alves, F. S., & Antunes, R. (2013). Bullying: como intervir? *O Guia para Pais e Educadores, 59* (5), 25-26.
- Andrade, L. C. F. (2012). *Bullying e cyberbullying: Um estudo num contexto escolar particular cooperativo*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, apresentado à Universidade da Madeira. Funchal.
- Bandeira, C., & Hutz, C. (2012b). As implicações do *bullying* na auto-estima de adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional, 14* (1), 1-9.
- Bandeira C., & Hutz C. (2012a). *Bullying*: Prevalência, implicações e diferenças entre os géneros. *Psicologia Escolar e Educacional, 16* (1), 1-10.
- Barros, P. C. (2012). *Jogos e brincadeiras na escola: Prevenção do bullying entre crianças no recreio*. Tese de Doutoramento em Estudos da Criança, especialidade de Educação Física, Lazer e Recreação, apresentada ao Instituto de Educação da Universidade do Minho. Minho.
- Barros, P., Carvalho, J., & Pereira, M. B. (2009). Um estudo sobre o bullying no contexto escolar. In: *IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 5738-5757*.
- Beane, A. L. (2011). *Proteja o seu filho do bullying*. Porto: Porto Editora.
- Bento, A. M. V. B. (2011). *As etapas do processo de investigação: Do título às referências bibliográficas*. Funchal: Universidade da Madeira.

- Bertão, A. (2004). Violência, agressividade e indisciplina em meio escolar: Perdidos em busca do amor. *Psycologica*, 36, 149-162.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Bouth, R. N., & Sousa, V. B. (2011). *Bullying: A intensidade e frequência da prática relacionados com o género do autor*. *Rev. Int. Investig. Cienc. Soc.*, 7 (1), 29-60.
- Carvalho, J. E. (2012). *Os benefícios das atividades lúdicas para a prevenção do bullying no contexto escolar*. Tese de Doutoramento em Estudos da Criança, especialização em Educação Física, Lazer e Recreação, apresentado ao Instituto de Educação da Universidade do Minho. Minho.
- Carvalhosa, S. F. (2010). *Prevenção da violência e do bullying em contexto escolar*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Carvalhosa, S. F., Moleiro, C., & Sales, C. (2009). A situação do bullying nas escolas portuguesas. *Interacções*, 13, 125-146.
- Carvalhosa, S. F., Lima, L., & Matos, M. G. (2002). *Bullying – A provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português*. *Análise Psicológica*, 4 (20), 571-585.
- Chicote, I., & Martins, M. (2009). Bullying: O pesadelo das escolas. *Nucleos*, 6 (2), 1-10.
- Costa, M. E., & Vale, D. (1998). *A violência nas escolas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Delors, J. et al. (1997). *Educação: Um tesouro a descobrir* (3.^a ed.). Porto: Edições Asa.
- Débarbieux, E. (2007). *Violência na escola – Um desafio mundial?* Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- Dicionário da Língua Portuguesa 2010* (2009). Porto: Porto Editora.
- Espinheira, F., & Jóluskin, G. (2009). Violência e bullying na escola: Um estudo exploratório no 5.º ano de escolaridade. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6, 106-115.
- Ferraz, S., & Pereira, B. (2012). Comportamentos de *bullying*: Estudo numa escola técnico profissional. In I. Condessa, B. Pereira, & C. Carvalho (Coord.). *Atividade física, saúde e lazer. Educar e Formar* (pp. 93-99). Braga: Centro de

- Investigação em Estudos da Criança, Instituto de Educação, Universidade do Minho.
- Francisco, M. V., & Libório, R. M. (2009). Um estudo sobre o bullying entre escolares do ensino fundamental. *Psicologia: Reflexão Crítica*, 22 (2), 1-10.
- Gimeno Sacristán, J. (1999). *Poderes instáveis em educação*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Gomes-Pedro, J. (1999). *Stress e violência na criança e no jovem*. Lisboa: Clínica Universitária de Pediatria Departamento de Educação Médica.
- Gonçalves, M. H. (2011). *Bullying – A violência nas organizações escolares, quando os professores são as vítimas: Um estudo descritivo na Região Autónoma da Madeira*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, apresentado à Universidade da Madeira. Funchal.
- Haber, J., & Glatzer, J. (2009). *Bullying – Manual anti-agressão – Proteja o seu filho de provocações, abusos, insultos*. Alfragide: Casa das Letras.
- Lefrançois, G. R. (2008). Teorias da aprendizagem. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, 13 (2), 351-352.
- Lovatto, P. A., Lehen, C. R., Carvalho, A. D., & Hauschild, L. (2007). Meta-análise em pesquisas científicas – Enfoque em metodologias. *Revista Brasileira de Zootecnia*, 36, 285-294.
- Luíz, A. J. B. (2002). Meta-análise: Definição, aplicação e sinergia com dados especiais. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, 19 (3), 407-428.
- Malta, D. C. et al. (2009). Bullying nas escolas brasileiras: Resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE), 2009 (2009). *Ciência & Saúde Coletiva*, 15 (2), 1-11.
- Martins, M. J. (2005). Agressão e vitimização entre adolescentes, em contexto escolar: Um estudo empírico. *Análise Psicológica*, 4 (23), 401-425.
- Matos, M., & Gonçalves, S. (2009). Bullying nas escolas: Comportamentos e percepções. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 10 (1), 3-15.
- Matos, M., Negreiros, J., Simões, C., & Gaspar, T. (2009a). *Violência, bullying e delinquência – Gestão de problemas de saúde em meio escolar*. Lisboa: Coisas de ler.

- Matos, M., Simões, C., Gaspar, T., & Equipa do Projeto Aventura Social (2009b). Violência entre pares no contexto escolar em Portugal, nos últimos 10 anos. *Interações*, 13, 98-124.
- Melim, F. M. O. (2011). *Na escola, tu és feliz? Estudo sobre as manifestações e implicações do bullying escolar*. Tese de Doutoramento em Estudos da Criança, especialização em Educação Física, Lazer e Recreação, apresentado ao Instituto de Educação da Universidade do Minho. Minho.
- Mendes, A. R. B. (1995). A criança e o adolescente: O outro lado da violência num universo de mudança. *Informar*, 1, 32-36.
- Neto, A. A. L. (2005). Bullying – Comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81 (5), 1-12.
- Noack, J. (2007). Reflexos sobre o acesso empírico da teoria de identidade de Erik Erikson. *Interação em Psicologia*, 11 (1), 135-146.
- Oliveira, H. A. C. (2012). *Violência entre colegas (bullying) em contexto escolar*. Dissertação de Mestrado em Educação Especial – Domínio Cognitivo e Motor, apresentado à Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa.
- Pereira, B. O. (1997). *Estudo e prevenção do bullying em contexto escolar – Os recreios e as práticas agressivas da criança*. Tese de Doutoramento em Estudos da Criança apresentado à Universidade do Minho. Minho.
- Pereira, B., Costa, P., Melim, F., & Farenzena, R. (2011). *Bullying escolar: Programas de intervenção preventiva*. In M. L. Gisi, & R. T. Ens (Eds.), *Bullying nas escolas: Estratégias de intervenção e formação de professores* (pp. 205). Curitiba – Brasil: Editora Unijuí da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.
- Pereira, B., Silva, M., & Nunes, B. (2009). Descrever o bullying na escola: Estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. *Diálogo Educ. Curitiba*, 9 (28), 455-466.
- Pereira, B. O., Mendonça, D., Neto, C., Almeida, A. T., Valente, L., & Smith, P. K. (1996). Facts and figures from the first survey on bullying in portuguese schools. European conference on education research (ECER), Sevilha. Submetido para publicação a *Educational Research and Evaluation*.

- Perestrelo, A. C. J. B. (2008). *A escola e a violência: Educar para transformar*. Dissertação de Mestrado em Filosofia, apresentado à Faculdade de Filosofia de Braga Universidade Católica Portuguesa. Braga.
- Pinheiro, F. M. F., & Williams, L. C. A. (2009). Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. *Cadernos de Pesquisa*, 39 (138), 1-14.
- Ramírez, F. C. (2001). *Conduitas agressivas em idade escolar*. Amadora: Mcgraw.
- Rebello, E., & Passos, J. S. (2009). *Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento*. Acedido em 23 de novembro de 2012 em <http://www.josesilveira.com/artigos/erikson.pdf>.
- Ribeiro, A. T. (2007). *O Bullying em contexto escolar: Estudo de caso*. Dissertação de Mestrado em Administração e Planificação da Educação, apresentado à Universidade Portucalense. Porto.
- Rosário, A. C., & Duarte, M. (2010). A agressão/vitimização entre pares: Um estudo longitudinal com alunos do 3.º ciclo do ensino básico. *Revista AMAzônica*, 5 (2), 7-22.
- Sampaio, D. (1996). *Voltei à escola*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Santos, M. R. (2004). Violência(s) na escola. *Psycologia*, 36, 163-174.
- Saúde, A. C. R. G. (2011). *Bullying e bem-estar psicológico em alunos dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e secundário*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação, apresentado à Faculdade de Psicologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa.
- Schultz, N., Duque, D., Silva, C., Souza, C., Assini, L., & Carneiro, M. (2012). A compreensão sistémica do bullying. *Psicologia em Estúdio*, 17 (2), 1-8.
- Sebastião, J. (2010). *Violência na escola – Tendências, contextos, olhares*. Chamusca: Edições Cosmos.
- Seixas, S. R. (2005). Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, 2 (23), 97-110
- Seixas, S. R. P. M. (2006). *Comportamentos de bullying entre pares – Bemestar e ajustamento escolar*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia, especialidade em Psicologia Pedagógica, apresentada à Universidade de Coimbra. Coimbra.
- Seixas, S. R. P. M. (2009). Diferentes olhares sobre o fenómeno bullying em contexto escolar. *Interações*, 13, 1-9.

- Serrate, R. (2009). *Lidar com o bullying na escola – Guia para entender, prevenir e tratar o fenómeno da violência entre pares*. Sintra: K Editora.
- Silva, J. L., Romano, T. A., & Mascarenhas, S. A. (2011). O fenómeno *bullying* como desrespeito à diversidade étnica – Uma investigação no sul do Amazonas. *Revista AMAzônica*, 1 (6), 27-34.
- Sousa, M. R., & Ribeiro, A. L. P. (2008). Revisão sistemática e meta-análise de estudos de diagnóstico e prognóstico: Um tutorial. In Sousa, M., & Ribeiro, A. L. P. Artigo de Revisão, 92 (3), 241-251. Acedido a 11 novembro, 2012.
- Valadez, I., Amazeva, R., González, N., Montes, R., & Vargas, V. (2011). Maltrato entre iguaes e intento suicida en sujetos adolescentes escolarizados. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 2 (9), 783-796.
- Veiga, F. H. (2007). *Indisciplina e violência na escola: Práticas comunicacionais para professores e pais* (3.^a ed.). Coimbra: Edições Almedina.
- Velez, M. F. (2010). *Indisciplina e violência na escola: Fatores de risco – Um estudo com alunos do 8.º e 10.º anos de escolaridade*. Dissertação de Mestrado em Educação, especialização em Formação Pessoal e Social, apresentado ao Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- Vila, C., & Diogo, S. (2009). *Bullying*. Acedido a 18 novembro, 2012, em <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/TL0142.pdf>.
- Vitale, C. A. (2001). Princípios no princípio: Prevenção da violência desde a escola primária. *Servir*, 49 (4), 200-205.
- Zaine, I., Reis, M., & Padovani, R. (2010). Comportamentos de bullying e conflito com a lei. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27 (3), 1-7.
- Zanello, V., Bukowitz, B., & Coelho, E. (2011). Xingamentos entre adolescentes em Brasília: Linguagem, gênero e poder. *Interações*, 17, 151-169.

Referências Legislativas

Decreto Legislativo Regional n.º 26/2006/M de 4 de julho. *Diário da República* n.º 127/2006 – 1.ª série. Assembleia da República.

Decreto Legislativo Regional n.º 32/2011/A de 24 de novembro. Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores.

Decreto-Lei n.º 270/2009 de 30 de setembro. *Diário da República* n.º 190/2009 – 1.ª série. Ministério da Educação.

Lei n.º 85/200 de 27 de agosto. *Diário da República* n.º 166/2009 – 1.ª série. Diário da República.

Lei n.º 39/2010 de 2 de setembro. *Diário da República* n.º 171/2010 – 1.ª série. Assembleia da República.

Lei n.º 51/2012 de 5 de setembro. *Diário da República* n.º 172/2012 – 1.ª série. Assembleia da República.

ANEXOS

Anexo 1

Envolvimento dos adolescentes em bullying escolar

Referência	Instrumento	Amostra	Envolvimento em <i>bullying</i>
Almeida (2009)	Questionário	256 alunos do 4.º ao 9.º ano de escolaridade; 8-17 anos.	Rapazes: 32,7% Raparigas: 23,1% Geral: 27,3%
Ferraz e Pereira (2012)	Questionário de Olweus (adaptado pelas autoras)	115 alunos; 15-24 anos de idade.	Envolvidos: 67% Não envolvidos: 33%
OMS (1998) (Matos <i>et al.</i> , 2009b)	Questionário internacional <i>Health Behaviour in School-aged Children</i> (HBSC)	Alunos do 6.º, 8.º e 10.º ano de escolaridade; 11, 13 e 15 anos de idade.	25,7% envolvidos com regularidade (2 ou mais vezes por mês, nos últimos 2 meses); 5,5% envolvidos de modo mais intenso (mais do que 2 vezes por semana, nos últimos 2 meses).
OMS (2002) (Matos <i>et al.</i> , 2009b)	Questionário internacional (HBSC)	Alunos do 6.º, 8.º e 10.º ano de escolaridade; 11, 13 e 15 anos de idade.	23,2% envolvidos com regularidade (2 ou mais vezes por mês, nos últimos 2 meses); 11,7% envolvidos de modo mais intenso (mais do que 2 vezes por semana, nos últimos 2 meses).
OMS (2006) (Matos <i>et al.</i> , 2009b)	Questionário internacional (HBSC)	Alunos do 6.º, 8.º e 10.º ano de escolaridade; 11, 13 e 15 anos de idade.	20,6% envolvidos com regularidade (2 ou mais vezes por mês nos últimos 2 meses); 7,6% envolvidos de modo mais intenso (mais do que 2 vezes por semana, nos últimos 2 meses).
Pinheiro e Williams (2009)	Questionário	239 alunos do 5.º ao 8.º ano de escolaridade; 11-15 anos de idade.	Nenhum envolvimento: Rapazes: 43,4% Raparigas: 55,1% Geral: 51%

Envolvimento dos adolescentes em bullying escolar (continuação A)

Referência	Instrumento	Amostra	Envolvimento em <i>bullying</i>
Seixas (2005)	Questionário de auto-preenchimento “Comportamentos de Saúde em Jovens em Idade Escolar” (HBSC)	680 alunos do 7.º, 8.º e 9.º ano de escolaridade; 11-16 anos de idade.	Segundo a auto-percepção dos alunos: 66%
Seixas (2006)	Metodologia descritivo-relacional ou diferencial; Escala de Auto-Conceitos para Adolescentes de Susan Harter	581 alunos do 7.º, 8.º e 9.º ano de escolaridade; 12-18 anos de idade.	42,20%

Anexo 2

Envolvimento dos adolescentes agressores em bullying escolar

Referência	Instrumento	Amostra	Agressores
Almeida (2009)	Questionário	256 alunos do 4.º ao 9.º ano de escolaridade; 8-17 anos de idade.	Rapazes: 13,3% Raparigas: 6,3% Geral: 9,4%
Bandeira e Hutz (2012a)	Questionário	465 alunos do 4.º ao 8.º ano de escolaridade; 9-18 anos de idade.	Rapazes: 18% Raparigas: 10,5%
Espinheira e Jólluskin (2009)	Questionário de Olweus (1989) (adaptado para a população portuguesa por Pereira, 2002)	120 alunos do 9.º ano de escolaridade; 10-12 anos de idade.	Rapazes agrediram: Rapazes: 2% Raparigas: 5,1% Raparigas agrediram: Rapazes: 63,3% Raparigas: 14,3%
Ferraz e Pereira (2012)	Questionário de Olweus (adaptado pelas autoras)	115 alunos; 15-24 anos de idade.	Rapazes: 15,8% Raparigas: 10,3% Geral: 13,9%
Martins (2005)	Questionário de auto-relato: “Exclusão Social e Violência na Escola” (adaptado de Diaz-Agudo <i>et al.</i> , 2004)	572 alunos do 7.º, 9.º e 11.º ano de escolaridade.	61%
Pinheiro e Williams (2009)	Questionário	239 alunos do 5.º ao 8.º ano de escolaridade; 11-15 anos de idade.	Rapazes: 3,6% Raparigas: 2,6% Geral: 2,9%

Envolvimento dos adolescentes agressores em bullying escolar (continuação A)

Referência	Instrumento	Amostra	Agressores
Seixas (2005)	Questionário de auto-preenchimento “Comportamentos de Saúde em Jovens em Idade Escolar” (HBSC)	680 alunos do 7.º, 8.º e 9.º ano de escolaridade; 11-16 anos de idade.	Segundo a auto-percepção dos alunos: Rapazes: 51,3% Raparigas: 48,8% Segundo a hetero-percepção dos alunos: Rapazes: 69,5% Raparigas: 30,5%
Seixas (2006)	Metodologia descritivo-relacional ou diferencial; Escala de Auto-Conceitos para Adolescentes de Susan Harter	581 alunos do 7.º, 8.º e 9.º ano de escolaridade; 12-18 anos de idade.	Rapazes: 69,2% Raparigas: 30,8% 7.º ano: 37,5% 8.º ano: 34,6% 9.º ano: 27,9% Geral: 17,9%

Anexo 3

Envolvimento dos adolescentes vítimas passivas em bullying escolar

Referência	Instrumento	Amostra	Vítimas passivas
Almeida (2009)	Questionário	256 alunos do 4.º ao 9.º ano de escolaridade; 8-17 anos.	Rapazes: 11,5% Raparigas: 12,6% Geral: 12,1%
Bandeira e Hutz (2012a)	Questionário	465 alunos do 4.º ao 8.º ano de escolaridade; 9-18 anos.	Rapazes: 16,7% Raparigas: 25,9%
Espinheira e Jólluskin (2009)	Questionário de Olweus (1989) (adaptado para a população portuguesa por Pereira, 2002); Questionário Sócio-Demográfico	120 alunos do 5.º ano de escolaridade; 10-12 anos de idade.	Vítimas 1 vez: Rapazes: 17,3% Raparigas: 50% Geral: 67,3% Vítimas 2 ou mais vezes: Rapazes: 21,2% Raparigas: 11,5% Geral: 32,7% Total vítimas: Rapazes: 71,2% Raparigas: 28,8%

Envolvimento dos adolescentes vítimas passivas em bullying escolar (continuação A)

Referência	Instrumento	Amostra	Vítimas passivas
Francisco e Libório (2009)	Questionário semi-aberto em estudos de Elliott (1992) e Olweus (1991)	283 alunos do 5.º ao 8.º ano de escolaridade; 10-18 anos de idade.	<p>Vítimas: 5.º ano da escola periférica: 17% 5.º ano da escola central: 12,8% 8.º ano da escola periférica: 14,9% 8.º ano da escola central: 15,4% Ambas as escolas: 13,9%</p> <p>Rapazes agredidos por rapazes: 5.º ano da escola periférica: 20,2% 5.º ano da escola central: 14,9% 8.º da escola periférica: 18,5% 8.º ano da escola central: 9,9% Ambas as escolas: 16,3%</p> <p>Raparigas agredidas por ambos os sexos: 5.º ano da escola periférica: 13,1% 5.º ano da escola central: 10,6% Ambas as escolas: 10,2%</p> <p>Raparigas agredidas por rapazes: 8.º ano da escola periférica: 12,3% 8.º ano da escola central: 10,2%</p>
Malta e colaboradores (2009)	Questionário autoaplicável	60.973 alunos do 9.º ano de escolaridade; 13-15 anos de idade.	<p>“Raramente sofreu <i>bullying</i>”: Rapazes: 26,6% Raparigas: 24,3% 13 anos: 29,5% 14 anos: 26,2% 15 anos: 21,4%</p> <p>“Sempre sofreu <i>bullying</i>”: Rapazes: 6% Raparigas: 4,8% 13 anos: 5,3% 14 anos: 5,6% 15 anos: 4,8%</p>
Martins (2005)	Questionário de auto-relato: “Exclusão Social e Violência na Escola” (adaptado de Diaz-Agudo <i>et al.</i> , 2004)	572 alunos do 7.º, 9.º e 11.º ano de escolaridade.	63%

Envolvimento dos adolescentes vítimas passivas em bullying escolar (continuação B)

Referência	Instrumento	Amostra	Vítimas passivas
OMS (1998) (Matos <i>et al.</i> , 2009b)	Questionário internacional HBSC	Alunos do 6.º, 8.º e 10.º ano de escolaridade; 11, 13 e 15 anos de idade.	13,6% envolvidos com regularidade; 3,9% envolvidos de modo mais intenso.
OMS (2002) (Matos <i>et al.</i> , 2009b)	Questionário internacional (HBSC)	Alunos do 6.º, 8.º e 10.º ano de escolaridade; 11, 13 e 15 anos de idade.	12,8% envolvidos com regularidade; 7,7% envolvidos de modo mais intenso.
OMS (2006) (Matos <i>et al.</i> , 2009b)	Questionário internacional (HBSC)	Alunos do 6.º, 8.º e 10.º ano de escolaridade; 11, 13 e 15 anos de idade	9,4% envolvidos com regularidade; 4,6% envolvidos de modo mais intenso.
Pereira e colaboradores (1996)	Questionário	4.092 alunos do 5.º e 6.º ano de escolaridade (escolas do Norte e Sul do país); 9-17 anos de idade	Escolas do Norte: Rapazes: 24% Raparigas: 19% Geral: 22% Escolas do Sul: Rapazes: 22% Raparigas: 17% Geral: 19%
Pinheiro e Williams (2009)	Questionário	239 alunos do 5.º ao 8.º ano de escolaridade; 11-15 anos de idade.	Rapazes: 24,1% Raparigas: 26,3% Geral: 25,5%

Envolvimento dos adolescentes vítimas passivas em bullying escolar (continuação C)

Referência	Instrumento	Amostra	Vítimas passivas
Seixas (2005)	Questionário de auto-preenchimento Comportamentos de Saúde em Jovens em Idade Escolar (HBSC)	680 alunos do 7.º, 8.º e 9.º ano de escolaridade; 11-16 anos de idade.	Segundo a auto-percepção dos alunos: 54% Segundo a hetero-percepção dos alunos: 15%
Seixas (2006)	Metodologia descritivo-relacional ou diferencial; Escala de Auto-Conceitos para Adolescentes de Susan Harter	581 alunos do 7.º, 8.º e 9.º ano de escolaridade; 12-18 anos de idade.	Rapazes: 80,5% Raparigas: 45% 7º ano: 40% 8º ano: 33% 9º ano: 27% Geral: 17,2%

Anexo 4

Envolvimento dos adolescentes vítimas-agressor em bullying escolar

Referência	Instrumento	Amostra	Vítimas-agressor
Almeida (2009)	Questionário	256 alunos do 4.º ao 9.º ano de escolaridade; 8-17 anos.	Rapazes: 8% Raparigas: 4,2% Geral: 5,9%
Bandeira e Hutz (2012a)	Questionário	465 alunos do 4.º ao 8.º ano de escolaridade; 9-18 anos.	Rapazes: 42,2% Raparigas: 36,4%
Neto (2005)	Questionário modelo TMR (adaptado por Ortega & MoraMerchan)	5.500 alunos do 5.º ao 8.º ano de escolaridade (2002/2003).	10,90%
OMS (1998) (Matos <i>et al.</i> , 2009b)	Questionário internacional HBSC	Alunos do 6.º, 8.º e 10.º ano de escolaridade; 11, 13 e 15 anos de idade.	5,80%
OMS (2002) (Matos <i>et al.</i> , 2009b)	Questionário internacional HBSC	Alunos do 6.º, 8.º e 10.º ano de escolaridade; 11, 13 e 15 anos de idade.	5,70%
OMS (2006) (Matos <i>et al.</i> , 2009b)	Questionário internacional HBSC	Alunos do 6.º, 8.º e 10.º ano de escolaridade; 11, 13 e 15 anos de idade.	4,90%
Pinheiro e Williams (2009)	Questionário	239 alunos do 5.º ao 8.º ano de escolaridade; 11-15 anos de idade.	Rapazes: 28,9% Raparigas: 16% Geral: 20,5%
Seixas (2005)	Questionário “Comportamentos de Saúde em Jovens em Idade Escolar” (HBSC)	680 alunos do 7.º, 8.º e 9.º ano de escolaridade; 11-16 anos de idade.	Segundo a auto-perceção dos alunos: 24% Segundo a hetero-perceção dos alunos: 6%
Zaine e colaboradores (2010)	Questionário de conflitos na escola de Pinheiro (2006) (adaptado para os adolescentes em conflito com a lei)	16 alunos; 13-19 anos.	100% admitiram terem sido vítimas e agressores em simultâneo "pelo menos 1 vez no último ano letivo"

Anexo 5

Envolvimento dos adolescentes testemunhas em bullying escolar

Referência	Instrumento	Amostra	Testemunhas
Bandeira e Hutz (2012a)	Questionário	465 alunos do 4.º ao 8.º ano de escolaridade; 9-18 anos.	Rapazes: 14,3% Raparigas: 17,3%
Ferraz e Pereira (2012)	Questionário de Olweus (adaptado pelas autoras)	115 alunos; 15-24 anos de idade.	Rapazes: 38,2% Raparigas: 38,5% Geral: 38,3% Não presenciaram: 61,7%
Martins (2005)	Questionário de auto-relato: “Exclusão Social e Violência na Escola” (adaptado de Diaz-Agudo <i>et al.</i> , 2004)	572 alunos do 7.º, 9.º e 11.º ano de escolaridade.	67%

Anexo 6

Envolvimento dos adolescentes em bullying fora da escola

Referência	Instrumento	Amostra	Agressor	Vítima	Testemunha
Abreu (2011)	Questionário de Olweus (adaptado para a população portuguesa pela Divisão de Apoio Psicológico de Orientação Escolar e Profissional)	523 alunos do 6.º ao 9.º ano de escolaridade; 10-19 anos de idade	(não refere)	74,8% porta da escola; 34,2% entrada para o autocarro; 29,3% caminho casa/escola/casa (a pé); 14,7% saída do autocarro.	(não refere)
Sampaio e investigadores (1996)	(não refere)	10.095 alunos do 8.º e 11.º ano de escolaridade; 14-16 anos de idade	18,3% "empurrei"; 8,9% "bati"; 1,8% "ameacei com uma arma ou outro objeto".	45,6% "insultado"; 33,4% "ameaçado com palavras ou gestos"; 32,3% "empurrado"; 24,4% "apalpado contra a sua vontade"; 13,9% "agredido"; 13,5% "vítima de exibicionismo"; 8,3% "ameaçado com objetos".	30,6% viram "um aluno bater noutra"; 29,8% viram "empurrar um colega, sem ser por brincadeira"; 4,8% viram "ameaçar com uma arma ou outro objeto".

Anexo 7

Envolvimento dos adolescentes em bullying escolar na RAM

Referência	Instrumento	Amostra	Envolvimento	Agressor	Vítima passiva	Testemunha
Abreu (2011)	Questionário (adaptado para a população portuguesa pela Divisão de Apoio Psicológico de Orientação Escolar e Profissional)	523 alunos do 6.º ao 9.º ano de escolaridade; 10-19 anos de idade	(não refere)	(não refere)	10,08% "mais que 1 vez".	(não refere)

Envolvimento dos adolescentes em bullying escolar na RAM (continuação A)

Referência	Instrumento	Amostra	Envolvimento	Agressor	Vítima	Testemunha
Andrade (2012)	Questionário	651 alunos do 5.º ao 9.º ano de escolaridade; 10-16 anos de idade	23,50%	12,3% agrediu "1 a 2 vezes no ano letivo"; 0,5% "3 vezes à semana"; 0,5% "mais de 3 vezes à semana".	20,8% foi vítima "1 ou 2 vezes durante o ano letivo"; 1,5% "3 vezes por semana"; 1,2% "mais de 3 vezes por semana".	37,4% já observou <i>bullying</i> "1 ou 2 vezes no ano letivo"; 10,3% "mais de 3 vezes à semana". Após a visualização dos atos agressivos a testemunha: "pedi ao agressor para parar": 36,4%; "ñ fiz nada" 29,5%; "apoiei a vítima": 28,3%; "recorri a um adulto": 16,7%; "aproximei-me para ver": 12,4%.

Envolvimento dos adolescentes em bullying escolar na RAM (continuação B)

Referência	Instrumento	Amostra	Envolvimento	Agressor	Vítima passiva	Vítima-agressor
Melim (2011)	Questionário de Olweus (1989) (adaptado para a língua portuguesa)	1.818 alunos do 2.º e 3.º ciclo da RAM; 10-18 anos de idade	(não refere)	Rapazes: 35,2% Raparigas: 23,1% 10-11 anos: 27,5% 12-13 anos: 29,7% 14-15 anos: 29,3% 16-18 anos: 30,5% Geral: 29,1%	Rapazes: 28,7% Raparigas: 31,7% 10-11 anos: 40,6% 12-13 anos: 30,4% 14-15 anos: 23,4% 16-18 anos: 18,6% Geral: 30,2%	(não refere)
		Estudo 1: Estudo sobre o bullying e as características da vitimização e da agressão				
		Estudo 2: Estudo sobre a identificação e caracterização dos diferentes perfis dos alunos envolvidos em bullying	Rapazes: 45,9% Raparigas: 39,7% 10-11 anos: 46,6% 12-13 anos: 43,6% 14 ou mais: 39,2% Geral: 42,8%	12,60%	13,70%	16,50%

Anexo 8

Envolvimento dos alunos adolescentes em cyberbullying

Referência	Instrumento	Amostra	Tipos de <i>cyberbullying</i> mais frequentes
Andrade (2012)	Questionário	651 alunos do 5.º ao 9.º ano de escolaridade; 10-16 anos de idade	"Ofenderam-me através da <i>internet</i> ou do telemóvel": 11,7% (1 ou 2 vezes no ano letivo); 0,3% (3 vezes por semana); 0,3% (mais de 3 vezes à semana).
			"Enviaram-me <i>sms</i> ou <i>e-mails</i> com o fim de me ameaçar ou insultar": 8% (1 a 2 vezes no ano letivo); 0,6% (3 vezes por semana); 0,5% (mais de 3 vezes à semana).
			"Enviaram-me ou postaram <i>online</i> mentiras sobre mim": 6,5% (1 ou 2 vezes no ano letivo); 0,5% (3 vezes por semana); 0,2% (mais de 3 vezes à semana).
			"Entraram na minha conta de <i>e-mail</i> e fizeram passar-se por mim, enviando aos meus contactos <i>e-mails</i> insultuosos": 6,3% (1 ou 2 vezes no ano letivo); 0,3% (mais de 3 vezes à semana).
			"Tiraram-me uma foto e colocaram <i>online</i> sem a minha autorização": 5,5% (1 a 2 vezes no ano letivo); 0,3% (3 vezes por semana); 0,3% (mais de 3 vezes à semana).
			"Partilharam com outras pessoas na <i>internet</i> informação íntima sobre mim que me deixasse embaraçado(a)": 4% (1 ou 2 vezes no ano letivo); 0,3% (mais de 3 vezes à semana).
"Tenho medo de ir ao computador": 0,6% (1 a 2 vezes no ano letivo).			

Anexo 9

Tipos de bullying existentes entre adolescentes em contexto escolar

Referência	Tipos de <i>Bullying</i>				
	<i>Bullying Direto</i>			<i>Bullying Indireto</i>	<i>Bullying Virtual / Cyberbullying</i>
	Verbal	Físico	Sexual	Psicológico/ Social	
Abreu (2011)	- Insultar; - Gozar; - Chamar nomes; - Humilhar.	- Bater; - Dar socos; - Empurrar; - Pontapear; - Agredir com objetos.	- Contato físico sem o consentimento da vítima; - Gestos obscenos; - Pedido de favores sexuais; - Relacionamento obrigado; - Mensagens de teor sexual.	- Tem como fim enfraquecer a auto-estima e fomentar a sensação de insegurança e medo; - Chantagear; - Ameaçar; - Ter atitudes cruéis; - Excluir ou ignorar.	- Utilização das tecnologias de informação e comunicação para ofender e causar danos à vítima.
Bandeira e Hutz (2012b)	- Apelidar; - Fazer comentários sobre as diferenças físicas; - Insultar; - Chamar nomes.	- Pontapear; - Dar socos; - Empurrar; - Roubar; - Danificar pertences; - Bater.	(não aborda o assunto)	- Excluir socialmente; - Isolar; - Ignorar; - Rejeitar; - Humilhar; - Intimidar; - Discriminar; - Fazer comentários racistas, homofóbicos, de diferenças religiosas, económico-sociais, culturais, morais e políticas.	- Ataques através de vias eletrónicas, mensagens instantâneas, <i>web sites</i> , <i>chats</i> .
Barros e colaboradores (2009)	- Apelidar; - Ofender verbalmente.	- Uso da força física.	- Abuso de poder onde o adolescente torna-se uma gratificação sexual de uma outra pessoa, forçando a práticas sexuais; - Assediar.	- Ameaçar; - Isolar; - Difamar; - Rejeitar; - Tratar com indiferença; - Discriminar.	- Forma virtual de praticar <i>bullying</i> ; Utilização através da <i>internet</i> e outras tecnologias de informação e comunicação como <i>e-mail</i> , <i>blogs</i> , <i>Msn</i> , com o intuito de maltratar, humilhar e constranger.

Tipos de bullying existentes entre adolescentes em contexto escolar (continuação A)

Tipos de Bullying					
Referência	Bullying Direto			Bullying Indireto	
	Verbal	Físico	Sexual	Psicológico/ Social	Bullying Virtual / Cyberbullying
Bouth e Sousa (2010)	- Apelidar de modo ofensivo; - Fazer comentários insultuosos e humilhantes; - Provocar repetitivamente; - Intimidar; - Cochichar sobre o outro nas costas.	- Bater; - Pontapear; - Beliscar; - Dar estalos; - Dar cotoveladas; - Empurrar; - Passar rasteiras; - Tomar, roubar e/ou danificar pertences; - Cuspir; - Ameaçar com linguagem corporal intimidadora.	- Abusar; - Violentar; - Assediar; - Insinuar.	- Irritar; - Humilhar; - Ridicularizar; - Isolar; - Ignorar; - Desprezar; - Discriminar; - Aterrorizar; - Ameaçar; - Chantagear; - Dominar; - Perseguir; - Difamar; - Fazer intrigas; - Iniciar rumores; - Espalhar cusquices; - Gozar; - Excluir; - Fazer comentários racistas.	(não aborda o assunto)
Carvalho (2012)	- Ameaçar.	(não aborda o assunto)	- Abuso de poder em que o jovem é usado como gratificação sexual ou forçado a práticas sexuais.	(não aborda o assunto)	(não aborda o assunto)
Chicote e Martins (2009)	- Dizer piadas humilhantes; - Criticar; - Apelidar de forma pejorativa e discriminatória; - Insultar; - Constranger.	- Bater; - Pontapear; - Tomar pertences.	- Forçar a vítima a ter relacionamento sexual.	- Levantar rumores desagradáveis e desqualificantes; - Discriminar; - Excluir do grupo social e de outras situações; - Manipular até obter o que quer; - Chantagear.	- É o mais temido de todos os tipos de <i>bullying</i> por ser o menos perceptível pelas pessoas; - O agressor é mascarado pelo fato da violência ser exercida através de <i>blogs</i> , <i>sites</i> de relacionamentos, <i>chats</i> , <i>e-mails</i> , agredindo de modo mais discreto.

Tipos de bullying existentes entre adolescentes em contexto escolar (continuação B)

Tipos de Bullying					
Referência	Bullying Direto			Bullying Indireto	
	Verbal	Físico	Sexual	Psicológico/ Social	Bullying Virtual / Cyberbullying
Espinheira e Jóluskin (2009)	- Chamar nomes.	- Bater; - Empurrar.	(não aborda o assunto)	- Ameaçar; - Chantagear; - Contar segredos; - Levantar rumores; - Excluir do grupo de pares.	(não aborda o assunto)
Matos e colaboradores (2009a)	- Ameaçar; - Insultar; - Intimidar; - Dizer piadas; - Dar alcunhas depreciativas; - Dizer mal do outro; - Dizer coisas desagradáveis; - Caluniar; - Criticar.	- Bater; - Empurrar; - Pontapear; - Danificar pertences.	- Abusar ou assediar sexualmente; - Fazer comentários e/ou gestos ordinários; - Dizer piadas sexuais.	- Ameaçar; - Implicar; - Excluir socialmente das brincadeiras e/ou atividades propositadamente; - Lançar boatos; - Discriminar pela raça ou cor.	(não aborda o assunto)
Matos e colaboradores (2009b)	- Chamar nomes; - Intimidar; - Insultar; - Ameaçar.	- Bater; - Pontapear; - Empurrar; - Roubar; - Usar armas.	(não aborda o assunto)	- Excluir; - Rejeitar.	(não aborda o assunto)
Melim (2011)	- Insultar; - Chamar nomes.	- Bater; - Pontapear; - Atirar pedras; - Esconder pertences.	- Abusar sexualmente.	- Fazer gestos ameaçadores; - Espalhar rumores; - Excluir do grupo ou de atividades.	- Enviar mensagens ofensivas e ameaçadoras, no qual a vítima sente-se angustiada e impotente para acabar com esta situação; - Mostrar fotografias embaraçosas da vítima circulando através do telemóvel.

Tipos de bullying existentes entre adolescentes em contexto escolar (continuação C)

Tipos de Bullying					
Referência	Bullying Direto			Bullying Indireto	
	Verbal	Físico	Sexual	Psicológico/ Social	Bullying Virtual / Cyberbullying
Neto (2005)	- Apelidar; - Ameaçar; - Ofender; - Fazer expressões ou gestos que gerem mal-estar à vítima.	- Agressões físicas; - Roubar.	(não aborda o assunto)	- Ter atitudes de indiferença; - Isolar; - Difamar.	- Uso da tecnologia da informação e comunicação (<i>e-mails</i> , telemóveis, mensagens escritas, fotos digitais, <i>sites</i> pessoais e difamatórios, ações difamatórias <i>online</i>) como recurso para a adoção de comportamentos deliberados, repetitivos e hostis, tendo como fim causar danos aos outros.
Oliveira (2012)	- Atacar a vítima emocionalmente quanto às suas diferenças físicas e intelectuais.	- Agressões físicas diretas à vítima.	(não aborda o assunto)	- Perseguir; - Aterrorizar; - Ameaçar; - Destruir a vida social, isolando a vítima; - Atacar quanto às diferenças de raça e/ou sexuais.	(não aborda o assunto)

Tipos de bullying existentes entre adolescentes em contexto escolar (continuação D)

Tipos de Bullying					
Referência	Bullying Direto			Bullying Indireto	
	Verbal	Físico	Sexual	Psicológico/ Social	Bullying Virtual / Cyberbullying
Serrate (2009)	- Insultar; - Dizer palavrões; - Salientar defeitos físicos.	- Socos; - Empurrões; - Pontapés; - Cotoveladas; - Agredir com objetos; - Cuspir; - Esperar a vítima fora da escola.	- Tratamento que implica o contacto físico sem o consentimento do outro; - Fazer gestos obscenos; - Pedidos de favores sexuais; - Enviar mensagens sexuais a faltar ao respeito.	- Intenção de minar a auto-estima do outro, fomentando a insegurança e medo; - Manipular a vítima emocionalmente; - Chantagear; - Isolar do resto do grupo; - Violência racial e religiosa.	(não aborda o assunto)
Silva e colaboradores (2011)	- Apelidar; - Insultar.	- Bater; - Pontapear; - Dar socos; - Empurrar; - Tomar pertences.	(não aborda o assunto)	- Espalhar rumores; - Falar mal do outro; - Ignorar; - Lançar boatos.	(não aborda o assunto)
Rosário e Duarte (2010)	(não aborda o assunto)	(não aborda o assunto)	(não aborda o assunto)	(não aborda o assunto)	- Utilização das novas tecnologias de informação e comunicação, para enviar mensagens e criar <i>web sites</i> para difamar de forma intencional para magoar os outros.

Tipos de bullying existentes entre adolescentes em contexto escolar (continuação E)

Referência	Tipos de <i>Bullying</i>				
	<i>Bullying Direto</i>			<i>Bullying Indireto</i>	
	Verbal	Físico	Sexual	Psicológico/ Social	<i>Bullying Virtual / Cyberbullying</i>
Vila e Diogo (2009)	(não aborda o assunto)	(não aborda o assunto)	- Fazer comentários sexuais e até mesmo contatos sexuais.	- Excluir de grupos sociais; - Comportamentos racistas.	- Difamar com recurso às tecnologias (<i>Msn, Hi5, MySpace</i>), com o intuito de maltratar, provocar, intimidar, ameaçar.
Zaine e colaboradores (2010)	- Insultar; - Apelidar de forma ofensiva.	- Pontapear; - Empurrar; - Bater; - Tomar pertences.	(não aborda o assunto)	- Discriminar; - Excluir do grupo social; - Levantar boatos - Contar histórias desagradáveis sobre o outro.	(não aborda o assunto)

Anexo 10

Perfil dos envolvidos em bullying escolar

Referência	Perfil dos envolvidos			
	Agressor	Vítima passiva	Vítima-agressor (provocativa)	Testemunha
Bandeira e Hutz (2012a)	<ul style="list-style-type: none"> - Agride com o intuito de magoar, prejudicar e humilhar a vítima, sem ter sido sequer provocado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Não reage aos ataques; - Agredida pelos colegas; - Mais vulnerável às agressões devido a algumas características físicas, comportamentais ou emocionais; - Pouco amigos; - Passiva; - Retraída; - Baixa auto-estima. 	<ul style="list-style-type: none"> - Impopular; - Rejeitada pelos colegas; - Baixa auto-estima; - Atitudes agressivas e provocativas; - Alterações psicológicas; - Depressiva; - Ansiosa; - Insegura; - Inoportuna; - Humilha os colegas para esconder as suas limitações; - Impulsiva; - Hiperativa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Não se envolve diretamente em <i>bullying</i>, mas participa como espetadora; - Sente simpatia pela vítima e sente-se mal ou triste ao presenciar a agressões; - Pode não conseguir ajudar a vítima por não saber como agir, por ter medo de se tornar na próxima vítima ou por medo de atuar de forma errada e causar mais problemas.
Bandeira e Hutz (2012b)	<ul style="list-style-type: none"> - Procura poder e liderança; - Age agressivamente contra o colega, com o intuito de o magoar e prejudicar; - Vê a sua agressividade como uma qualidade; - Tem opiniões positivas sobre si mesmo; - É bem aceite pelos colegas; - Sente prazer/satisfação em dominar, controlar e causar danos aos outros; - Mais forte que a vítima. 	<ul style="list-style-type: none"> - Constantemente abusada; - Inibida; - Passiva; - Submissa; - Sente vulnerabilidade, medo, vergonha; - Baixa auto-estima, aumentando assim a probabilidade de continuada vitimização. 	<ul style="list-style-type: none"> - Baixa auto-estima; - Atitudes agressivas e provocativas; - Alterações psicológicas; - Depressiva; - Ansiosa; - Insegura; - Inoportuna; - Humilha os colegas para esconder as suas próprias limitações; - Maltratada pelos colegas; - Impulsiva; - Hiperativa; - Impopular; - Rejeitada pelos pares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Cala-se, porque tem medo de ser a próxima vítima, por não saber como agir e por não acreditar nas atitudes da escola; - Sente simpatia pela vítima, tende a não culpá-la pelo ocorrido, condena o comportamento do agressor e o seu desejo é que os professores intervenham na situação; - Pode escolher o lado da vítima, se juntar ao agressor ou se manter passiva.

Perfil dos envolvidos em bullying escolar (continuação A)

Referência	Perfil dos envolvidos			
	Agressor	Vítima passiva	Vítima-agressor (provocativa)	Testemunha
Barros (2012)	- Não respeita as normas e as regras de convicência social.	- Ansiosa; - Insegura; - Cautelosa; - Sensível; - Choro fácil; - Baixa auto-estima; - Visão negativa de si mesma; - Sente medo, vergonha e fracasso; - Passiva; - Não possui estratégias de defesa; - Intimidada.	(não aborda o assunto)	(não aborda o assunto)
Bouth e Sousa (2010)	- Comportamento agressivo com os adultos para resolver problemas; Intimida e provoca de modo permanente; - Considera que todos devem ceder aos seus desejos; - Não possui empatia; - Inseguro; - Sente pressão; - Conseguir unir os outros membros a si, formando um grupo (ganguê) que o apoia nas agressões.	- Fraca auto-estima; - Introspectiva; - Frágil; - Constantemente ameaçada; - Intimidada; - Isolada; - Ofendida; - Discriminada; - Agredida; - Apelidada, - Provocada; - Roubada; - Sente medo e transparece o mesmo; - Receia ir para a escola; - Não procura ajuda por sentir-se indefesa; - Baixo rendimento escolar; - Depressiva; - Ansiosa; - Dificuldades em dormir, sofre pesadelos; - Dificuldades de relacionamento; - Insegura; - Sente pressão; - Passiva; - Dificuldades em impor-se; - Choro fácil.	- Sofre vitimizações; - Age de forma agressiva com os outros quando é agredida, mesmo que de modo inconsciente.	- Vê diariamente as situações de <i>bullying</i> , tornando-se insegura e temerosa; - Não conta o que observa por receio de se tornar um alvo ou por ter sido ignorada pelos adultos nas tentativas de comentar determinadas ocorrências.

Perfil dos envolvidos em bullying escolar (continuação B)

Referência	Perfil dos envolvidos			
	Agressor	Vítima passiva	Vítima-agressor (provocativa)	Testemunha
Carvalhosa e colaboradores (2002)	<ul style="list-style-type: none">- Implica frequentemente com os outros;- Bate nos outros;- Pratica atos desagradáveis para com os colegas;- Atitudes positivas em relação à violência;- Depressivo;- Poucos amigos e dificuldades para fazê-lo;- Infeliz na escola;- Envolve-se em comportamentos de risco para a saúde, como fumar e uso de drogas.	<ul style="list-style-type: none">- Constantemente incomodada;- Deprimida;- Poucas amizades;- Rejeitada pelos pares;- Considera a escola desagradável.	<ul style="list-style-type: none">- Tenta retaliar quando é atacada;- Reações agressivas;- Recusada pelos pares;- Desagrado pela escola;- Níveis sócio-económicos reduzidos.	(não aborda o assunto)

Perfil dos envolvidos em bullying escolar (continuação C)

Referência	Perfil dos envolvidos			
	Agressor	Vítima passiva	Vítima-agressor (provocativa)	Testemunha
Chicote e Martins (2009)	<ul style="list-style-type: none"> - Popular; - Lidera o grupo; - Temperamento agressivo; - Prazer em empregar a violência; - Faz brincadeiras e goza dos outros; - Envolve-se em desentendimentos, brigas e discussões constantes; - Ridiculariza os outros; - Não aceita regras; - Baixo rendimento escolar; - Ameaça sempre que não cedem aos seus desejos; - Intimida; - Anda em grupo; - Destrói o ambiente; - Manipula; - Não possui empatia; - Necessita dominar; - Sente raiva e irritabilidade; - Tem alterações de humor; - É temido pelo grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tímida; - Mais fraca que o agressor; - Frágil; - Incapaz de reagir e se defender; - Discriminada por apresentar algumas diferenças físicas (excesso de peso, pouco peso, portador de deficiências, muito alto, sotaque diferente, tirar boas notas); - Humilhada; - Intimidada; - A sua aprendizagem é prejudicada; - Não pede ajuda; - Isola-se; - Medo de ir para a escola; - Sofre em silêncio; - Fraca auto-estima; - Descontrolo emocional; - <i>Stressada</i>; - Sente dor; - Depressiva; - Ansiosa; - Ideias suicidas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reações violentas; - Transfere os maus-tratos sofridos para outros ainda mais fracos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Intimidada; - Indefesa; - Insegura; - Sofre em silêncio; - Não sabe como ajudar a vítima; - Tem medo de ir para a escola; - Ansiosa; - A sua aprendizagem é prejudicada; - Pode acreditar que é bom praticar <i>bullying</i>; - Manipulável; - Não concorda com o que vê, mas omite a sua opinião.
Francisco e Libório (2009)	<ul style="list-style-type: none"> - Faz uso de poder. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pouco sociável; - Insegura; - Reduzida auto-estima; - Quieta; - Não reage ao ato agressivo; - Mais fraca que o agressor; - Não se pode defender. 	<ul style="list-style-type: none"> (não aborda o assunto) 	<ul style="list-style-type: none"> - Não participa diretamente no ato; - Cala-se por receio de ser a próxima vítima.

Perfil dos envolvidos em bullying escolar (continuação D)

Referência	Perfil dos envolvidos			
	Agressor	Vítima passiva	Vítima-agressor (provocativa)	Testemunha
Haber e Glatzer (2009)	<ul style="list-style-type: none"> - Elevada auto-estima; - Popular; - Falta de empatia; - Falta às aulas; - Vandaliza propriedades; - Agressivo; - Usa drogas ilegais; - Fuma; - Possui amigos agressivos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Poucos amigos; - Depressiva; - Sintomas psicossomáticos (dores de cabeça e de estômago; dificuldades em adormecer); - Ideias suicidas. 	(não aborda o assunto)	(não aborda o assunto)
Matos e Gonçalves (2009)	<ul style="list-style-type: none"> - Faz uso do poder e gosta de dominar e controlar os outros; - Nutre um sentimento positivo em relação à violência; - Pouca empatia; - Popular; - Faz-se acompanhar por um pequeno grupo que o apoia; - Inseguro; - Ansioso; - Pouca auto-estima; - Falta de competências para resolver problemas; - Maior probabilidade que a vítima de beber álcool e fumar; - Reduzido desempenho escolar; - Mais alto e mais forte que a vítima; - Agressivo; - Impulsivo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mais fraca que o agressor; - Tímida; - Introversa; - Cautelosa; - Sensível; - Quieta; - Pouca auto-estima; - Poucos amigos; - Probabilidade de fumar e beber álcool; - Reduzido desempenho escolar; - Rejeitada; - Submissa; - Passiva; - Não provoca os colegas; - Não gosta de violência; - Chora, fica triste; - Isola-se. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pertence à minoria das vítimas; - Deficiência de aprendizagem; - Falta de competências sociais, o que os torna insensíveis aos colegas; - Faz troça e aborrecer os outros até que alguém lhe responda ou seja também agressivo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quando observa comportamentos de <i>bullying</i> também se torna, por vezes, agressiva; - Se os seus colegas agressores ganham respeito através do uso da agressividade para com os outros, então a testemunha também adota este tipo de comportamento para captar a atenção e defender-se.

Perfil dos envolvidos em bullying escolar (continuação E)

Referência	Perfil dos envolvidos			
	Agressor	Vítima passiva	Vítima-agressor (provocativa)	Testemunha
Matos e colaboradores (2009a)	<ul style="list-style-type: none"> - Extrovertido; - Desejo de domínio, poder e intimidação; - Atitudes delinquentes; - Desrespeito pelas normas/direitos dos outros; - Fraco envolvimento escolar e com os professores; - Elevada auto-estima; - Mais forte e mais velho que a vítima; - Dificuldades de auto-controlo; - Envolve-se em conflitos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Baixa auto-estima; - Ansiosa; - Sente medo; - Desenvolve fobias; - Sintomas físicos (dores de estômago); - Sintomas psicológicos (tristeza); - Isolamento social; - Tímida; - Angustia; - <i>Stressada</i>; - Dificuldades de concentração, atenção e aprendizagem; - Fraco envolvimento ou mesmo abandono escolar; - Propensão para o suicídio; - Problemas de competências sociais que podem originar a solidão; - Inibidas; - Não assertivas; - Apresenta emoções muito negativas quando é alvo de vitimização. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reage à agressão; - Não controla os impulsos; - Envolve-se em atos violentos. 	(não aborda o assunto)
Matos e colaboradores (2009b)	<ul style="list-style-type: none"> - Mais forte e idade superior à vítima; - Dificuldades de auto-controlo; - Envolvimento em conflitos; - Auto-estima elevada; - Rede de relações interpessoais mais alargada que a vítima. 	<ul style="list-style-type: none"> - Inibida; - Submissa; - Não assertiva; - Não responde à agressão; - Apresenta reações emocionais muito negativas quando é agredida como o choro, reforçando assim o comportamento do agressor; - Não provoca os colegas; - Não gosta de violência. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reage à agressão; - Não controla os impulsos; - Envolve-se frequentemente em atos violentos; - Dificuldades de aprendizagem; - Fracas competências sociais; - Aborrece os colegas; - Faz troça dos outros. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ao observar as situações de <i>bullying</i> fica com medo de ser a próxima vítima; - Sente-se desesperançada no que toca à intervenção por parte da escola para cessar o <i>bullying</i>.

Perfil dos envolvidos em bullying escolar (continuação F)

Referência	Perfil dos envolvidos			
	Agressor	Vítima passiva	Vítima-agressor (provocativa)	Testemunha
Melim (2011)	<ul style="list-style-type: none"> - Dominador; - Agressivo; - Pouco empático; - Dificuldades de concentração. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tímida; - Calada; - Ansiosa; - Fisicamente mais fraca que o agressor; - Insegura; - Choro fácil; - Fraca auto-estima; - Poucos amigos; - Rejeitada pelos colegas; - Dificuldades em se defender; - Auto-imagem negativa. 	<ul style="list-style-type: none"> - É alvo de agressões e faz o mesmo aos colegas, para preservar a sua auto-imagem. 	<ul style="list-style-type: none"> - Passiva no observar de situações de <i>bullying</i>, pois nada faz para o impedir; - Não interfere no ato por medo de ter problemas futuros.

Perfil dos envolvidos em bullying escolar (continuação G)

Referência	Perfil dos envolvidos			
	Agressor	Vítima passiva	Vítima-agressor (provocativa)	Testemunha
Neto (2005)	<ul style="list-style-type: none"> - Popular; - Tende a envolver-se em comportamentos anti-sociais; - Agressivo com os adultos; - Impulsivo; - Vê a sua agressividade como uma qualidade; - Tem opiniões positivas sobre si próprio; - Mais forte que a vítima; - Sente satisfação/prazer em dominar, controlar e causar danos e sofrimento aos outros; - Pouco satisfeito com a escola e família; - Mais propenso ao absentismo; - Tendência para comportamentos de risco (consumir tabaco, álcool e drogas; porte de armas; brigas); - Pequeno grupo em seu redor que o auxilia nas agressões. 	<ul style="list-style-type: none"> - Não dispõe de recursos ou habilidade para reagir ao <i>bullying</i>; - Pouco sociável; - Insegura; - Ansiosa; - Desesperançada em relação à adequação ao grupo; - Dificuldade em pedir ajuda; - Poucos amigos; - Passiva; - Retraída; - Infeliz; - Sofre com a vergonha; - Sente medo; - Depressiva; - Fraca auto-estima, considerando até ser merecedora dos maus-tratos sofridos; - Fraco envolvimento académico; - Auto-conceito negativo; - Evita a escola e o convívio social; - Atitudes de auto-destruição e suicídio. 	<ul style="list-style-type: none"> - Baixa auto-estima; - Atitudes agressivas e provocativas; - Alterações psicológicas; - Depressiva; - Insegura; - Inoportuna; - Humilha os colegas para esconder as suas próprias limitações; - Impopular; - Rejeitada pelos pares; - Pensamentos suicidas; - Distúrbios psiquiátricos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Não se envolve diretamente; - Permanece em silêncio por medo de ser a próxima vítima, por não saber como agir ou por descreer nas atitudes da escola; - Sente simpatia pela vítima, tende a não culpabilizá-la pelo ocorrido; - Condena o comportamento do agressor e deseja intervenção por parte dos professores; - A forma como reage ao <i>bullying</i> permite classificá-la como: auxiliar (participa ativamente na agressão); incentivadora (estimula o agressor); observadora (só observa ou se afasta); defensora (protege a vítima ou chama um adulto para interromper a agressão); - Acredita, por vezes, que a agressão é o melhor caminho para alcançar a popularidade e o poder, torna-se agressor; - Adere ao <i>bullying</i> por pressão dos colegas; - Quando interfere no ato de modo a cessá-lo, origina ações de sucesso em muitos casos.

Perfil dos envolvidos em bullying (continuação H)

Referência	Perfil dos envolvidos			
	Agressor	Vítima passiva	Vítima-agressor (provocativa)	Testemunha
Pereira (1997)	<ul style="list-style-type: none"> - Acredita que com a força resolve todos os problemas; - Não respeita as regras; - Dificuldades de auto-controlo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Auto conceito negativo; - Reduzida auto-estima; - Depressiva; - Ideias suicidas; - Problemas de concentração. 	(não aborda o assunto)	(não aborda o assunto)
Pereira e colaboradores (2009)	(não aborda o assunto)	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Stressada</i>; - Ansiosa; - Sente-se triste; - Ideias suicidas. 	(não aborda o assunto)	(não aborda o assunto)
Rosário e Duarte (2009)	<ul style="list-style-type: none"> - Todos têm que realizar as suas vontades; - Quer ser o centro das atenções; - Sente-se recompensado por obter poder, objetos materiais que deseja; - Adota o papel de ameaçador, agressor e ridicularizador. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mais frágil que o agressor; - Não pede ajuda; - Desinteresse, medo, falta de vontade em ir para a escola; - Depressiva; - Baixa auto-estima; - Socialmente rejeitada. 	(não aborda o assunto)	<ul style="list-style-type: none"> - Não participa no ato agressivo; - Aprende a conviver com as agressões em silêncio.
Schultz e colaboradores (2012)	<ul style="list-style-type: none"> - Impulsivo; - Agressivo; - Irresponsável; - Ansioso; - Inseguro; - Elevada auto-estima; - Raramente anda sozinho, fazendo-se acompanhar por um grupo de apoiantes que o incentiva, encoraja e valoriza o seu comportamento de valentão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Frágil; - Tímida; - Baixa auto-estima; - Apática (por vezes); - Dificuldade em fazer amigos; - Pode ter um sotaque diferente, cor de pele diferente, portador de deficiências, vestir-se de modo desigual, excesso de peso ou ser muito magro, ser bom aluno. 	<ul style="list-style-type: none"> - Sofre agressões e pratica agressão; - Hiperativa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quando adota a lei do silêncio testemunha tudo, mas não atua por receio de ser a próxima vítima. Pode não participar na agressão mas manifesta apoio ao agressor; - Ausência de iniciativa e de senso de autoeficácia, que a impede de defender a vítima e solicitar auxílio de apoio à mesma.

Perfil dos envolvidos em bullying (continuação I)

Referência	Perfil dos envolvidos			
	Agressor	Vítima passiva	Vítima-agressor (provocativa)	Testemunha
Seixas (2006)	- Agrida verbalmente.	- Passiva; - Insegura; - Ansiosa; - Incapaz de se defender.	- Sofre agressões e pratica agressão; - Hiperativa.	(não aborda o assunto)
Seixas (2009)	- Associado a comportamentos anti-sociais (violência, delinquência, consumo de substâncias).	- Sintomas físicos de saúde (dores de cabeça e barriga); - Solidão; - Depressiva; - Ansiosa.	(não aborda o assunto)	(não aborda o assunto)
Serrate (2009)	- Através da violência atinge os seus fins; - Elevada auto-estima; - Falta de culpabilidade; - Falta de empatia; - Impulsivo; - Temperamento agressivo; - Falta de controlo da raiva.	- Insegura; - Dificuldades e insucesso escolar; - Ansiosa; - Desenvolve fobias; - Insatisfeita; - Riscos físicos; - Chora com facilidade; - <i>Stressada</i> ; - Não se defende sozinha; - Retraída; - Frágil; - Vulnerável; - Tímida; - Não responde à violência; - Fisicamente menor que o agressor; - Depressiva; - Fraca auto-estima; - Desenvolvimento pouco saudável; - Perturbação devido ao <i>stress</i> pós-traumático.	- Ansiosa; - Reação agressiva; - Problemas de concentração; - Comportamento irritante; - Hiperativa.	- Conhece a situação de <i>bullying</i> mas não interfere no ato.

Perfil dos envolvidos em bullying escolar (continuação J)

Referência	Perfil dos envolvidos			
	Agressor	Vítima passiva	Vítima-agressor (provocativa)	Testemunha
Silva e colaboradores (2011)	<ul style="list-style-type: none"> - Tem opiniões positivas sobre si próprio; - Não é inseguro; - Não é ansioso; - Mais forte que a vítima; - Popular; - Pode ter um pequeno grupo que o auxilia nas agressões. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mais fraca que o agressor; - Fácil de dominar; - Tímida; - Dificuldade para impôr-se perante determinadas situações; - Tranquila; - Submissa; - Sensível; - Baixa auto-estima; - Insegura; - Pouco sociável; - Poucos recursos para se defender das agressões. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tende a não ficar passiva perante as agressões; - Depressiva; - Baixa auto-estima; - Ansiosa; - Hiperativa; - Inquieta; - Comportamento agressivo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tem comportamentos relativos perante a agressão: é auxiliar (participa ativamente da agressão); incentivadora (incita e estimula o agressor); observadora (só observa ou se afasta); defensora (protege a vítima ou chama alguém para interromper a agressão).
Vila e Diogo (2009)	<ul style="list-style-type: none"> - Visão distorcida da realidade cognitiva; - Não respeita as regras sociais; - Dificuldades de auto-controlo; - Problemas de relacionamento afetivo e social; - Antipático ou arrogante; - Vem normalmente de famílias pouco estruturadas e de pobre relacionamento afetivo; - Inexistência de supervisão dos pais; - Uso da agressão na resolução de problemas no seio familiar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Visão distorcida da realidade cognitiva; - Fraca auto-confiança; - Reduzida auto-estima; - Problemas de concentração; - Problemas de relacionamento; - Ideias suicidas; - Frágil; - Não dispõe de habilidades físicas e emocionais para reagir; - Insegura; - Isola-se socialmente o que a impede de solicitar ajuda; - Dificuldades para fazer amigos ou se integrar num grupo. 	<p>(não aborda o assunto)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Insegura; - Sente-se incomodada com o que assiste e fica com medo; - Presencia as situações de <i>bullying</i> mas não interfere; - Omite por tornar-se insegura e amedroada, visto ter medo de sofrer represálias ou por estar solidária com o sofrimento da vítima e não ter coragem por assumir a identidade de agressor; - Pode se sentir incomodada com a situação e com a incapacidade de agir.

Perfil dos envolvidos em bullying escolar (continuação L)

Referência	Perfil dos envolvidos			
	Agressor	Vítima (passiva)	Vítima-agressor (provocativa)	Testemunha
Zaine e colaboradores (2010)	<ul style="list-style-type: none"> - Impulsivo; - Desejo de dominar; - Pouca empatia; - Maior e mais forte que a vítima; - Temperamento explosivo, - Reduzida tolerância à frustração; - Agressivo; - Desafiante; - Opositivo; - Popular; - Intimida todos aqueles que considera que não responderão às suas agressões. 	<ul style="list-style-type: none"> - Não responde às provocações; - Não se defende; - Isola-se; - Tímida; - Passiva; - Baixa auto-estima; - Fisicamente menor que o agressor. 	<ul style="list-style-type: none"> - Temperamento explosivo; - Responde às provocações; - Fisicamente menor que o agressor. 	<ul style="list-style-type: none"> - Possui a função de audiência para o agressor, servindo-lhe como importante fonte de reforços e atribuindo-lhe poder; - Pode ter dificuldade em intervir em favor da vítima por medo de retaliações ou de se tornar em vítima; - Pode se sentir coagida a ceder à pressão do agressor e participar no ato.

Anexo 11

Agressões mais frequentes entre adolescentes em contexto escolar

Referência	Agressões mais frequentes
Bandeira e Hutz (2012a)	<p>Segundo os agressores (Porcentagem para rapazes e raparigas, respetivamente): Insultos; apelidos: 44,1% e 34,1%. Ambos: 70,7% Mentiras: 2,9% e 4,5%. Ambos: 6,6% Ameaças: 7,8%; 7,3%. Ambos: 13,5% Empurrões; pontapés; socos: 11,8% e 5%. Ambos: 15,4% Isolamento: 4,5% e 3,2%. Ambos: 6,9% Roubar ou danificar pertences: 2% e 0%. Ambos: 1,9%</p> <p>Segundo as vítimas (percentagem respondida pelos rapazes e raparigas, respetivamente): Insultos; apelidos: 35,1% e 38,6%. Ambos: 61,1% Mentiras: 11% e 20,5%. Ambos: 25,7% Ameaças: 12,2% e 10,9%. Ambos: 19,35% Empurrões; pontapés; socos: 9,8% e 5%. Ambos: 12,5% Isolamento: 3,7% e 4,5%. Ambos: 6,8% Roubar ou danificar pertences: 2,4% e 1,8%. Ambos: 3,6%</p>
Francisco e Libório (2009)	<p>"Fui ameaçado": 5.º ano da escola periférica: 36,4% 5.º ano da escola central: 26,5% Ambas as escolas: 23,3%</p> <p>"Insultaram-me, riram de mim": 8.º ano da região periférica: 21,4% 8.º ano da escola central: 18,9%</p>
Martins (2005)	Espalhar rumores.
Matos e Gonçalves (2009)	Insultos verbais; Chamar nomes; Lançar boatos; Dizer piadas sexuais; Excluir das atividades.
Neto (2005)	54,2 % apelidos; 16,1% agressões.
OMS (2002) (Matos <i>et al.</i> , 2009b)	26,1% gozo; insultos; troça; 14,3% comentários ou gestos ordinários; piadas sexuais; 13,1% exclusão intencional social ou de atividades.

Agressões mais frequentes entre adolescentes em contexto escolar (continuação A)

Referência	Agressões mais frequentes
Pereira (1997)	Percentagem para rapazes e raparigas, respectivamente: Bater: 43,9% e 32,1%; Tirar coisas: 36,8% e 28,6%; Meter medo: 14% e 23,2%; Chamar nomes: 59,6% e 64,3%; Falar mal de mim: 19,3% e 64,3%; Não me falar: 10,5% e 17,9%.
Rosário e Duarte (2010)	Percentagem do 7.º e 9.º ano segundo os agressores, respetivamente: “Ignorei”: 35,8% e 50%; “Exclui de actividades”: 12,2% e 11,4%; “Falei mal de alguém”: 53,3% e 54,5%; “Rejeitei”: 17% e 20,5%; “Insultei e gozei”: 34% e 37,5%; “Chamei nomes”: 21,7% e 20,5%; “Estraguei objectos”: 4,7% e 3,4%; “Roubei coisas”: 0% e 2,3%; “Bati”: 14,2% e 16,1%; “Ameacei”: 10,4% e 8%; “Intimidei com frases de carácter sexual”: 5,7% e 5,7%; “Obriguei a situações sexuais”: 1,9% e 0%; “Ameacei com armas”: 0,9% e 3,4%.
	Percentagem do 7.º e 9.º ano segundo as testemunhas, respetivamente: Vi “ignorar”: 57,5% e 65,9%; Vi “excluir de actividades”: 43,4% e 48,9%; Ouvi “falar mal de alguém”: 71,7% e 72,7%; Vi “rejeição”: 54,7% e 56,8%; Ouvi “insultos e gozação”: 67,9% e 70,5%; Ouvi “chamar nomes”: 53,8% e 63,6%; Vi “estragar objetos”: 28,3% e 39,8%; Vi “roubar coisas”: 17% e 21,6%; Vi “bater”: 44,3% e 51,1%; Vi “ameaçar”: 31,1% e 37,9%; Ouvi “intimidar com frases de carácter sexual”: 12,3% e 15,9%; Ouvi “obrigar a situações sexuais”: 8,5% e 5,7%; Vi “ameaçar com armas”: 6,6% e 8%.

Agressões mais frequentes entre adolescentes em contexto escolar (continuação B)

Referência	Agressões mais frequentes
	Segundo as vítimas: 63,6% "empurrado"; 29,1% "agredido"; 6,6% "ameaçado com objetos"; 67,6% "insultado"; 54,6% "ameaçado com palavras ou gestos"; 42,3% "apalpado contra a sua vontade"; 19,5% "vítima de exibicionismo".
Sampaio e investigadores (1996)	Segundo as testemunhas: 62,5% viu "empurrões"; 64% viu "agressões físicas"; 7,6% viu "ameaças com objetos"; 83,4% viu "insultos"; 6,7% viu "ameaças com palavras ou gestos"; 69% viu "apalpar sem ser da vontade da vítima"; 18,9% viu "cenas de exibicionismo" à vítima.
	Vítimas "sempre" e "quase sempre": Apelidos desqualificantes: 14,9%; Bater: 12,2%; Falar mal da vítima: 10%; Ridicularizar: 8%; Roubar: 7,3%; Excluir: 5,2%; Ignorar: 5,2%;
Valadez e colaboradores (2011)	Impedir de participar: 5%; Destruir pertences: 4,9%; Ameaçar: 3,7%; Obrigiar a fazer algo: 3,4%; Carícias sexuais contra a vontade da vítima: 3,4%; Insultos de caráter sexual; gestos obscenos: 3,1%; Ameaçar com uma arma: 2%.

Agressões mais frequentes entre adolescentes em contexto escolar (continuação C)

Referência	Agressões mais frequentes
Zaine e colaboradores (2010)	Segundo os agressores: Agressão física com pontapés e empurrões: 81,25% Brincadeiras desagradáveis e gozar: 62,5% Ameaçar fisicamente: 56,25% Segundo as vítimas: Ameaças físicas: 56,25% Rumores falsos: 56,25% Ameaças físicas com objetos: 43,75% Brincadeiras desagradáveis e gozar: 43,75%

Anexo 12

Agressões mais frequentes entre adolescentes em contexto escolar na RAM

Referência	Agressões mais frequentes
Abreu (2011)	Inventar coisas sobre o outro: 24,7%; Gozo: 22,4%; Pontapés: 15,4%; Ameças: 15,1%; Tentar bater na vítima: 12,1%; Destruição de objetos da vítima: 7,5%.
Andrade (2012)	Chamar nomes ofensivos: 4,5%; Gozo, humilhação: 3,4%; Levantar rumores, calúnias: 2,2%; Excluir do grupo: 1,8%; Bater: 0,9%; Empurrar violentamente: 0,8%. <i>Bullying</i> verbal: 35,1% <i>Bullying</i> físico: 22%
Melim (2011)	Chamar nomes: 73,2%; Falar de mim, segredos: 45,5%; Bater, dar murros e pontapés: 28%; Meter medo, ameaçar: 24%; Pedir dinheiro emprestado e não devolver: 23%; Não me falam: 12,4%; Roubar: 10,9%; Insultos devido à raça ou cor: 6,7%; Espalhar mensagens: 6%; Deixam-me só: 5,8%.

Anexo 13

Locais onde ocorre o bullying entre adolescentes em contexto escolar

Referência	Locais onde ocorrem mais agressões
Francisco e Libório (2009)	28,6% recreio; 27,9% sala de aula.
Pereira e colaboradores (1996)	78% recreio (escolas do Norte do país); 74% recreio (escolas do Sul do país).
Pereira (1997)	Percentagem para rapazes e raparigas, respetivamente: Recreios: 92,5% e 90,9%; Sala de aula: 26,4% e 27,3%; Corredores: 15,1% e 18,2%; Cantina: 9,4% e 10,9%.

Anexo 14

Locais onde ocorre bullying entre adolescentes em contexto escolar na RAM

Referência	Locais onde ocorre
Abreu (2011)	Corredores: 58,3%; Jardim: 55,3%; Campo de jogos: 30,2%; Balneários: 26,8%; Escadas: 23,3%; Bar dos alunos e cantina: 19,5%.
Andrade (2012)	Os agressores agredem mais: Recreio: 47,5%; Sala de aula: 10,8%; Corredores e escadas: 9,8%.
	As vítimas são mais incomodadas: Recreio 58,4%; Sala de aula 14,1%; Corredores e escadas: 13,1%.
	A testemunha assiste às agressões: Recreio 81%; Corredores e escadas 28,7%; Arredores da escola: 25%.

Anexo 15

Consequências do bullying escolar para os adolescentes envolvidos

Referência	Consequências			
	Agressor	Vítima	Vítima-agressor	Testemunha
Bandeira e Hutz (2012a)	<ul style="list-style-type: none"> - Tendência para comportamentos de risco (consumo tabaco, álcool e drogas) e portes de armas; - Pode dar continuidade à agressão pela vida adulta; - Pode desenvolver sentimentos de culpa e vergonha pelos atos inadequados, isolamento ou exclusão social. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dores de cabeça e abdominais; - Insónias; - Enurese noturna; - Enfraquecimento da auto-estima. 	<ul style="list-style-type: none"> - Depressão; - Ansiedade; - Problemas de conduta; - Problemas com o grupo de pares; - Sintomas psicossomáticos e psicológicos; - Frequentes encaminhamentos para serviços de psiquiátricos; - Probabilidade de persistência no seu envolvimento em <i>bullying</i>; - Tentativas suicidas; - Comportamentos de risco (consumo excessivo de tabaco, álcool e outras substâncias), violência e comportamento anti-social; - Enfraquecimento da auto-estima; - Alterações psicológicas; - Rejeição dos pares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Sente-se mal ou triste com o que observa; - Vive com medo de ser a próxima vítima.
Bandeira e Hutz (2012b)	(não aborda o assunto)	<ul style="list-style-type: none"> - Depressão; - Pode tentar o suicídio; - Os efeitos podem persistir pelo percurso escolar todo e pela vida adulta; - Sintomas físicos e emocionais; - Ansiedade; - Medo e vergonha; - Cefaleia; - Enurese; - Enfraquecimento da auto-estima. 	<ul style="list-style-type: none"> - Enfraquecimento da auto-estima; - É agredido e agride os outros, causando-lhes sofrimento; - Alterações psicológicas; - Depressão; - Ansiedade; - Insegurança; - Problemas de comportamento; - Rejeição dos pares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Medo de ser a próxima vítima; - Pode se juntar ao agressor e participar com ele nos atos violentos.

Consequências do bullying escolar para os adolescentes envolvidos (continuação A)

Referência	Consequências			
	Agressor	Vítima	Vítima-agressor	Testemunha
Barros (2012)	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldades em respeitar as regras de convivência social; - Entra na vida de pré-delinquência, envolvendo-se mais tarde em problemas de conduta, droga, crimes, alcoolismo, acabando, muitas vezes, por ser preso. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ansiedade; - Enfraquecimento da auto-estima; - Medo e vergonha; - Auto-conceito negativo; - Insegurança. 	(não aborda o assunto)	(não aborda o assunto)
Bouth e Sousa (2010)	<ul style="list-style-type: none"> - Adota também com os adultos um comportamento violento para resolver conflitos; - Junta membros para o seu grupo (gangue) para com ele participar nas agressões; - Insegurança. 	<ul style="list-style-type: none"> - Medo de ir para a escola e desinteresse; - Baixo rendimento escolar; - Enfraquecimento da auto-estima; - Problemas psicossomáticos, comportamentais e psíquicos (transtorno do pânico, depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar e social, ansiedade generalizada, dificuldade em adormecer); - Agravamento de problemas pré-existentes devido ao tempo prolongado de <i>stress</i>, observando-se, por vezes, até quadros de esquizofrenia; - Dificuldades de relacionamento; - Enfraquecimento do rendimento escolar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Sofrimento; - É agredida e, por sua vez, agride os outros, causando-lhes danos. 	- Torna-se temerosa.

Consequências do bullying escolar para os adolescentes envolvidos (continuação B)

Referência	Consequências			
	Agressor	Vítima passiva	Vítima-agressor	Testemunha
Carvalhosa e colaboradores (2002)	<ul style="list-style-type: none"> - Delinquência futura e violência; - Depressão; - Insatisfação escolar; - Comportamentos de risco para a saúde (fumar, uso de drogas). 	<ul style="list-style-type: none"> - Dores de cabeça e barriga; - Depressão; - Desinteresse pela escola. 	<ul style="list-style-type: none"> - Desagrado pela escola. 	<ul style="list-style-type: none"> (não aborda o assunto)
Chicote e Martins (2009)	<ul style="list-style-type: none"> - Gosto pela violência, envolvendo-se regularmente em conflitos; - Enfraquecimento do rendimento escolar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Depressão; - Ansiedade; - Alto <i>stress</i>; - Dores não específicas; - Problemas de relacionamento; - Abuso de drogas e álcool; - Tentativas de suicídio; - Descontrolo emocional; - Caída da auto-estima; - Sofrimento em silêncio; - Medo de ir para a escola; - Descontrolo emocional; - Aprendizagem prejudicada; - Isolamento. 	<ul style="list-style-type: none"> - Transfere os maus-tratos sofridos para outros ainda mais fracos, causando-lhes danos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Sofrimento em silêncio; - Medo de ir para a escola; - Ansiedade; - Aprendizagem prejudicada; - Pode acreditar que é bom praticar <i>bullying</i>, adotando o papel de agressor; - Pode ser manipulada pelo agressor e iniciar agressões; - Insegurança.
Francisco e Libório (2009)	<ul style="list-style-type: none"> (não aborda o assunto) 	<ul style="list-style-type: none"> - Tornam-se angustiadas; - Enfraquecimento da auto-estima; - Sentimentos de tristeza; - Isolamento; - Insegurança. 	<ul style="list-style-type: none"> (não aborda o assunto) 	<ul style="list-style-type: none"> - Medo de se tornar a próxima vítima.

Consequências do bullying escolar para os adolescentes envolvidos (continuação C)

Referência	Consequências			
	Agressor	Vítima passiva	Vítima-agressor	Testemunha
Haber e Glatzer (2009)	<ul style="list-style-type: none"> - Comportamentos de risco (fumar, roubar e uso de drogas ilegais); - Desinteresse pela escola; - Depressão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Depressão; - Sintomas psicossomáticos (dores de barriga e cabeça, dificuldades em adormecer); - Pode tentar o suicídio; - Ansiedade social em adultos; - Enfraquecimento do nível acadêmico. 	(não aborda o assunto)	(não aborda o assunto)
Matos e Gonçalves (2009)	<ul style="list-style-type: none"> - Problemas futuros de desenvolvimento e manutenção de relações positivas; - Tendência para comportamentos de risco (consumo de tabaco e álcool); - Ansiedade; - Insegurança; - Não tem gosto pela escola, logo tem fracos resultados escolares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tristeza e rejeição; - Pode tentar o suicídio; - Abandono escolar; - Enfraquecimento do rendimento escolar; - Pode tornar-se futuramente em agressor; - Sintomas de doença psicológica (depressão e ansiedade) e física (dores de cabeça e barriga), sendo os efeitos refletidos na vida adulta; - Isolamento; - Probabilidade de fumar e beber álcool; - Caída da auto-estima. 	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldades de aprendizagem; - É agredido e faz o mesmo aos outros, causando-lhes danos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ao observar <i>bullying</i> pode se tornar agressiva também.

Consequências do bullying escolar para os adolescentes envolvidos (continuação D)

Referência	Consequências			
	Agressor	Vítima passiva	Vítima-agressor	Testemunha
Matos e colaboradores (2009a)	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldades na adaptação social futura; - Atitudes delinquentes; - Desrespeito pelas normas/direitos dos outros; - Enfraquecimento do rendimento escolar; - Envolvimento em conflitos; - Dificuldades de relacionamento; - Dificuldades de auto-controlo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Enfraquecimento da auto-estima; - Ansiedade; - Medo; - Fobias; - Angústia; - Alto <i>stress</i>; - Dificuldades de concentração, atenção e aprendizagem; - Abandono dos estudos; - Problemas de competências sociais; - Efeitos destrutivos a nível do desenvolvimento físico (dores de cabeça e barriga), intelectual (tristeza) e social (isolamento social); - Desenvolvimento de perturbações psicológicas (depressões, traumas, dificuldades a nível relacional); - Adota comportamentos de risco (consumo de álcool, tabaco e drogas); - Reduzido envolvimento familiar e escolar; - Comportamentos que põe a sua integridade física e a de outros (conduzir em excesso de velocidade e sob álcool); - Tentativas suicidas; - Solidão. 	<ul style="list-style-type: none"> - É agredida e faz o mesmo aos outros, causando-lhes danos; - Dificuldades de auto; - Envolvimento em violência. 	(não aborda o assunto)

Consequências do bullying escolar para os adolescentes envolvidos (continuação E)

Referência	Consequências			
	Agressor	Vítima passiva	Vítima-agressor	Testemunha
Matos e colaboradores (2009b)	<ul style="list-style-type: none"> - Envolvimento em conflitos constantes; - Dificuldades de auto-controlo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Danos à saúde mental; - Ansiedade; - Medo; - Desenvolvimento de percepções de vulnerabilidade e desesperança. 	<ul style="list-style-type: none"> - Envolvimento em conflitos constantes; - Dificuldades de aprendizagem. 	<ul style="list-style-type: none"> - Danos à saúde mental; - Aumento da ansiedade; - Medo de ser a próxima vítima; - Desenvolvimento de percepções de vulnerabilidade e desesperança
Melim (2011)	<ul style="list-style-type: none"> - Comportamentos anti-sociais quando adultos, podendo cometer crimes e tornar-se em mãe/pai e cônjuge abusivo; - Problemas de conduta; - Perturbações do comportamento; - Mais propenso ao consumo de álcool e drogas; - Sintomas psiquiátricos manifestados na vida adulta; - Dificuldade em cumprir regras; - Dificuldades de concentração e pobre ajustamento escolar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Rejeição; - Sintomas físicos (dores de cabeça e barriga); - Sintomas de <i>stress</i>; - Insegurança; - Depressão; - Solidão; - Infelicidade; - Enfraquecimento da auto-estima; - Ansiedade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Distúrbios alimentares; - Consumo de tabaco. 	<ul style="list-style-type: none"> - Sente-se incomodada ao presenciar o ato; - Medo de ser a próxima vítima; - Sofrimento; - Percurso académico e social prejudicado; - Distúrbios psiquiátricos na vida adulta.

Consequências do bullying escolar para os adolescentes envolvidos (continuação F)

Referência	Consequências			
	Agressor	Vítima passiva	Vítima-agressor	Testemunha
Neto (2005)	<ul style="list-style-type: none"> - Agressivo também com os adultos; - Comportamentos anti-sociais; - Tendência para comportamentos de risco (tabaco, álcool, drogas, porte de armas, ebrigas); - Pode precisar de vários serviços como de saúde mental, justiça na adolescência, educação especial e programas sociais; - Junta membros a si (gangue) para o auxiliar nas agressões. 	<ul style="list-style-type: none"> - Depressão; - Fraca auto-estima quando adulta; - Problemas de comportamento e anti-sociais em adulto; - Perda de oportunidades de emprego; - Instabilidade profissional, relacional e social; - Eneurese noturna, alterações do sono; - Cefaleia, hiperventilação; - Dor epigástrica; - Anorexia e bulimia; - Ansiedade; - Histeria; - Medo, pânico; - Enfraquecimento do rendimento escolar; - Evita a escola e o convívio social; - Auto-conceito negativo; - Auto-agressão; - Pode precisar de vários serviços como de saúde mental, justiça na adolescência, educação especial e programas sociais; - Insegurança; - Desesperança; - Tristeza; - Sofrimento; - Atitudes de auto-destruição; - Tentativas suicidas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Alterações psicológicas; - Depressão; - Tentativas suicidas; - Distúrbios psiquiátricos; - Pode precisar de vários serviços como de saúde mental, justiça na adolescência, educação especial e programas sociais; - Medo; - Tristeza; - Insegurança; - Enfraquecimento da auto-estima; - Rejeição. 	<ul style="list-style-type: none"> - Descontentamento com a escola; - Pode comprometer o seu desenvolvimento académico e social; - Medo de ser a próxima vítima; - Pode acreditar que a violência é o melhor caminho para alcançar a popularidade e o poder, recorrendo ao papel de agressor; - Adere ao <i>bullying</i> por pressão dos colegas.
Pereira (1997)	<ul style="list-style-type: none"> - Vida destruída; - Acredita que com a força resolve todos os problemas; - Dificuldades em respeitar a lei; - Dificuldades de inserção social; - Problemas de relacionamento afetivo e social; - Dificuldades de auto-controlo. 	<ul style="list-style-type: none"> - Vida infeliz; - Perda de auto-confiança; - Enfraquecimento da auto-estima; - Depressão; - Tentativas suicidas; - Problemas de concentração; - Dificuldades de ajustamento na vida adulta. 	(não aborda o assunto)	(não aborda o assunto)

Consequências do bullying escolar para os adolescentes envolvidos (continuação G)

Referência	Consequências			
	Agressor	Vítima passiva	Vítima-agressor (provocativa)	Testemunha
Pereira e colaboradores (2009)	(não aborda o assunto)	- Alto <i>stress</i> ; - Enfraquecimento da auto-estima; - Ansiedade; - Depressão; - Tristeza; - Tentativas suicidas.	(não aborda o assunto)	(não aborda o assunto)
Rosário e Duarte (2009)	- Envolvimento em situações de violência doméstica quando adulto - Delinquência e outros crimes.	- Desinteresse pela escola; - Enfraquecimento da auto-estima; - Medo; - Depressão; - Rejeição.	(não aborda o assunto)	- Sentimentos negativos em relação ao que observa.
Schultz e colaboradores (2012)	- Ansiedade; - Junta membros ao seu grupo para o auxiliar nas agressões.	- Medo em ir para a escola, mostrando desinteresse e desmotivação; - Perda do rendimento escolar; - Dificuldades de concentração e aprendizagem; - Enfraquecimento da auto-estima; - O <i>Cyberbullying</i> leva a sentimentos de depressão, desespero e perda.	- Sofre e causa sofrimento aos outros com o uso da agressão.	- Medo de ser a próxima vítima; - Pode apoiar o agressor.
Seixas (2006)	- Depressão; - Ansiedade.	- Ansiedade; - Insegurança.	- Depressão; - Elevada ansiedade; - Baixo rendimento escolar.	(não aborda o assunto)
Seixas (2009)	- Comportamentos anti-sociais como violência e delinquência; - Consumo de substâncias.	- Dores de cabeça e barriga; - Solidão; - Depressão; - Ansiedade.	(não aborda o assunto)	(não aborda o assunto)

Consequências do bullying escolar para os adolescentes envolvidos (continuação H)

Referência	Consequências			
	Agressor	Vítima passiva	Vítima-agressor	Testemunha
Serrate (2009)	- Sofre castigos (pais e professores); - Pode desencadear no futuro condutas delituosas.	- Dificuldades e insucesso escolar; - Ansiedade; - Fobia escolar; - Insatisfação; - Insegurança; - Depressão; - Sofrimento; - Sente-se aterrorizada; - Enfraquecimento da auto-estima; - Perturbação devido ao <i>stress</i> pós traumático; - Sintomas clínicos (neurose, histeria); - Riscos físicos; - Desenvolvimento pouco saudável; - Alto <i>stress</i> .	- Ansiedade; - Problemas de concentração.	- Medo de ser a próxima vítima.
Silva e colaboradores (2011)	- Junta a si membros para o auxiliar nas agressões.	- Enfraquecimento da auto-estima; - Insegurança.	- É agredida e agride os outros, causando-lhes danos; - Depressão; - Enfraquecimento da auto-estima; - Ansiedade.	- Pode participar na agressão ou incentivar o agressor.
Vila e Diogo (2009)	- Percepção distorcida da realidade cognitiva; - Dificuldades em respeitar as regras sociais; - Dificuldades na inserção social; - Problemas de relacionamento afetivo e social.	- Visão distorcida da realidade cognitiva; - Perda da auto-confiança; - Enfraquecimento da auto-estima; - Falta de concentração; - Dificuldade no ajustamento na vida adulta; - Problemas nas relações pessoais; - Morte (suicídio ou vítima de homicídio); - Insegurança; - Isolamento.	(não aborda o assunto)	- Insegurança; - Medo; - Sente-se incomodada com o que assiste.

Consequências do bullying escolar para os adolescentes envolvidos (continuação I)

Referência	Consequências			
	Agressor	Vítima	Vítima-agressor	Testemunha
Zaine e colaboradores (2010)	<ul style="list-style-type: none"> - Muitos agressores na adolescência, foram na vida adulta condenados por crimes graves, apresentando reincidência criminal, tais como: - Abuso de substâncias; - Relações negativas com os pares; - Delinquência; - Envolvimento com gangues; - Depressão; - Tentativas suicidas; - Violência doméstica. 	<ul style="list-style-type: none"> - Muitas vítimas na adolescência, foram na vida adulta condenados por crimes graves, apresentando reincidência criminal, tais como: - Abuso de substâncias; - Relações negativas com os pares; - Delinquência; - Envolvimento com gangues; - Depressão; - Tentativas suicidas; - Violência doméstica ; - Enfraquecimento da auto-estima; - Isolamento. 	<ul style="list-style-type: none"> - É agredido e, por sua vez, agride os outros, causando-lhes danos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pode se sentir coagida a ceder à pressão do agressor e participar no ato; - Pode reforçar o comportamento do agressor; - Medo de ser a próxima vítima.

Anexo 16

Tipos de intervenção para prevenir e reduzir o bullying escolar entre adolescentes

Referência	Intervenção
Andrade (2012)	<p>Escola:</p> <ul style="list-style-type: none">- Envolver toda a comunidade educativa (alunos, professores, funcionários da escola, pais/encarregados de educação);- Sensibilizar e consciencializar relativamente aos problemas, fazendo o levantamento da realidade escolar e elaborando o projeto de intervenção para posteriormente implementá-lo;- Adotar uma política de "tolerância zero" em relação ao <i>bullying</i>.
Bandeira e Hutz (2012a)	<p>Política:</p> <ul style="list-style-type: none">- Instituir políticas públicas que dêem prioridade à diminuição e prevenção do <i>bullying</i> nas escolas;- Investir e treinar profissionais da área educacional para elaborar e executar programas de prevenção ao <i>bullying</i>;- Tomar consciência das sérias consequências do <i>bullying</i> que merece especial atenção de toda a sociedade.
Carvalho (2012)	<p>Escola:</p> <ul style="list-style-type: none">- Promover o desenvolvimento de competências prossociais de interação interpessoal;- Envolver os pais/encarregados de educação, sensibilizando-os para o programa de redução do <i>bullying</i>. Convidá-los para sessões sobre a assertividade e técnicas educativas parentais não violentas, tal como reuniões ou conferências para divulgar o programa, encorajando-os a participar no planeamento, discutindo juntos o problema;- Incentivar o desenvolvimento de competências linguísticas, sócio-comunicativas, procurando alcançar a estabilidade emocional e psicológica dos alunos;- Estabelecer regras claras e sanções ou consequências decorrentes da sua infração;- Apoiar os alunos problemáticos no sentido de prevenir o desenvolvimento de problemas sociais mais severos;- Investigar a incidência do <i>bullying</i>, os alunos envolvidos, locais onde ocorre, determinando atitudes a consciencializar as pessoas para o fenómeno. <p>Professores:</p> <ul style="list-style-type: none">- Treino especializado no que toca à resolução de conflitos e desenvolvimento de competências, implementação de regras e sanções na sala de aula;- Supervisão dos espaços exteriores à sala de aula;- Ao tomarem conhecimento de situações de <i>bullying</i> devem falar em privado com o agressor, de modo a que não se repitam estes atos. <p>Pais/encarregados de educação:</p> <ul style="list-style-type: none">- Devem ensinar os filhos/educandos que a agressão é um comportamento inaceitável, estabelecendo limites para tal;- Desencorajar os filhos/educandos a usar a agressão ou retaliar perante a agressão;- Evitar formas de disciplina e punição física, pois ao fazê-lo reforçam a crença de que a violência é um modo apropriado para se alcançar o que se pretende;- Estar atentos a episódios de <i>bullying</i> em casa entre irmãos.

Tipos de intervenção para prevenir e reduzir o bullying escolar entre adolescentes
(continuação A)

Referência	Intervenção
Chicote e Martins (2009)	<p>Escola:</p> <ul style="list-style-type: none">- Deve agir contra situações de <i>bullying</i> o mais cedo possível;- A equipa escolar, juntamente com a participação dos pais/encarregados de educação e alunos é fundamental para estabelecer normas, diretrizes e ações priorizando a consciencialização geral, nomeadamente dos agressores sobre as suas atitudes, a proteção das vítimas e a garantia de um ambiente escolar à altura dos objetivos educativos. <p>Professores:</p> <ul style="list-style-type: none">- Devem observar atentamente a atitude dos alunos nos diversos espaços da escola;- Criar um ambiente favorável ao diálogo na sala de aula, de solidariedade, amizade, tolerância, respeito e cooperação, desenvolvendo atitudes de respeito à diferença que entre os alunos haja;- Quando tomam conhecimento de situações de <i>bullying</i>, devem informar a direção da instituição sobre o sucedido, tal como os pais/encarregados de educação dos alunos envolvidos no caso, procurando solucionar o problema com a participação de todos.
Ferraz e Pereira (2012)	<p>- É fundamental que as entidades responsáveis, políticos, professores, profissionais do ensino e saúde, reconheçam a diversidade de potencialidades que os jovens podem comportar, criando assim estratégias de comunicação intergrupar e permitindo-lhes tornarem-se parte integrante nas intervenções, de forma a transformá-los, desde cedo, em cidadãos úteis e ativos na sociedade em que vivem.</p> <p>Escola:</p> <ul style="list-style-type: none">- Identificar características individuais, interpessoais e comunitárias para a posse de armas entre os alunos;- Observar os alunos de perto e apoiá-los de modo a que esta problemática reduza e não se transforme posteriormente em delinquência destes membros.
Matos e Gonçalves (2009)	<p>Escola:</p> <ul style="list-style-type: none">- Compreender o contexto escolar em que ocorrem as situações de <i>bullying</i>;- Identificar fatores ambientais que possam prevenir ou agravar o <i>bullying</i> (atitudes de professores e funcionários, oferecendo formação adequada, realizando debates sobre o tema no currículo escolar, organizando a escola a nível de ocupações de tempos livres).

Tipos de intervenção para prevenir e reduzir o bullying escolar entre adolescentes
(continuação B)

Referência	Intervenção
Matos e colaboradores (2009a)	<p>Professores e escola:</p> <ul style="list-style-type: none">- Oferecer formação adequada, práticas inclusivas, promover o diálogo, envolvendo e responsabilizando os alunos;- Os programas e avaliações escolares devem se inclinar para uma melhoria qualitativa, promovendo uma aprendizagem individualizada;- Envolver e apoiar os pais/encarregados de educação. <p>Família:</p> <ul style="list-style-type: none">- Deve envolver-se no percurso escolar do seu educando, prevenindo comportamentos agressivos;- Envolver o adolescente em atividades como o desporto, a música e as artes, por exemplo, poderá ajudá-lo a melhorar os atos de violência, visto este se manter ocupado a realizar atividades que gosta. <p>Alunos:</p> <ul style="list-style-type: none">- Promover competências cognitivas, emocionais e comportamentais, como a gestão emocional, comportamento assertivo, competências na resolução de conflitos;- Promover o envolvimento e participação dos alunos de forma ativa;- Técnicas de relaxamento;- Promover atividades extracurriculares;- Técnicas de controlo de <i>stress</i>, aborrecimento/tédio, ansiedade ou depressão. <p>Política:</p> <ul style="list-style-type: none">- Investir e valorizar o sistema social e educativo.
Matos e colaboradores (2009b)	<p>Escola:</p> <ul style="list-style-type: none">- Deve avaliar o problema na própria escola;- Estabelecer regulamentos escolares com regras precisas para os alunos, usando sanções não-hostis e não-físicas;- Envolver e apoiar os pais/encarregados de educação;- Abertura à comunicação entre pais/encarregados de educação e professores;- Auxiliar professores, alunos e outros membros educativos a identificar os alunos envolvidos; <ul style="list-style-type: none">- Os programas de prevenção devem incluir a promoção de um capital social (família e grupo social) promovendo a inclusão social, o acesso aos locais alternativos protegidos e desenvolvimento de materiais para lazer;- Um programa de intervenção eficaz deve promover uma saúde mental positiva de bem-estar, recursos individuais, competências de auto-regulação, descentração e solução de problemas, iniciar e manter relações de amizade, saber lidar com as adversidades, procura de apoio dos pares e adultos;- O Programa de Promoção de Competências Pessoais e Sociais pretende promover a inserção social; harmonia; cooperação; conhecer melhor o seu corpo; capacidades de relacionamento com os outros; comunicação interpessoal verbal e não-verbal; identificação e gestão de emoções; identificação e solução de problemas e gestão de conflitos; promoção de competências sociais e da assertividade; expectativas positivas face ao futuro.

Tipos de intervenção para prevenir e reduzir o bullying escolar entre adolescentes
(continuação C)

Referência	Intervenção
Neto (2005)	<p>Escola:</p> <ul style="list-style-type: none">- Envolver os professores, funcionários, pais/encarregados de educação e alunos para implementar os projetos de redução do <i>bullying</i>;- Promover a consciencialização geral;- Apoiar as vítimas, fazendo com que se sintam protegidas;- Consciencializar os agressores sobre a correção dos seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro;- O trabalho deverá ser continuado, inserindo-se no quotidiano escolar como temas transversais em todos os momentos de vida escolar;- Encorajar os alunos a participar na supervisão e intervenção dos atos de <i>bullying</i>, pois o enfrentamento da situação pelas testemunhas demonstra aos agressores que eles não terão o apoio do grupo;- Elaborar treinamentos através de técnicas de dramatização podem ser úteis para que adquiram habilidade para lidar com o <i>bullying</i> de diferentes formas;- Formar grupos de apoio para proteger os alunos e os auxiliar nas situações de <i>bullying</i>;- Lidar e resolver efetivamente os casos de <i>bullying</i>, aperfeiçoar as suas técnicas de intervenção e buscar a cooperação de outras instituições como centros de saúde, concelhos tutelares e redes de apoio social. <p>Alunos:</p> <ul style="list-style-type: none">- Devem ser dadas condições para os agressores que desenvolvam comportamentos mais amigáveis e saudios, evitando o uso de ações meramente punitivas, como castigos, supervisões ou exclusão do meio escolar, que acabam por marginalizá-los.
Pereira (1997)	<p>Escola:</p> <ul style="list-style-type: none">- É necessário envolver os docentes, reinventar e melhorar os recreios/pátios para prevenir o <i>bullying</i>, repensar a supervisão e o acesso a equipamentos móveis, zelando por animação nos espaços e ocupação dos tempos livres dos alunos;- É crucial que a escola reconheça o problema, sejam partilhados e reconhecidos por todos o projeto educativo, criando assim um grupo de trabalho para sistematizar a intervenção e definir as prioridades.

Tipos de intervenção para prevenir e reduzir o bullying escolar entre adolescentes
(continuação D)

Referência	Intervenção
Pereira e colaboradores (2009)	<p>Escola:</p> <ul style="list-style-type: none">- Incluir o tema na formação de profissionais de diferentes áreas a exemplo da educação e saúde, assistência social, judiciária, segurança pública;- Tratar do problema o mais cedo possível junto do meio escolar e comunitário;- Elaborar um regulamento disciplinar e um projeto educativo definindo as políticas globais e envolvendo toda a comunidade educativa;- Sensibilizar e dar formação aos docentes, funcionários e pais/encarregados de educação;- Melhorar os recreios/pátios - reorganizando as diferentes áreas e equipando-as para o efeito possibilitando a acessibilidade a equipamentos móveis que facilitem o jogo e a supervisão dos espaços;- Oferecer desporto escolar e atividades para ocupação dos tempos livres;- Disponibilizar atividades nas pausas letivas;- Sensibilizar e dar formação aos médicos, psicólogos e outros profissionais essenciais para um trabalho interdisciplinar e intersectorial;- Formar docentes, auxiliares de ação educativa e pais/encarregados de educação;- Sensibilizar os alunos para a problemática e criando um clima não favorável à ocorrência de <i>bullying</i>. <p>Política:</p> <ul style="list-style-type: none">- As iniciativas sociopolíticas na área devem tentar responder aos desafios de tornar o <i>bullying</i> mais visível, entendendo melhor o processo da sua produção, formando profissionais competentes e socialmente comprometidos no seu enfrentamento.

Tipos de intervenção para prevenir e reduzir o bullying escolar entre adolescentes
(continuação E)

Referência	Intervenção
Pereira e colaboradores (2011)	<p>Escola:</p> <ul style="list-style-type: none">- Necessita reconhecer a existência do problema, definindo-o, formando um grupo de trabalho para sistematizar a intervenção;- Tomar medidas de atendimento e apoio à vítima pelos docentes;- Tomar consciência, que se cria a partir de um incidente escolar que causa alarme social;- Desenvolver normas que contemplem a criação e a aplicação de códigos de conduta adequados nas escolas;- Intervenções curriculares cujo fim é o reflexo dentro de cada um dos níveis educativos e a prática de normas éticas do comportamento social;- Organização da escola: melhorar a estrutura física, supervisão por adultos, introduzindo nos recreios/pátios materiais lúdicos móveis para livre utilização dos alunos, contando com o apoio dos agentes escolares;- Realização de ações comunitárias com vínculo docente e meio social;- Tomar medidas a nível da formação dos pais/encarregados de educação, professores e alunos;- Melhorar as aulas de educação e expressão físico-motoras (atividades lúdico-desportivas) com foco no jogo cooperativo, no aumento da auto-estima e criação de uma ludoteca para aprender a realizar jogos com regras e gerir o tempo livre;- Adoção de programas de apoio e acompanhamento educativo ainda em fase pré-escolar;- Introduzir na escola processos formativos dirigidos para a educação emocional, com práticas diárias de convívio respeitoso;- Promover competências cognitivas, emocionais, comportamentais, através da promoção de um comportamento assertivo na resolução de problemas, da participação ativa dos alunos e do envolvimento em atividades extracurriculares (trabalho cooperativo), os quais constituem fatores de proteção e medidas eficazes na diminuição da violência;- Ter um sistema aberto e partilhado em termos educacionais, baseado no encorajamento de condutas pró-sociais;- Estratégias de currículo (vídeo; teatro-debate; jogo dramático; histórias; oficinas de arte; jogos cooperativos; círculos de qualidade; treino assertivo para as vítimas; métodos de preocupação partilhada para agressores; assembleia e júri da escola - ações de coordenação por alunos; aconselhamento pelos pares);- O círculo de amigos, a vigilância escolar e a implementação da metodologia da mediação/resolução de conflitos e também os métodos com base no aconselhamento;- Fortalecimento da comunicação e do vínculo com os pais/encarregados de educação.

Tipos de intervenção para prevenir e reduzir o bullying escolar entre adolescentes
(continuação F)

Referência	Intervenção
Schultz e colaboradores (2012)	<p>- A intervenção deve incluir os alunos, funcionários, professores, pais/encarregados de educação e demais profissionais de educação.</p> <p>Escola:</p> <ul style="list-style-type: none">- Criar e manter regras claras contra o <i>bullying</i>, planejando estratégias de prevenção e tratamento;- Realizar investigações que permitam o diagnóstico, a fim de caracterizar a incidência e abrangência do problema na instituição de ensino, sendo promovidos meios de informá-la sobre em que consiste o <i>bullying</i>, como se manifesta e quais as consequências que acarreta para os envolvidos, tanto a curto como a longo prazo.
Vitale (2001)	<p>Escola:</p> <ul style="list-style-type: none">- Envolver os pais;- Promover um ambiente solidário para todos os alunos;- Esclarecer aos alunos as expectativas comportamentais, as diretrizes específicas, as consequências para as infrações e a finalidade que a consequências sejam uma mudança no comportamento e não um castigo;- Criar um ambiente escolar positivo, onde os alunos se sintam seguros, respeitados e importantes;- Ensinar os alunos a tratar os outros com amabilidade, a comportar-se com respeito e a resolver problemas sem raiva nem força.